



Sandra Isabel Santos Vieira **Implicaturas Escalares e Propriedades Semânticas**

Compreensão de Quantificadores em Perturbações Específicas da Linguagem da Criança

Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem na Criança

Março, 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem na Criança, área de Especialização em Terapia da Fala e Perturbações da Linguagem realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Madeira

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Setúbal, 29 de março de 2012

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

Ana Marie Madeira

---

Setúbal, 29 de março de 2012

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de forma especial à minha família.

Agradeço à Professora Ana Madeira pela disponibilidade e ensinamentos durante todo o processo de elaboração da dissertação, assim como à Professora Maria Lobo e Mestranda Helena Cancelinha.

Retribuo a colaboração das minhas colegas de profissão Carina Oliveira e Teresa.

Demonstro imensa gratidão aos responsáveis legais das crianças que participaram nesta dissertação, pois sem eles não teria sido possível elaborá-la.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de profissão que me apoiaram de forma incondicional, realçando o apoio diário das minhas amigas Dora Polido e Marisa Afonso.

## [RESUMO]

### [IMPLICATURAS ESCALARES E PROPRIEDADES SEMÂNTICAS - COMPREENSÃO DE QUANTIFICADORES EM PERTURBAÇÕES ESPECÍFICAS DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM]

[SANDRA VIEIRA]

**PALAVRAS-CHAVE:** Implicaturas Escalares, Quantificadores, Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL)

Grice (1975) defende uma distinção entre significado semântico (lógico) e significado pragmático, bem como máximas conversacionais que regem a interpretação pragmática. A interpretação de um enunciado constituído por quantificadores pode apresentar diferentes valores de verdade dependendo do tipo de significado que lhe é atribuído. Este estudo tem como objetivos verificar se as crianças com Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL), uma perturbação que compromete estruturas linguísticas, apresentam assimetrias quanto aos diferentes tipos de propriedades, semânticas e pragmáticas, dos enunciados quantificados, e se essas assimetrias estão relacionadas com o tipo de polaridade e o nível de complexidade dos quantificadores. Pretende-se, igualmente, verificar se as crianças com PEDL diferem na interpretação de enunciados com quantificadores em relação a crianças com a mesma idade cronológica e com a mesma idade linguística.

Como método recorreu-se a uma tarefa de juízo de valor de verdade, adotada de Katsos *et al.* (2011) e adaptada para o português europeu, designando-a de Teste de Implicaturas Escalares (TIE). Esta tarefa é constituída por itens referentes a enunciados quantificados com “todos”, “nenhum”, “alguns”, “alguns... não”, “a maioria” e “a maioria... não”, visando verificar a competência de crianças portuguesas com PEDL na interpretação dos mesmos. A tarefa contém três tipos de itens: enunciados que, segundo o significado lógico, representam duas condições, a verdadeira e a falsa, por um lado; e, por outro lado, enunciados que, segundo o significado pragmático, são logicamente verdadeiros mas subinformativos. A amostra é constituída por 9 crianças com PEDL, tendo sido também considerados dois grupos de controlo, um referente à idade cronológica (IC), e outro referente à idade linguística (IL), constituído por 9 participantes cada. Os resultados foram analisados, segundo a média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL e pelos grupos de controlo, recorrendo, primeiramente, a uma análise intragrupos e, posteriormente, a uma análise intergrupos. Conclui-se que a polaridade e a complexidade dos quantificadores influenciam a interpretação dos enunciados, embora de forma pouco significativa; quer na interpretação semântica quer na interpretação pragmática, o grupo PEDL revela dificuldades, apresentando um desempenho pouco consistente, o que poderá ser indicativo de um conhecimento ainda incompleto ou indeterminado das propriedades relevantes.

## [ABSTRACT ]

### [SCALAR IMPLICATURE AND SEMANTIC PROPERTIES – COMPREHENSION OF QUANTIFIED STATEMENTS IN SPECIFIC LANGUAGE IMPAIRMENT]

[SANDRA VIEIRA]

KEYWORDS: Scalar Implicature, Quantifiers, Specific Language Impairment (SLI)

Grice (1975) argues for a distinction between semantic (logical) and pragmatic meaning, as well as for conversational maxims governing pragmatic interpretation. The interpretation of a quantified utterance can be assigned different truth values depending on the meaning assigned to it. This study aims to determine whether children with Specific Language Impairment (SLI), a disorder that affects language structures, exhibit asymmetries between the two different types of properties, semantic and pragmatic, of quantified statements, and whether these asymmetries are related to the type of polarity and level of complexity of quantifiers. The aim is also to verify whether SLI children differ in the interpretation of quantified utterances with respect to age-matched and language-matched typically-developing children.

The method we used was a truth value judgment task, adopted from Katsos *et al.*(2011) and adapted to European Portuguese, which we called the Scalar Implicature Task (TIE). This task included a selection of items corresponding to quantified statements with “all”, “none”, “some”, “some...not”, “most” and “most...not”, and aimed to verify how competent Portuguese-speaking children with SLI are in interpreting them. The task contains three types of items: statements which represented the two logical conditions, true and false, and statements which, although logically true, were pragmatically underinformative. The sample consisted of nine children with SLI; furthermore, there were two control groups consisting of nine age-matched and nine language-matched children, respectively. The results were analyzed according to the average of responses provided by the SLI group and the control groups, using first an intragroup analysis and then an intergroup analysis. We concluded that polarity and complexity influence the interpretation of quantifiers to a certain extent; the SLI group show significant inconsistencies in their behavior, which indicate difficulties with both the semantic and the pragmatic interpretation, and either incomplete or indeterminate knowledge of the relevant properties.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	3
1.1 O significado semântico vs significado pragmático .....	3
1.2 Teoria de Grice: Princípio da Cooperação e Máximas Conversacionais .....	4
1.3 Implicaturas .....	7
1.3.1 Tipos de Implicaturas.....	7
1.3.2 Propriedades distintivas das Implicaturas .....	9
1.4 Quantificadores: tipologia e propriedades .....	11
1.5 Implicaturas Escalares.....	16
1.5.1 Processamento das IE .....	18
1.6 Desenvolvimento da compreensão de expressões quantificadas: aspetos gerais .....	24
1.6.1 Desenvolvimento da compreensão de Implicaturas Escalares, no desenvolvimento linguístico típico.....	27
1.6.2 Desenvolvimento da compreensão de Implicaturas Escalares, na Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL).....	30
1.6.3 Processamento de IE's na PEDL .....	34
1.7 Formulação das hipóteses .....	36
1.7.1 Apresentação das Hipóteses.....	37
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	38
2.1 Participantes.....	38
2.2 Instrumentos .....	40
2.3 Procedimentos.....	44
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	47
3.1 Resultados Intragrupos.....	47
3.1.1 Grupo PEDL.....	48
3.1.2 Grupo IC .....	51
3.1.3 Grupo IL.....	54
3.1.4 Síntese da análise intragrupos .....	56
3.2 Análise Intergrupos: Resultados em função da idade cronológica .....	57

3.2.1 Médias das respostas dadas na faixa etária de 7 anos.....	57
3.2.2 Médias das respostas dadas na faixa etária de 8 anos.....	59
3.2.3 Médias das respostas na faixa etária de 9 anos .....	61
3.2.4 Médias das respostas na faixa etária de 10 anos.....	62
3.2.5 Síntese da análise intergrupos, em função da idade cronológica .....	64
3.3 Resultados/discussão em função do desenvolvimento linguístico .....	65
3.3.1 Participante 1 .....	65
3.3.2 Participante 2.....	67
3.3.3 Participante 3.....	68
3.3.4 Participante 4.....	69
3.3.5 Participante 5.....	70
3.3.6 Participante 6.....	71
3.3.7 Participante 7.....	72
3.3.8 Participante 8.....	73
3.3.9 Participante 9.....	75
3.4 Médias das respostas dadas em função dos subtipos de PEDL.....	76
3.4.1 Subtipo fonológico-sintático .....	76
3.4.2 Subtipo léxico-sintático .....	77
3.4.3 Subtipo semântico-pragmático .....	78
3.5 Discussão geral .....	79
CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO .....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ÍNDICE DE FIGURAS.....	89
ANEXOS.....	92

## LISTA DE ABREVIATURAS

GU- Gramática Universal

ICG- *Implicatura Conversacional Generalizada*<sup>1</sup>

ICP- *Implicatura Conversacional Particularizada*<sup>2</sup>

IE- Implicatura Escalar<sup>3</sup>

PC- Princípio de Cooperação

PEDL- Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem

QU- Quantificadores Universais

TIE- Teste de Implicaturas Escalares

TR- Teoria da Relevância

---

<sup>1</sup> GCI- Generalized Conversational Implicature

<sup>2</sup> PCI- Particularized Conversational Implicature

<sup>3</sup> SI- Scalar implicature

## **Introdução**

A presente dissertação é elaborada no âmbito de mestrado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem na Criança, área de especialização em Terapia da Fala e Perturbações da Linguagem, do Instituto Superior de Saúde de Setúbal em parceria com a Universidade Nova de Lisboa.

O objeto de estudo centra-se nas implicaturas escalares, pretendendo-se verificar o desempenho de crianças com Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL) na aquisição de diferentes tipos de propriedade semânticas e pragmáticas dos quantificadores, em relação à polaridade, à complexidade e ao tipo de significado, semântico e pragmático. Pretende-se, igualmente, verificar se as crianças com PEDL diferem na interpretação de enunciados constituídos por quantificadores, em relação a crianças com a mesma idade cronológica e com a mesma idade linguística.

A escolha do tema deve-se à inexistente informação nacional publicada e ao surgimento de alguns estudos internacionais focados neste mesmo objeto de estudo. Desta forma, este estudo pretende contribuir de alguma forma para o conhecimento linguístico, nomeadamente, da interface entre a semântica e a pragmática, assim como para a intervenção ao nível da Terapia da Fala, contribuindo para uma melhor compreensão das especificidades desta patologia e levando a uma avaliação terapêutica mais detalhada e, conseqüentemente, a uma intervenção mais eficaz.

Para a recolha de dados, foi elaborado um teste de juízos de valor de verdade, em parceria com a mestrande Helena Cancelinha, baseado no teste utilizado por Katsos *et al.* (2010). O referido teste foi aplicado a um total de 27 crianças, onde 9 crianças constituem o grupo PEDL, 9 crianças constituem o grupo referente à idade cronológica e as restantes 9 crianças constituem o grupo com idêntico desenvolvimento linguístico. Os participantes possuem idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade e os participantes do grupo PEDL apresentam três subtipos de PEDL, especificamente, défice fonológico-sintático, défice léxico-sintático e défice semântico-pragmático.

O capítulo I descreve o enquadramento teórico do trabalho; proceder-se-á à (i) distinção entre o significado semântico e o significado pragmático; (ii) descrição da Teoria de Grice (1975, 1989) referente ao Princípio da Cooperação e às Máximas Conversacionais; (iii) definição do conceito de ‘Implicatura’; (iv) caracterização da

tipologia e das propriedades dos quantificadores; (v) caracterização das implicaturas escalares e do seu processamento; (vi) revisão da literatura sobre a aquisição de expressões quantificadas e sobre aspetos relativos à aquisição da compreensão de implicaturas escalares, no desenvolvimento típico e na PEDL, realizando-se uma breve descrição das especificidades desta patologia da linguagem, e, por fim, (vii) formulação das hipóteses deste estudo.

No capítulo II é descrita a metodologia utilizada neste estudo, referindo (i) as características da amostra e dos grupos de controlo, no que se refere ao número de participantes, género, idade e escolaridade; (ii) os instrumentos utilizados, especificamente, a Grelha de Observação da Linguagem - nível escolar (GOL-E) (Sua Kay *et al.*, 2003) e o Teste de Implicaturas Escalares (TIE) (adaptado de Katsos *et al.*, 2011), e, por fim, (iii) os procedimentos adotados neste estudo.

O capítulo III refere-se à análise e à discussão dos resultados, pretendendo (i) verificar o desempenho dos participantes do grupo PEDL, na interpretação semântica e pragmática, tendo em conta as características dos quantificadores, nomeadamente, polaridade e complexidade, numa análise intragrupos e (ii) comparar o desempenho dos participantes do grupo PEDL com os grupos de controlo, numa análise intergrupos.

Por fim, no último capítulo, a conclusão, será feito um resumo dos resultados obtidos nesta dissertação, de forma a relacioná-los com as hipóteses formuladas.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

### 1.1 O significado semântico vs significado pragmático

Aquando de qualquer ato comunicativo envolvendo pelo menos dois interlocutores, é necessário interpretar a informação que o interlocutor nos transmite. Tal interpretação poderá focar-se no que apenas é dito ou necessitar de processos inferenciais, valorizando aspetos contextuais.

A interpretação de um enunciado pode ser explícita quando a intenção do falante também o é, isto é, quando a informação que o falante pretende transmitir não suscita dúvidas, ao nível da sua interpretação. No caso em que um enunciado suscite dúvidas quanto à qualidade e quantidade de informação, recorre-se ao contexto e a outros tipos de conhecimento como forma de determinar as hipóteses desse significado implícito (Grice, 1957).

**O significado semântico**, ou **significado lógico**, relaciona-se com o significado / condições de verdade do enunciado, onde a interpretação é estabelecida diretamente a partir do significado das palavras e das relações estruturais entre elas, enquanto o **significado pragmático** resulta da análise inferencial, necessária para a interpretação dos enunciados em relação aos objetivos do falante e à informação contextual (Grice, 1957; Huang & Snedeker, 2009: 377). Cf. o exemplo (1), onde A e B dialogam acerca de C. Quando A coloca uma questão acerca do emprego de C, obtém a seguinte resposta:

(1) *B: Oh quite well, I think; he likes his colleague, and he hasn't been to prison yet.*

“Eu penso que bem, ele gosta dos colegas e ainda não foi preso.”

(Grice, 1975:43)

A resposta fornecida por B permite realizar duas interpretações: uma em que B pretende transmitir que C está bem no seu emprego e a outra, que resulta da expressão “*ainda não foi preso*”, que implica que C é o tipo de pessoa que poderá ceder a pressões no emprego e fazer algo que o leve à prisão.

Grice (1975) introduz o termo *implicate* (implicitar), que se relaciona com o termo *implicatum* (o que é implícito) e *implicature* (implicatura), e identifica diferentes tipos de implicaturas: **implicaturas convencionais** e **implicaturas não-convencionais ou conversacionais**, que serão descritas na subsecção 1.3.1

Assim, a interpretação dos enunciados é influenciada pelo tipo de significado que utilizamos para os interpretar. Na secção seguinte, descreveremos como, de acordo com Grice (1975), aspetos como a forma, a qualidade e a quantidade de informação dos enunciados também podem influenciar a interpretação pragmática dos mesmos.

### 1.2 Teoria de Grice: Princípio da Cooperação e Máximas Conversacionais

*Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which, it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange which you are engaged.*<sup>4</sup>

(Grice, 1975:45)

A citação refere-se à definição do Princípio de Cooperação (PC), proposto por Grice, que deve regular comportamentos linguísticos dos indivíduos nas trocas conversacionais; o autor considera que os indivíduos não podem ser totalmente livres nos atos comunicativos, necessitando de contribuir para a troca conversacional de forma clara e concisa, no que concerne à informação que partilham, “respeitando” assim o ouvinte e proporcionando um ato comunicativo eficaz. O PC é complementado com quatro máximas, propostas pelo mesmo autor, que serão, seguidamente, descritas.

A primeira máxima, a de Quantidade, sugere que um falante forneça uma contribuição tão informativa quanto a requerida, tendo em conta o propósito da troca conversacional, e que o falante não deve fornecer mais informação do que a que é requerida (Grice, 1975).

Os significados semânticos e pragmáticos são relevantes para a interpretação de enunciados, uma vez que podem produzir diferentes valores de verdade, em relação à informatividade de enunciado (Nieuwland *et al.*, 2010) e comprometer a máxima de quantidade. Cf. os exemplos (2):

(2) a) Some people have pets.

“Algumas pessoas têm animais de estimação.”

b) Some people have lungs.

---

<sup>4</sup> Tradução retirada de Gouveia (1996:403) “Faz com que a tua contribuição conversacional se adegue, no momento em que ocorre, às necessidades do propósito ou direção comumente aceite da troca conversacional em que participaste. ”

“Algumas pessoas têm pulmões.”

(Nieuwland *et al.*, 2010:325)

O exemplo (2a) é um enunciado verdadeiro, do ponto de vista da interpretação semântica, se houver pessoas que têm animais de estimação. Do ponto de vista da interpretação pragmática, é, igualmente, um enunciado verdadeiro, pois apenas algumas pessoas, mas não todas, têm animais de estimação, logo, do ponto de vista de informatividade, é considerado um enunciado informativo (Nieuwland *et al.*, 2010).

O enunciado em (2b), no que concerne ao significado semântico, também é verdadeiro, pois não existem pessoas sem pulmões. Porém, do ponto de vista do significado pragmático, é falso, pois todas as pessoas (e não apenas algumas) têm pulmões; portanto, este enunciado é classificado de subinformativo (Nieuwland *et al.*, 2010).

Assim, verifica-se que um enunciado, pode ser verdadeiro, do ponto de vista semântico, mas falso, segundo a pragmática.

A segunda máxima, a de Qualidade, propõe que o falante deve fornecer uma contribuição verdadeira, não devendo proferir informação que o próprio crê como falsa ou para a qual não tenha provas adequadas (Grice, 1975). A máxima de Relação defende que o falante deve ser relevante. Por fim, a máxima de Modo sugere que o falante deve ser perspicuo, breve e metódico, evitando ambiguidades e obscuridade de expressão (Grice, 1975).

Estas máximas demonstram ser cruciais para a eficácia comunicativa, quando aplicadas. Contudo, existem situações onde se verifica a violação da(s) máxima(s) ao nível do que é dito num enunciado (informação explícita), não podendo, porém, ser consideradas verdadeiras violações ao nível do que é implicado (informação implícita), tendo em conta o PC. De seguida, serão apresentadas três situações onde se observa que a aparente violação de uma das máximas conversacionais, ao nível do que é dito, influencia a interpretação dos enunciados, se se assumir a aplicação do PC e obtém-se uma implicatura conversacional. Cf. exemplo (3).

(3) A: *I am out of petrol.*

“Estou sem gasolina.”

*B: There is a garage round the corner.*

“Há uma oficina na esquina.”

(Grice, 1975:51)

O indivíduo B poderia infringir a Máxima de Relação, que se refere à relevância da informação, a menos que se pense em algumas possibilidades, como, por exemplo, que a oficina está aberta ou tem gasolina para vender. Nesse caso, não se verifica nem a violação do PC nem de nenhuma Máxima (Grice, 1975), pois o interlocutor B, ao informar que há uma garagem na esquina, contribui com o que considera revelante, tendo em conta o seu conhecimento.

Numa segunda situação, verifica-se que uma Máxima é violada em prol de outra, como é possível verificar no exemplo (4):

(4) *A: Where does C live?*

“Onde mora C?”

*B: Somewhere in the South of France.*

“Em algum lugar no Sul de França.”

(Grice, 1975:51)

O indivíduo B sabe que a sua resposta contém menos informação do que a necessária para responder adequadamente à questão colocada por A, logo, estamos perante a violação da Máxima de Quantidade. Esta violação, por parte de B, poderá ser explicada pela suposição de que este, ao ser mais informativo, acabaria por violar a Máxima de Qualidade, isto é, não realizaria uma contribuição verdadeira, uma vez que não sabe o local exato onde mora C (Grice, 1975).

Por fim, existem situações em que se explora as Máximas de forma a obter uma implicatura conversacional. Nestas situações, algumas máximas são violadas ao nível do que é dito, sendo que o ouvinte pode assumir que a(s) Máxima(s) violada(s) e o PC são respeitados ao nível do que é implicado. São exemplos desta situação a violação da primeira Máxima de Qualidade, dando origem, por exemplo, à ironia (Grice, 1975). Cf. exemplo (5):

(5) *X is a fine friend.*

“X é um bom amigo.”

(Grice, 1975:53)

Se o enunciado (5) for proferido por um indivíduo, numa situação em que X o enganou, pois não guardou segredo acerca de algo, então estamos perante a violação da Máxima de Qualidade.

Quando a aplicação do PC e das Máximas Conversacionais são violadas de alguma forma, comprometem as características da informação transmitida e influenciam a interpretação do enunciado. Assim, a informação é transmitida de forma implícita e a sua interpretação fará surgir uma implicatura.

### 1.3 Implicaturas

#### 1.3.1 Tipos de Implicaturas

De seguida serão apresentados os vários tipos de implicaturas (inferências) e respetivas características. Centrar-nos-emos na intenção do falante e na influência que o contexto pode exercer no processamento das implicaturas.

As implicaturas convencionais relacionam-se com o significado convencional das palavras, assim como com aspetos relativos à estrutura dos enunciados.

(6) *He is an Englishman; he is, therefore, brave.*

“Ele é inglês, portanto é corajoso.”

(Grice, 1975:44)

Neste tipo de implicaturas, tem-se em conta o significado das palavras utilizadas na frase. É dito que ele é inglês e que ele é corajoso; é implicitado (mas não dito explicitamente) que o facto de ele ser corajoso é consequência da sua nacionalidade, evidenciando-se, assim, a importância do significado das palavras, que determinam, neste caso, não apenas o que é dito, mas também o que é implicitado (Grice, 1975).

As implicaturas conversacionais, por seu lado, relacionam-se com aspetos discursivos: “*Quando um interlocutor X infringe uma das máximas mas o outro, Y, tem, apesar disso, razões para crer que X está numa atitude de cooperação, então Y é levado a considerar que X só infringiu a máxima ao nível daquilo que **disse**, mas que está a respeitá-la ao nível do que **quis dizer**, i.e., Y é levado a pensar que X está a **implicitar** algo **conversacionalmente** e procura assim uma interpretação para a inusitada intervenção de X*” (Lima, 1983 cit. in Gouveia, 1996:408).

As implicaturas conversacionais podem ser subdivididas em Implicaturas Conversacionais Particularizadas (ICP) e Implicaturas Conversacionais Generalizadas (ICG) (Grice, 1975). De seguida serão descritas características que permitem diferenciar os dois tipos de implicaturas conversacionais.

As ICP's são determinadas pelas características especiais do contexto (Grice, 1975), enquanto as ICG's ocorrem na ausência de condições especiais, isto é, são independentes do contexto e relacionam-se com aspetos estruturais do enunciado, podendo ser facilmente confundidas com implicaturas convencionais (Gouveia, 1996; Meibauer, 2006). Cf. (7):

(7) Contexto 1, A: *What time is it?*

“Que horas são?”

B: ***Some of the guests are already leaving.***

“Alguns dos convidados já estão a sair.”

- ICP: *It must be late.*  
“Já deve ser tarde.”
- ICG: *“Not all of the guests are already leaving.”*  
“Nem todos os convidados já estão a sair.”

Contexto2, A: *Where's John?*

“Onde está o John?”

B: ***Some of the guests are already leaving.***

“Alguns dos convidados já estão a sair.”

- ICP: *Perhaps John has already left.*  
“Talvez o John já tenha saído.”
- ICG: *Not all of the guests are already leaving.*  
“Nem todos os convidados já estão a sair.”

(Levinson, 2000: 16-17)

Os exemplos permitem verificar a influência que o contexto exerce nos dois tipos de implicaturas. Enquanto as ICP's dependem do contexto, as ICG's revelam-se independentes e associam-se a determinadas formas linguísticas (Meibauer, 2006). Cf. (8):

(8) *X is meeting a woman this evening.*

“X vai encontrar-se com uma mulher esta noite.”

(Grice, 1975:56)

O artigo indefinido implica que a mulher com quem *X se vai* encontrar não é a sua esposa nem um familiar próximo (Grice, 1975). Desta forma, a ICG, neste caso particular, está relacionada com o artigo indefinido (Meibauer, 2006).

Geurts (2009) considera que Grice (1975) define as ICG's de "generalizadas" devido à ampla gama de contextos onde estas podem surgir, parecendo ser, em larga medida, independentes do contexto. Se o exemplo (8) for proferido num contexto apropriado, o ouvinte ficará interessado em saber a identidade e o tipo de relação que *X* tem com esta mulher, enquanto, em outros contextos, o enunciado apenas levará à inferência que a mulher não possui qualquer tipo de relação com *X*. Desta forma, reforça-se a ideia de que as implicaturas conversacionais podem ser mantidas em diferentes contextos.

Tendo classificado os diferentes tipos de implicaturas e apresentado alguns exemplos, serão, de seguida, descritas algumas propriedades distintivas, relevantes para o processamento das implicaturas convencionais e conversacionais.

### 1.3.2 Propriedades distintivas das Implicaturas

Para além das características que permitem distinguir as implicaturas convencionais das conversacionais, existem propriedades que caracterizam as implicaturas conversacionais: estas são calculáveis, variáveis e canceláveis.

Grice (1989 in Meibauer, 2006) considera necessárias determinadas condições para se gerar uma implicatura conversacional. Quando um falante considera a seguinte fórmula "*p implica q*" no seu discurso, pode-se dizer que *q* constitui uma implicatura conversacional de *p* desde que se considere que estão a ser respeitadas as Máximas Conversacionais ou, pelo menos, o PC; que o falante esteja ciente da suposição que *q* possui um valor semelhante ao substituir-se por *p* e, finalmente, que o falante pense nas competências do seu interlocutor, no que diz respeito às competências necessárias para a formulação da suposição para gerar a implicatura. O **cálculo** de uma implicatura ocorre, pois, quando um ouvinte revela capacidade para descobrir como é que esta pode ser derivada (Geurts, 2009). Para se calcular uma ICP, são necessárias informações contextuais e o conhecimento do que foi dito.

Por outro lado, as implicaturas conversacionais caracterizam-se pela não-separabilidade (*nondetachability*): o que é importante é o conteúdo e não a forma usada pelo falante (Grice, 1975; Geurts, 2009), como é claro no exemplo de Sadock (1978), citado por Meibauer (2006): se “*She is very beautiful*<sup>5</sup>” origina uma implicatura irónica, “*She is a real beauty*<sup>6</sup>” também deve gerar uma implicatura do mesmo tipo.

Segundo Grice (1975), para o cálculo de uma implicatura conversacional é necessário ter conhecimento acerca da força convencional da expressão utilizada no enunciado, assim como assumir que o PC está a ser preservado.

Quando estamos perante uma mesma afirmação mas em contextos diferentes, pode-se não derivar uma implicatura; assim, a implicatura depende do contexto específico (mesmo no caso das ICG’s, que apresentam uma independência relativa face ao contexto). A esta propriedade denomina-se de **variabilidade**.

Já o **cancelamento** ocorre quando é possível anular uma implicatura numa situação específica de enunciação sem criar qualquer contradição, como no exemplo (9), em que a implicatura “Not all men were drunks” (“Nem todos os homens eram bêbados”) pode ser cancelada se se acrescentar “In fact, they all were” (De facto, todos eles eram”) (Meibauer, 2006).

(9) *Some men were drunks.*

“Alguns homens eram bêbados.”

(Meibauer, 2006:569)

Estas são propriedades distintivas das implicaturas conversacionais, que não estão presentes nas implicaturas convencionais. As implicaturas convencionais, por seu lado, são separáveis (*detachable*), pois, caso os elementos que desencadeiam a implicatura sejam substituídos, a implicatura não se verifica (Meibauer, 2006).

Alguns enunciados que geram IGC’s são constituídos por expressões quantificadas, como o caso dos exemplos (7) e (9), pelo que, de seguida, serão descritos os quantificadores que constituem as expressões quantificadas.

---

<sup>5</sup> Tradução: “Ela é muito bonita.”

<sup>6</sup> Tradução: “Ela é muito bonita.”

#### 1.4 Quantificadores: tipologia e propriedades

Os quantificadores apresentam uma tipologia e propriedades específicas que influenciam a interpretação dos enunciados que os contêm. São expressões que permitem realizar generalizações, tornando possível determinar uma quantidade de indivíduos específica, que, num domínio particular, possuem uma determinada propriedade (Chierchia & McConnell-Ginet, 1990). De acordo com Brooks e Braine (1996), são palavras responsáveis pelo raciocínio dedutivo e que dão origem a um conjunto rico de inferências. A sua compreensão requer o desenvolvimento linguístico, nomeadamente, do vocabulário lógico e das respetivas representações (Lidz & Musolino, 2002).

De seguida, será exemplificado o mapeamento sintático-semântico para a interpretação de expressões quantificadas.

(10) *Every farmer is riding a donkey.*

“Cada agricultor está montado num burro.”

(Guasti, 2002:316)

Na interpretação do exemplo (10) formam-se dois conjuntos de objetos ou de indivíduos que possuem uma dada propriedade, especificamente, o conjunto dos agricultores e o conjunto dos indivíduos que montam um burro. O quantificador estabelece uma relação entre estes dois conjuntos acima mencionados. Se o conjunto dos agricultores possuir uma relação de subconjunto com o conjunto dos indivíduos que montam um burro, estamos perante a um enunciado verdadeiro. Para comprová-lo, é necessário verificar se todos os agricultores, no referido contexto, estão montados num burro. O conjunto de objetos ou indivíduos que o nome “agricultor” denota é denominado de ‘restrição do quantificador’ (*restriction of the quantifier*); por sua vez, o quantificador tem escopo sobre o conjunto de objetos ou indivíduos denotados pelo nome “agricultor”. Esta é uma propriedade da gramática universal (GU), denominada de *conservativity*, segundo a qual a restrição do quantificador é determinada pelo nome que se combina sintaticamente com ele (Guasti, 2002).

O processo de *Quantifier Raising* (QR) é importante para a interpretação da expressão quantificada, permitindo identificar o seu escopo. Consiste no movimento do quantificador para uma posição periférica (Guasti, 2002). Cf. exemplo (11).

(11) a) *Every student didn't solve the problem.*

“Cada aluno não resolveu o problema.”

b) *The students didn't solve every problem.*

“Os alunos não resolveram todos os problema.”

(Musolino *et al.*, 2000:5)

O exemplo (11) relaciona-se com o QR e com o facto de a negação também ser quantificacional. O enunciado (11a) é ambíguo, podendo apresentar duas interpretações, a isomórfica (onde há coincidência entre as posições de superfície dos quantificadores e o seu escopo relativo), onde cada aluno não resolveu o problema (ou seja, nenhum aluno resolveu o problema), sendo o QU interpretado fora do escopo da negação, e a não-isomórfica (onde não se verifica a coincidência entre a posição de superfície dos quantificadores nem o seu escopo relativo), onde se nega que cada aluno tenha resolvido o problema (ou seja, nem todos os alunos resolveram o problema, mas alguns poderão ter resolvido), sendo o quantificador interpretado dentro do escopo da negação (Musolino *et al.*, 2000).

No enunciado (11b) a interpretação é isomórfica: como o QU se encontra na posição de objeto, deve ser interpretado dentro do escopo da negação, isto é, nem todos os problemas foram resolvidos pelos alunos. Neste caso, não se verifica ambiguidade de escopo, já que a interpretação não-isomórfica não está disponível. Verifica-se, assim, que esta interpretação só é possível quando o quantificador universal ocorre em posição de sujeito. A atribuição destes dois tipos de interpretação relaciona-se, pois, com aspetos semânticos e sintáticos.

Os quantificadores possuem propriedades semânticas que influenciam o seu nível de complexidade e a compreensão das expressões quantificadas, especificamente a polaridade e a estrutura semântica (lógica). Na figura (1) encontra-se apenas a categorização dos quantificadores que serão estudados neste trabalho, seguindo-se a caracterização e distinção dos quantificadores no que se refere à polaridade e à estrutura semântica (lógica).

<b>Estrutura Semântica (Lógica)</b>			
	<b>Universal</b>	<b>Existencial</b>	<b>Proporcional</b>
<b>Positivo</b>	Todos	Alguns	A maioria
<b>Negativo</b>	Nenhum	Alguns...não	A maioria ...não

Figura 1 - Classificação dos quantificadores em função da estrutura lógica e polaridade.

No que diz respeito à polaridade, uma expressão quantificada será mais complexa se apresentar quantificadores com polaridade negativa, uma vez que a negação é um processo linguístico mais complexo, em comparação com afirmação (Horn, 1989; Just & Carpenter, 1971 in Katsos *et al.*, 2011). Alguns autores explicam que isto se deve ao facto de os positivos se focarem nos objetos quantificados, dando relevância ao conjunto de referência, enquanto os negativos dão maior relevância aos complementos dos objetos e não aos objetos propriamente ditos (Bott e Noveck, 2004; Breheny *et al.*, 2006). Cf. exemplo (12).

(12) a) *Some of the apples are in the boxes.*

“Algumas maçãs estão dentro das caixas.”

b) *Some of the apples are not in the boxes.*

“Algumas maçãs não estão dentro das caixas.”

c) *All of the apples are in the boxes.*

“Todas as maçãs estão dentro das caixas.”

d) *Most of the apples are in the boxes*

“A maioria das maçãs está dentro das caixas.”

(Katsos *et al.*, 2011:45)

No exemplo do (12 a), na interpretação de um enunciado constituído pelo quantificador positivo, por exemplo “alguns”, o foco incide sobre o número de maçãs que se encontram dentro das caixas, enquanto, num enunciado constituído por um quantificador negativo, por exemplo “alguns...não”, o foco está nas maçãs que não estão dentro das caixas, ou seja, nos complementos dos objetos e não nos objetos propriamente ditos, isto é, o número de maçãs que estão presentes nas caixas.

No que se refere à **estrutura lógica/significado lógico** dos quantificadores, o grau de complexidade aumenta seguindo a respetiva ordem: universal, existencial, proporcional (Katsos *et al.*, 2010). Assim, os universais e os existenciais são considerados de primeira ordem, uma vez que não exigem muita memória de trabalho. Tome-se como referência o exemplo (12 c), onde o enunciado é verdadeiro se todas as maçãs estiverem dentro das caixas e falso em qualquer outra situação. Já no exemplo (12 a), o enunciado é verdadeiro se duas ou mais maçãs estiverem nas caixas e falso em qualquer outra situação.

Por sua vez os proporcionais são designados de segunda ordem e são mais complexos. No exemplo (12 d), são necessárias duas etapas de análise, designadamente, uma primeira etapa, onde é necessário determinar o número de maçãs presente nas caixas, e uma segunda etapa, onde é necessário comparar metade do número das maçãs com o número das maçãs nas caixas, verificando se as que estão nas caixas são em maior número ou não (Chierchia & McConnell-Ginet, 1990). Só após estas etapas é que se determina se o enunciado é verdadeiro, caso o número de maçãs dentro das caixas seja superior a metade do número total de maçãs, ou falso, na situação em que o maior número de maçãs se encontre fora das caixas (Katsos *et al.*, 2011). Assim, os quantificadores proporcionais são mais difíceis de interpretar em comparação com os quantificadores universais e existenciais.

A operação de quantificação universal pode ser interpretada segundo duas leituras, a leitura distributiva e a não-distributiva (ou coletiva). Na primeira, verifica-se a atribuição de uma dada propriedade, distribuída a todos os elementos de um conjunto, como se verifica no exemplo (13 a). Já o exemplo (13 b) permite realizar uma leitura não-distributiva, onde é atribuída uma dada propriedade ao conjunto dos músicos que formam apenas um indivíduo coletivo. Também existe outro tipo de leitura, designada de leitura genérica, presente na interpretação dos enunciados (13 c), onde o termo “ave” se relaciona com o nome da espécie que atribui características aos elementos do conjunto (Mateus *et al.*, 2003).

(13) a) *Todo o átomo tem um estrutura altamente complexa.*

b) *Todos os músicos se reuniram na sala.*

c) *O pardal é uma ave.*

(Mateus *et al.*, 2003: 231)

Nas línguas naturais, geralmente, aquando do processo de quantificação universal, deve-se ter em conta apenas uma parte do conjunto-base quantificado, isto é, apenas o que é considerado no discurso e que, por vezes, pode estar explícito no próprio enunciado, ou seja, que é determinado contextualmente (Mateus *et al.*, 2003). Veja-se os exemplos em (14), em que este conjunto corresponde a um conjunto determinado e definido (*os amigos do João*).

(14) a) *Todos os amigos do João sabem que ele adora jazz.*

b) *Qualquer um dos amigos do João sabe que ele adora jazz.*

c) *Cada um dos amigos do João sabe que ele adora jazz.*

(Mateus *et al.*, 2003: 232-3)

Até ao momento, os exemplos fornecidos centram-se em quantificadores positivos. Contudo, os quantificadores também possuem uma polaridade negativa, como se observou acima. Cf. exemplo (15).

(15) *Nenhum automóvel trabalha a licor de hortelã-pimenta.*

(Mateus *et al.*, 2003: 235)

No exemplo 15, o quantificador negativo designa um conjunto vazio no que diz respeito ao conjunto considerado, neste caso, os automóveis. Assim, não existe qualquer automóvel que seja capaz de funcionar com o licor de hortelã-pimenta.

As operações de conjunto vazio também podem incidir sobre um conjunto já determinado e contextualmente definido, como se pode observar no exemplo (6):

(16) a) *Nenhum dos convidados chegou atrasado.*

b) *Nada do que disseste me faz mudar de opinião.*

(Mateus *et al.*, 2003: 235)

Em (16 a), o conjunto vazio refere-se apenas ao conjunto de “convidados” referidos no contexto, uma vez que é falso que qualquer um dos elementos do conjunto “convidados ” tenha chegado atrasado. Por sua vez, em (16 b), é o contexto discursivo que define o conjunto, isto é, foi algo pertencente ao discurso anterior do interlocutor que contribuiu para que nada do que já tenha sido dito faça com que este interlocutor mude a sua opinião (Mateus *et al.*, 2003).

### 1.5 Implicaturas Escalares

Como referido na secção x, os quantificadores desempenham um papel importante na criação de implicaturas escalares, que são exemplos das ICG's.

Horn (1972, in Nieuwland *et al.*, 2010) definiu conjuntos de expressões ordenadas internamente, que designou de escalas de quantidade. As escalas de quantidade são constituídas por termos ordenados de acordo com a sua informatividade: numa escala, dados os termos «q, p», onde *p* é um termo fraco, pois é menos informativo, e *q* é um termo mais forte, isto é, mais informativo, *p* implica a negação de *q* (Grodner *et al.*, 2010; Huang & Snedeker, 2009, Hurewitz *et al.*, 2006, Meibauer, 2006, Noveck, 2001 e Papafragou & Musolino, 2003). Os quantificadores correspondem a termos escalares: assim, os termos (“alguns”» “muitos”» “todos”) constituem uma escala, sendo o primeiro termo (*alguns*) mais fraco e o último (*todos*) mais forte.

Os termos escalares possuem várias características semânticas. Por exemplo, um enunciado que contém um termo escalar forte implica logicamente um enunciado com um termo escalar mais fraco (Hurewitz *et al.*, 2006). Cf. o exemplo em (17), onde o enunciado (a) implica (b).

(17) a) All balls are red.

“Todas as bolas vermelhas.”

b) Some balls are red.

“Algumas bolas vermelhas.”

(Hurewitz *et al.*, 2006:80)

O enunciado (b) pode ser interpretado, segundo a semântica, como “algumas e possivelmente todas as bolas são vermelhas”. O termo escalar mais forte, “todas”, implica (inclui) o termo escalar mais fraco, “algumas” (Hurewitz *et al.*, 2006). O contrário, porém, não é verdade: um termo escalar mais fraco, como “algumas”, não inclui um termo mais forte, como “todas” (Papafragou & Musolino, 2003).

O enunciado em (a) é logicamente verdadeiro se todas as bolas forem vermelhas e logicamente falso, em outra qualquer situação. O enunciado (b), por seu turno, é logicamente verdadeiro se duas ou mais bolas forem vermelhas e logicamente falso, em outra qualquer situação. Assim, a interpretação semântica produz diferentes valores de

verdade em relação a um determinado enunciado, (Nieuwland *et al.*, 2010), podendo os enunciados se classificados como logicamente verdadeiros ou logicamente falsos. Recorde-se a interpretação semântica, do quantificador “a maioria”, descrita no exemplo (12 d), na subsecção 1.4.

Por outro lado, na interpretação pragmática de um enunciado com um termo escalar, encontramos-nos perante uma IE, onde o ouvinte considera que o falante não utiliza um termo mais forte da escala por considerar que tornaria o enunciado falso (Nieuwland *et al.*, 2010).

Uma IE pode ser desencadeada por diferentes constituintes sintáticos, como **quantificadores**; adjetivos; advérbios; verbos modais; outros verbos e substantivos (Hirschberg, 1991; Horn, 1972, 1989 in Grodner, 2010). Cf. exemplo (18).

(18) 1. *Wilma read some of the papers.*

“Wilma lê alguns artigos.”

1.1 *Wilma read many of the papers*

“Wilma lê muitos dos artigos.”

1.2 *Wilma read most of the papers.*

“Wilma lê a maioria dos artigos.”

1.3 *Wilma read all of the papers.*

“Wilma lê todos os artigos”

(Geurts, 2009:49)

Assim, uma característica distintiva das IE’s deve-se aos itens lexicais, que, ao serem substituídos por outros, geram alternativas relevantes ao nível da informatividade num enunciado, respetivamente, a substituição de “some” por “many” e a substituição de “most” por “all”. Tal facto ocorre ao considerar-se uma escala com os quantificadores utilizados nos exemplos (*some*» *many*» *most*» *all*)<sup>7</sup> e categorizá-los de fracos e fortes, da direita para a esquerda . Assim, as alternativas mais fortes do enunciado 1 seriam os enunciados 1.2 e 1.3, pois considera-se que a substituição do termo escalar mais fraco “some” promova a ocorrência de alternativas mais fortes do enunciado 1, do exemplo (18), em termos de informatividade (Geurts, 2009).

---

<sup>7</sup> (alguns» a maioria » muitos» todos)

De seguida, serão descritas algumas abordagens teóricas acerca do processamento das IGC's, das quais são exemplos implicaturas escalares.

### 1.5.1 Processamento das IE

Para Grice, a ocorrência de IE's envolve o Princípio da Cooperação e as máximas conversacionais, designadamente, a Máxima de Quantidade. Após Grice, vários investigadores centraram os seus estudos no processamento das implicaturas, de forma a identificar os mecanismos envolvidos.

Os seguidores de Grice, os designados “*Neo-Griceans*”, Levinson (2000) e Horn (1989) e, mais recentemente, Chierchia *et al.* (2001), Chierchia (2004), Guasti *et al.* (2005), Nieuwland *et al.* (2010) assumem uma visão *Default* (‘por defeito’), defendendo que as implicaturas escalares são geradas automaticamente, sendo espoletadas pela ocorrência de termos escalares. Em oposição, Sperber & Wilson (1986), Carston (1998) e Breheny *et al.*, 2006 (2006), por exemplo, no âmbito da Teoria da Relevância, defendem uma visão *context-driven* (‘guiada pelo contexto’), valorizando o papel do contexto na computação das implicaturas escalares.

A visão *Default* considera que uma inferência escalar ocorre automaticamente na presença de expressões escalares. Apesar de serem geradas obrigatoriamente, estas inferências podem ser canceladas, pela presença de material linguístico que cancela a implicatura, como se observou na discussão de (9) acima (Huang & Snedeker, 2009; Grodner *et al.*, 2010 e Nieuwland *et al.*, 2010).

Alguns “*Neo-Griceans*” como Horn (1984) e Levinson (2000) defendem uma versão fraca desta perspetiva (“*Weak Default*”), propondo que as IE's são computadas num sistema pragmático especializado. Mais recentemente, Chierchia e seus colaboradores têm defendido, no âmbito da visão “*Default*”, uma abordagem designada de “*Strong Default*”, que defende que as IE's são computadas na gramática (Breheny *et al.*, 2006). Quando estas surgem em interrogações ou em frases negativas, por exemplo, faz-se uma previsão de que os ouvintes não realizaram inferências escalares (Bott & Noveck, 2004).

Por sua vez, a **Teoria da Relevância (T.R)** (Sperber & Wilson, 1986) assenta numa perspetiva cognitivista do significado, onde se valoriza o contexto, no que concerne à computação de implicaturas (Grodner *et al.*, 2010; Meibauer, 2006; Nieuwland *et al.*,

2010). Assim, considera-se que a interpretação pragmática, incluindo o processamento de IE's, é determinada pela máxima de relevância e ocorre segundo *principles concerning effect and effort*, onde os ouvintes tentam ganhar o máximo ao nível comunicativo com o mínimo esforço cognitivo (Bott & Noveck, 2004; Huang & Snedeker, 2009).

Esta teoria propõe um modelo que atribui lugares diferentes aos dois tipos de interpretação (semântica e pragmática) das expressões linguísticas. Deste modo, os enunciados, num primeiro nível de interpretação, seriam descodificados pela semântica, produzindo o significado lógico. No nível seguinte, através de uma inferência pragmática, estabelecer-se-ia uma ponte de ligação entre o que é linguisticamente expresso (significado semântico) e o que é implícito (significado pragmático), e, só depois disso, o ouvinte determinaria a implicatura. Assim, a interpretação pragmática não é derivada apenas a partir dos elementos linguísticos, mas também de informações fornecidas pelo contexto e do conhecimento que o ouvinte possui do mundo (Nieuwland *et al.*, 2010).

Os exemplos (19) permitirão clarificar e, ao mesmo tempo, distinguir as duas perspetivas, nomeadamente, a visão (*Weak*) *Default* e a TR.

(19) a) Some X are Y.

“Alguns X são Y.”

b) Some and possibly all X are Y. (significado lógico)

“Alguns e possivelmente todos os X são Y.”

c) Some but not all X are Y. (significado pragmático)

“Alguns mas nem todos os X são Y.”

Hipóteses relacionadas com os enunciados.

- i. X é subconjunto de Y
- ii. Y é subconjunto de X
- iii. X e Y sobrepõem-se
- iv. X e Y coincidem

(Bott & Noveck, 2004:439)

Segundo a visão *Default*, tendo como referência a proposta de Levinson (2000), existe uma estratégia por defeito na interpretação de termos escalares fracos (*Q-Heuristic*), de acordo com a qual “o que não é dito, não é verdadeiro”<sup>8</sup>. Assim, por exemplo, quando afirmamos “alguns” em vez de “todos”, a interpretação por defeito, isto é, a interpretação automática, será “não todos.” Logo, a interpretação (b) é mais informativa do que (c), dado que a primeira abrange todas as hipóteses colocadas enquanto (c) só abrange ii e iii. A interpretação pragmática de (c) é adotada por defeito, a não ser que o contexto leve ao seu cancelamento, adotando-se, nesse caso, a interpretação lógica (b) (Bott & Noveck, 2004).

Tais factos ocorrem, de acordo com esta visão, porque a interpretação inicial de um termo escalar fraco, passa pela negação de outro mais forte, dentro da mesma escala; isto é, as IE's, numa primeira fase, são padronizadas e automáticas, podendo, posteriormente, ser canceladas pela influência do contexto (Bott & Noveck, 2004; Katsos & Williams, 2006).

A TR, relativamente aos exemplos fornecidos, considera que o ouvinte inicia a interpretação baseando-se no significado lógico, como o que está presente no enunciado (b). Se este for satisfatório ao nível informativo, o ouvinte opta por ele. Contudo, se o princípio da relevância assim o exigir, vai optar pela interpretação (c), processada numa etapa completar (através de uma implicatura escalar) e à custa de um esforço cognitivo adicional (Bott & Noveck, 2004). De acordo com esta visão, em primeiro lugar é considerado um termo escalar fraco e, se este for suficientemente relevante, é realizada uma implicatura de modo a negar um termo escalar mais forte (Bott & Noveck, 2004). As IE's só devem surgir quando o contexto o propiciar, atribuindo, assim a TR um papel de relevo ao contexto (Grodner *et al.*, 2010).

Contudo, cada uma destas perspetivas possui limitações. No que se refere ao processamento das implicaturas, a perspetiva *Default* não explica se estas são geradas logo após ser ouvido o termo escalar ou se antes da perceção consciente, para além de não referir se as implicaturas são sempre geradas de forma automática/ padronizada. Já a Teoria da Relevância não especifica como a contribuição da informação não linguística, como, por exemplo a intenção do falante ou o contexto discursivo, são realmente integrados no processamento das IE's (Huang & Snedeker, 2009).

---

<sup>8</sup> “*What isn't said isn't (the case).*” (Levinson (2000) in Bott & Noveck, 2004:439)

As duas abordagens realizam previsões diferentes quanto ao processamento de IE's. De seguida serão apresentados estudos que testam estas previsões.

Bott e Noveck (2004) estudaram as duas interpretações possíveis do quantificador “*alguns*”, isto é, segundo a forma semântica, sem qualquer tipo de implicatura, e segundo a pragmática, onde é formulada uma implicatura.

Segundo a visão *Default*, o tempo de processamento de um enunciado quantificado sem implicaturas (cf. (9) acima) deverá ser igual ou maior ao de outro que envolva implicaturas, dado que, quando um ouvinte interpreta um sem implicatura, primeiramente, ocorre uma fase em que a implicatura é considerada, seguindo-se a sua rejeição/cancelamento, devido às informações contextuais (Bott & Noveck, 2004 e Breheny et al., 2006). A TR, por seu lado, considera que as interpretações semânticas poderiam servir de resposta, inicialmente (Bott & Noveck, 2004).

Neste estudo, foram realizadas quatro experiências baseadas em tarefas de juízos de valor de verdade, com medição dos tempos de resposta; três destas experiências serão brevemente descritas aqui. Na primeira, os participantes receberam instruções acerca do modo como deveriam interpretar o quantificador *alguns*, verificando-se uma maior rapidez na interpretação dos enunciados quando a instrução era “alguns e possivelmente todos” (condição lógica) do que quando a instrução era “alguns mas não todos” (condição pragmática). Na condição lógica, a velocidade da resposta foi equivalente à dos itens de controlo.

Na experiência três, não foram dadas instruções acerca da interpretação de *alguns*, sendo solicitada apenas uma resposta de ‘verdadeiro’ ou ‘falso’ para os diversos enunciados. Confirmou-se que a interpretação pragmática para enunciados subinformativos era mais lenta, em comparação com a interpretação lógica e com os itens de controlo. Na última tarefa, manipularam-se os recursos cognitivos, com uma variação no tempo de resposta permitido, verificando-se que, quando os participantes tinham menor tempo de resposta disponível, apenas forneciam interpretações lógicas para itens subinformativos. Observou-se uma correlação entre o aumento de interpretações pragmáticas e o aumento do tempo de resposta permitido.

De acordo com Bott e Noveck (2004) os resultados deste estudo confirmam as previsões da T.R: os participantes tendem a fornecer interpretações lógicas, antes de

realizarem inferências acerca de *alguns*. Nem na primeira nem na terceira experiência houve indicação de que a interpretação pragmática fosse computada de forma automática e geral.

Antes de descrever o estudo de Breheny *et al.*,(2006), é necessário introduzir alguns conceitos referidos pelos autores e relativos ao contexto linguístico. Desta forma, um contexto linguístico de um enunciado pode ser classificado como, *upper-bound*, se envolve a interpretação de implicatura, isto é, relativo ao significado pragmático; *lower-bound*, se não envolve a interpretação de implicaturas, pois centra-se no significado semântico (lógico); ou **neutro**.

(20) A: *Is there any evidence against them?*

“Existe alguma evidência contra eles?”

B: *Some of their identity documents are forgeries.*

“Alguns do seus documentos de identificação são falsificados.”

(Breheny *et al.*, 2006:439)

O exemplo B refere-se a um contexto *lower-bound*, em que a implicatura "Not all of their documents are forgeries" (“Nem todos os seus documentos são falsificados”) não está disponível. Um contexto *upper-bound*, por seu lado, seria um que contivesse uma questão como "Were all their documents in order?" (“Todos os documentos deles estavam em ordem?”), em que a implicatura escalar já estaria disponível.

No que concerne à influência destes contextos, seguindo os pressupostos da visão “*Default*”, considera-se que as IE’s são padronizadas, surgindo em contexto neutro, sendo, no entanto, apenas canceladas em contextos *lower-bound*. Os teóricos da Relevância consideram que as IE’s necessitam de contexto, logo não poderão ser geradas nem em contextos neutros nem em contextos *lower-bound*, mas apenas em contextos *upper-bound*, tendo em conta o nível de informação contextual relevante (Breheny *et al.*, 2006).

O seguinte diagrama proposto por Huang e Snedeker (2009) demonstra os dois tipos de interpretação que o quantificador “*some*” (*alguns*) pode ter quando presente na mesma escala do que “*all*” (*todos*), tendo em conta os contextos onde ocorrem.

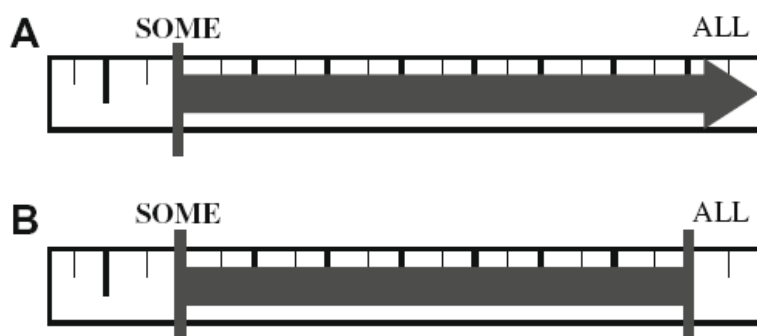


Figura 2 - As duas possíveis interpretações dos quantificadores na mesma escala, de acordo com o tipo de contexto (Huang e Snedeker, 2009:378).

Em A, onde se representa a interpretação semântica, o termo escalar fraco *some* (*alguns*) é compatível com *alguns e possivelmente todos*, correspondendo a um contexto *lower-bound*. Em B, que representa a interpretação pragmática, o termo escalar fraco é utilizado tendo em conta a Máxima de Quantidade, excluindo a utilização de um termo escalar mais forte estamos perante um contexto *upper-bound*.

Breheny *et al.*, (2006) verificaram, no seu estudo, que, quando a leitura lógica (*lower-bound*) é suficientemente relevante, não há evidência que a implicatura é gerada e posteriormente, cancelada, como prediz a abordagem *Default*, uma vez que os participantes exibem menores tempos de leitura nestes casos do que naqueles em que o contexto favorece a interpretação pragmática (*upper-bound*). Logo, estes resultados favorecem a TR, pois as implicaturas só são geradas quando forçadas pelo contexto e implicam maiores custos cognitivos, e, conseqüentemente, mais tempo de processamento. Do mesmo modo, este estudo fornece evidência que, na ausência de informação contextual que favoreça uma ou outra leitura, não são geradas implicaturas. Estes resultados corroboram os resultados do estudo de Bott e Noveck (2004).

Os estudos de Bott e Noveck (2004), e Breheny *et al.*, (2006) (outro estudo que aponta no mesmo sentido é o de Huang e Snedeker, 2009) fornecem evidência empírica que invalida a perspectiva “*Default*”, confirmando as predições da TR: “[...] *implicatures are processed by a single context-sensitive pragmatic system that cannot be subsumed into the domain of grammar and does not operate on default rules*”<sup>9</sup> (Breheny *et al.*, 2006:457).

<sup>9</sup> Tradução: “as implicaturas são processadas por um único sistema pragmático sensível ao contexto, que não pode ser incluído no domínio da gramática e não é determinado por regras por defeito.”

Contudo, outros estudos corroboram a visão *Default*, como, por exemplo, Bezuidenhout e Cutting (2002) citado em Breheny *et al.*, (2006), onde se observa que o tempo necessário para a compreensão das expressões que espoletam a implicatura é maior em contextos *lower-bound*.

Em síntese, no que se refere às IE's, a perspectiva *Default* considera que a interpretação padrão do termo escalar fraco exclui automaticamente o termo mais forte dentro da mesma escala, dando relevância ao processamento automático das IE's. Por sua vez, a Teoria da Relevância considera que é o termo escalar fraco que é considerado em primeiro lugar e, apenas se for suficientemente relevante e justificado pelo contexto, é realizada uma inferência de modo a excluir um termo escalar mais forte, dando relevância ao contexto (Bott & Noveck, 2004).

### 1.6 Desenvolvimento da compreensão de expressões quantificadas: aspetos gerais

A investigação da compreensão de quantificadores tem já uma longa história, embora os estudos realizados foquem mais enunciados quantificados por universais. A natureza do significado das expressões quantificadas assim como o estágio de desenvolvimento cognitivo e de aquisição da linguagem relacionam-se de forma direta com a compreensão de expressões quantificadas (Lidz & Musolino, 2002).

Existem, segundo alguns autores, fatores psicológicos que contribuem para as diferenças de interpretações de expressões quantificadas entre crianças e adultos. Tais fatores foram descritos por Inhelder e Piaget (1964 in Musolino *et al.*, 2000, Lidz & Musolino, 2002) e relacionam-se com as dificuldades que as crianças, até aos 7/8 anos de idade, possuem em dividir grupos de objetos em classes separadas, por esta ser a idade de início do raciocínio operacional concreto. Contudo, neste trabalho, vamos concentrar-nos nos fatores linguísticos que contribuem para as diferenças de interpretação que se observam entre as crianças e os adultos.

As expressões quantificadas podem ser analisadas, como referido acima, do ponto de vista semântico, sintático e pragmático. Assim, para interpretar expressões quantificadas, é necessário, de acordo com Guasti (2002: 316):

- saber distinguir quantificadores de expressões referenciais;
- ter conhecimento da estrutura dos sintagmas nominais quantificados;

- ter acesso a um sistema representacional como o *Quantifier Raising* (QR) ( processo de movimentação dos quantificadores de forma a permitir a identificação do escopo de quantificação);
- ter conhecimento do mapeamento sintaxe–semântica, e saber que e saber que o domínio da quantificação é restrito pelo contexto.

Quando um quantificador é interpretado sem se tomar em consideração a sua posição na frase, pode ocorrer o fenómeno de *Quantifier Spreading*, onde o QU se “espalha” para outras áreas da frase para além da expressão quantificada (Brooks & Braine, 1996). Cf. exemplo (21).

(21) *Is every mouse in a cup?*

“Cada rato está num copo?”

(Brooks & Braine, 1996:238)

O enunciado do exemplo (21) foi utilizado por Philip & Aurelio (1991 in Brooks & Braine, 1996), num estudo com crianças em idade pré-escolar (3 aos 5 anos de idade). Perante uma situação em que 3 ratos estão cada um num copo e existe um copo extra sem rato, verificou-se que as crianças tendem a realizar interpretações simétricas, isto é, necessitam que haja correspondência direta entre ratos e copos, o que as leva a considerar o enunciado () falso (Brooks & Braine, 1996). Assim, o autor fornece uma explicação semântica onde as crianças tendem a quantificar os eventos dos objetos (no exemplo acima os copos) em vez de quantificarem os objetos individuais (os ratos).

No que se refere à interpretação de frases que contêm negação e quantificação, estas podem permitir ambas as interpretações (isomórfica e não-isomórfica), embora a interpretação não-isomórfica seja condicionada pela natureza lexical dos elementos quantificados assim como pela posição que o quantificador e a negação ocupam na frase (Musolino *et al.*, 2000) (cf. 1.4. acima).

(22) *The detective didn't find someone/some guys.*

“O detetive não encontrou alguém/alguns “tipos”.”

(Musolino *et al.*, 2000:9)

Perante o enunciado (22), as crianças tendem a realizar uma interpretação isomórfica, interpretando, incorretamente, “someone” no escopo da negação, com o

significado equivalente a “anyone”. Por seu lado, os adultos realizam uma interpretação não-isomórfica, onde “someone” é interpretado fora do escopo da negação. Este processo onde ocorre a substituição de uma interpretação não-isomórfica por uma isomórfica define-se de “generalização equivocada”(Musolino *et al.*, 2000).

A tendência das crianças para a interpretação isomórfica pode dever-se também a uma sobregeneralização (ou subgeneralização) (Musolino *et al.*, 2000). Enquanto os adultos acedem a ambas as interpretações disponíveis, isomórfica e não-isomórfica (cf. 1.4. acima), as crianças parecem estar restritas à interpretação isomórfica, independentemente de ser verdadeira ou falsa (Musolino *et al.*, 2000). Este é um aspeto em que as interpretações diferem entre crianças e adultos (Lidz & Musolino, 2002). Assim, as interpretações das crianças parecem ser determinadas por fatores sintáticos, porque as crianças baseiam as interpretações relativas dos quantificadores nas suas posições sintáticas de superfície, diferindo dos adultos, no que concerne à interpretação de expressões quantificadas em interação com a negação.

A análise proposta por Musolino *et al.* (2000) distingue-se da de Philip (1995 in Musolino *et al.*, 2000), que considera que as crianças carecem de alguns princípios semânticos que caracterizam o sistema linguístico dos adultos. De acordo com Musolino *et al.* (2000), no entanto, as diferenças que se observam entre crianças e adultos não se devem nem à ausência nem ao desconhecimento de princípios da GU, mas sim ao conhecimento incompleto da gramática do adulto.

Lidz e Musolino (2003) dão relevância à fragilidade e à ausência de sensibilidade das competências pragmáticas como responsáveis pelas dificuldades nas interpretações não-isomórficas. Os autores chegaram a esta conclusão devido aos estudos de Philip (1995) acima referidos; ao estudo de Bucci (1978), que considerou que muitas vezes os adultos e as crianças interpretam enunciados como “All A’s are B’s” (“Todos os A’s são B’s”).

Assim, verifica-se que tanto aspetos psicológicos como linguísticos, ao nível específico da semântica, sintaxe e pragmática, têm sido objeto de estudo na aquisição de compreensão de expressões quantificadas. Uma vez que este trabalho se centra nas estruturas linguísticas, semântica e pragmática, na próxima subsecção serão descritos estudos nestas áreas relativas à aquisição de compreensão de expressões quantificadas, nomeadamente ao desenvolvimento típico de termos escalares.

### 1.6.1 Desenvolvimento da compreensão de Implicaturas Escalares, no desenvolvimento linguístico típico

De seguida serão apresentadas algumas evidências resultantes dos estudos acerca da aquisição da compreensão de implicaturas escalares, referentes a crianças com desenvolvimento linguístico típico, em comparação com os adultos.

Vários são os estudos que incidem numa amostra com faixa etária a partir dos sete anos de idade. Noveck (2001), por exemplo, comparou crianças entre os sete e dez anos de idade e adultos, e verificou que as crianças tinham maior dificuldade em aceder ao significado pragmático de um termo escalar fraco (por exemplo, *alguns*) do que os adultos. Os mesmos resultados foram registados por Papafragou e Musolino (2003), apesar de as amostras não se referirem a iguais faixas etárias e estes autores atribuem muitas destas dificuldades a um efeito das tarefas experimentais.

Apesar das diferenças metodológicas que impedem a comparação entre os dois estudos, o facto de ambos chegarem às mesmas conclusões poderá indicar que as crianças entre os sete e os onze anos não revelam capacidade plena para realizar inferências pragmáticas e que estas só se desenvolvem após as interpretações lógicas (Guasti *et al.*, 2005).

Smith (1980) constatou que as crianças entre os 4 e 7 anos de idade interpretam “alguns” como “alguns e possivelmente todos” num enunciado como “Some giraffes have a long neck”<sup>10</sup>.

Yatsushiro (2008) descreve que existem dois estádios no desenvolvimento da compreensão do quantificador “*every*”. No primeiro estádio, que culmina aos quatro anos de idade, as crianças aceitam frases como “Every circle is black” (“Todos os círculos são pretos”) para as situações apresentadas na figura (3). Na segunda fase, entre os cinco e os sete anos de idade, as crianças rejeitaram ambas as situações.

---

<sup>10</sup> Braine & Romain (1981) concluíram que crianças entre os 7 e 9 anos tendem a interpretar “A ou B” como “A ou B e possivelmente ambos”.



Figura 3 – Dois estádios no desenvolvimento da compreensão do quantificador “todos” (Yatsushiro, 2008:664).

De modo geral, observa-se que as crianças tendem a fornecer respostas baseadas na lógica, sendo que o mesmo não se verifica nos adultos (Yatsushiro,2008).

Para Noveck (2001) as crianças só processam IE's quando atingem um determinado nível de desenvolvimento cognitivo e as interpretações semânticas estão estabelecidas.

Os estudos acima referidos revelam que as crianças tendem a interpretar os termos escalares, segundo o significado semântico, enquanto as crianças mais velhas e os adultos revelam maior sensibilidade para a interpretação pragmática, isto é, para derivarem IE's.

Contudo, alguns estudos concluem que as crianças revelam, em idades precoces, algumas competências ao nível do significado pragmático que lhes permite calcular IE's.

Papafragou e Musolino (2003), por exemplo, realizaram um estudo com crianças com cinco anos de idade, com o grego como língua nativa, onde, num contexto que favorecia os termos mais fortes de uma escala, ou seja, os termos mais informativos, foram utilizados os termos mais fracos, isto é, os menos informativos. Os autores verificaram que as crianças não rejeitam a descrição com os termos escalares mais fracos, enquanto os adultos a rejeitavam. Concluíram, porém, que o processamento das IE's depende da forma como a tarefa é apresentada às crianças, uma vez que, se os contextos forem manipulados de forma a consciencializar as crianças para o tipo de método utilizado no estudo, e se forem apresenta dos contextos propícios à realização de interpretações pragmáticas, o desempenho das crianças melhora consideravelmente.

Guasti *et al.* (2005) concluíram, no seu estudo, que crianças de sete anos de idade realizam interpretações de enunciados subinformativos da mesma forma do que os

adultos, uma vez que aceitam enunciados como “Some giraffes have long necks” (“Algumas girafas têm pescoço longo”) num contexto, previamente, definido.

Kock *et al.* (2010), no seu estudo referente ao processamento de IE’s em crianças com cinco anos de idade, falantes nativas de alemão, concluíram que as crianças não processam IE’s ao mesmo nível do que os adultos, embora compreendam o significado semântico dos quantificadores.

O facto de as crianças fornecerem respostas mais centradas no significado lógico em comparação com os adultos e aceitarem enunciado subinformativos poderá estar relacionado com mecanismos pragmáticos, utilizados no cálculo das IE’s (Yatsushiro,2008).

Guasti *et al.*( 2005) referem duas hipóteses referentes às competências ou não de as crianças processarem IE’s: a hipótese do atraso da pragmática, segundo a qual as crianças não possuem as competências pragmáticas necessárias para derivar implicaturas, logo as crianças revelam dificuldade no processamento de implicaturas; e a hipótese da limitação pragmática, segundo a qual as crianças podem derivar implicaturas, contudo fazem-no em menor frequência e em diferentes contextos, em comparação com os adultos.

Dos estudos realizados e das conclusões retiradas muitas dúvidas foram lançadas, nomeadamente, se as crianças até aos onze anos de idade possuem ou não capacidades pragmáticas para decodificarem implicaturas (muitos autores, como Guasti *et al.*, (2005) e Noveck (2001) consideram que, rem geral, as crianças só possuem capacidade para processar implicaturas por volta dos sete anos de idade) e se estas capacidades estarão relacionadas com fatores cognitivos ou linguísticos (Guasti *et al.*, 2005).

Apesar dos estudos já realizados e das conclusões semelhantes, ainda existem muitas hipóteses sem resposta concreta. As diferenças de interpretação de implicaturas entre crianças e adultos são evidentes e já foram identificados alguns fatores que podem influenciar tal diferença, como o desenvolvimento cognitivo e linguístico.

### 1.6.2 Desenvolvimento da compreensão de Implicaturas Escalares, na Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL)

Se o desenvolvimento linguístico pode influenciar a interpretação de implicaturas, o estudo de crianças com Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL) poderá fornecer informações relevantes para a problemática.

Considera-se que uma criança apresenta uma PEDL quando não exibe um desenvolvimento normal da linguagem, sem motivo aparente (Bishop, 2003). Assim, verifica-se comprometimento ao nível estrutural da linguagem, acometendo áreas como a fonologia, sintaxe e/ou semântica, podendo persistir ao longo do tempo (Castro & Gomes, 2000; Bishop, 2003; Hancapié-Henao *et al.*, 2008).

Dadas as características heterogêneas da PEDL, o seu diagnóstico pode ser realizado através de critérios de exclusão, especificamente: ausência de défices neurológicos, sensoriais e/ou motores; e ausência de transtornos emocionais e de estimulação associada a um meio sócio-cultural desfavorecido (Clarke e Leonard, 1996; Castro e Gomes, 2000; Mastropavlou e Tsimpli, 2011). Desta forma, o défice linguístico não advém do comprometimento de outras áreas do desenvolvimento (Clarke & Leonard, 1996).

A PEDL afeta as relações das crianças com o meio envolvente, com o conhecimento e com as aprendizagens, podendo persistir ao longo do tempo e afetando diversos contextos como o familiar, o social e o escolar (Castro & Gomes, 2000; Bishop, 2003; Hancapié-Henao *et al.*, 2008). Logo, é fulcral no diagnóstico de PEDL a distinção entre uma PEDL leve e atrasos simples da linguagem, assim como de outros défices que se caracterizam por dificuldades de aprendizagem (Castro-Rebolledo *et al.*, 2004).

No que concerne à etiologia, existe alguma controvérsia. Bishop reviu a teoria proposta por Tallal e Piercy (1973), que assumia que a principal causa de PEDL se encontrava no baixo nível auditivo-percetual, passando-se a considerar que as lacunas no desenvolvimento da linguagem se devem às dificuldades de compreensão da linguagem oral e, conseqüentemente, ao comprometimento da aquisição da fonologia e da sintaxe (Verhoeven & Van Balkom, 2004).

Mastropavlou e Tsimpli (2011) apresentam duas questões importantes relacionadas com esta problemática, nomeadamente: (i) será que a PEDL é apenas específica da linguagem ou relacionar-se-á também com a cognição? e (ii) a PEDL constitui um desvio ou um atraso na linguagem?

No que se refere às questões acima referidas, as **abordagens psicológicas** consideram a PEDL como resultado de um défice de perceção (por exemplo, Leonard, 1898; Tallal, 1976) ou como resultado de problemas relacionados com memória fonológica (por exemplo, Gathercole & Baddeley, 1990). Por outro lado, as **abordagens linguísticas** consideram que são os défices de representação que comprometem a formulação de regras gramaticais (*Implicit Rule Formation Hypotheses*, Gopnik & Crago, 1991), pondo em causa a aquisição de esquemas morfossintáticos (*Feature Blindness Hypotheses*, Gopnik, 1990) ou o estabelecimento de relações de concordância (*Missing Agreement Account*, Clahsen, 1989). Por fim, também se relaciona défice de processamento nas crianças com PEDL, onde as habilidades de processamento morfossintático são limitadas e influenciam a fonética (*Sparse Morphology Hypotheses*, Leonard, 1988). Estas abordagens argumentam que aspetos de aquisição da linguagem provocam desvios no desenvolvimento padrão das crianças com PEDL.

Contudo, conclui-se que estas abordagens fornecem uma ampla gama de características que nem sempre coexistem em toda as crianças com PEDL, para além de não descreverem completamente as causas para os défices no desenvolvimento da linguagem.

A PEDL pode ser caracterizada por défices tanto na compreensão como na expressão oral. O comprometimento linguístico pode verificar-se na **morfologia**, ao nível da concordância de número, por exemplo; ao nível da **sintaxe**, tanto na compreensão como na produção de frases complexas; ao nível do **léxico**, onde o vocabulário é reduzido, tendo em conta a faixa etária da criança; ao nível da **fonologia**, com um reportório diminuto e desvios articulatórios; e na **pragmática**, no que diz respeito aos pedidos indiretos, por exemplo (Joanisse & Seidenberg, 1998; Bishop, 2000; Castro & Gomes, 2000). As estruturas linguísticas que podem estar afetadas na PEDL foram determinadas com base em estudos com crianças inglesas.

Dada a heterogeneidade das estruturas linguísticas que podem ser afetadas na PEDL foram definidos por Rapin e Allen (1988) subtipos de PEDL, nomeadamente:

Agnosia Verbal; Dispraxia Verbal; Défice de Programação Fonológica; Défice Fonológico – Sintático; Défice Léxico – Sintático e Défice Semântico – Pragmático (Joanisse & Seidenberg, 1998; Narbona & Chevrie-Muller, 2003).

Subtipo de PEDL	Características Linguísticas	
	Compreensão	Expressão
<b>Agnosia Verbal</b>	Défice severo na compreensão oral.	Produção limitada, com frases curtas ou uso apenas de uma única palavra. A articulação possui alterações assim como a fluência da fala.
	Subtipo de PEDL mais raro.	
<b>Dispraxia Verbal</b>	Relativamente normal.	Défice no uso dos articuladores que condiciona a articulação, e assim a produção da linguagem oral. A ausência completa de fala pode ser, igualmente, uma característica.
<b>Défice de Programação Fonológica</b>	Relativamente normal.	Défice na produção dos sons da fala embora a habilidade motora, oro-facial, não possua alterações. A fala é fluente embora ininteligível.
<b>Défice Fonológico – Sintático</b>	A compreensão está ligeiramente menos comprometida do que a expressão. Verifica-se alteração na articulação da fala e frases curtas com omissão de palavras funcionais.	
<b>Défice Léxico – Sintático</b>	Défice na compreensão de vocabulário abstrato.	Défices no <i>word-finding</i> , acompanhado por dificuldades na produção de frases, no decorrer da fala. Estas

		características devem-se à dificuldade em aceder à palavra necessária.
<b>Défice Semântico – Pragmático</b>	Défice na compreensão de enunciados complexos.	Défice na produção de enunciados complexos, embora a articulação e estrutura gramatical das frases não possuam alterações.

Figura 4 – Síntese dos subtipos de PEDL propostos por Rapin e Allen (1983) (in Joanisse & Seidenberg, 1998; Narbona & Chevrie-Muller, 2003, Leonard, 1998)

O quadro possibilita verificar que tanto a compreensão como a expressão podem estar comprometidas, para além de todas as componentes da linguagem. O Déficit Léxico-Sintático é considerado o mais típico na definição de PEDL.

Leonard (1998) considera que as capacidades lexicais e pragmáticas tendem a possuir menos défices do que as capacidades morfossintáticas; de igual modo, as capacidades morfológicas tendem a ser menos deficitárias do que a morfossintaxe e a fonologia.

Existem abundantes evidências para a emergência tardia e atrasos no desenvolvimento da linguagem, na criança com PEDL. Uma minoria de crianças com PEDL pode atingir um desenvolvimento linguístico próximo do típico, uma vez que, no desenvolvimento típico da linguagem, também se verificam erros linguísticos, à semelhança dos que estão presentes na PEDL (Leonard, 1998; Castro & Gomes, 2000).

A maior da parte dos adultos a quem, em criança, foi diagnosticado PEDL tende a apresentar dificuldades na linguagem oral e/ou escrita, que poderão passar despercebidas, tornando estes indivíduos num grupo social com menos oportunidades escolares e profissionais, comparativamente, com adultos que tiveram um desenvolvimento típico da linguagem (Bishop & Leonard, 2001).

Em resumo, a PEDL caracteriza-se por um desenvolvimento tardio da linguagem, independente da língua materna; por dificuldades de articulação e na

gramática. A etiologia ainda é alvo de investigação e os défices linguísticos podem alargar-se à vida adulta, comprometendo a vida social, familiar e profissional.

### 1.6.3 Processamento de IE's na PEDL

Apresentados os traços gerais da PEDL, serão reveladas algumas conclusões dos escassos e recentes estudos acerca do processamento de IE's em crianças com esta patologia da linguagem, descritos em Katsos *et al.* (2011).

Surian, Baron-Cohen e Van der Lely (1996) investigaram o domínio das Máximas Conversacionais, em crianças falantes de inglês, com PEDL, e concluíram que as crianças com PEDL aceitam enunciados onde a máxima de quantidade é violada ao mesmo nível do que os participantes do grupo de controlo (constituído por crianças com idêntico desenvolvimento linguístico).

Num estudo mais recente, Norbury (2005) concluiu que as crianças com PEDL revelam défices na compreensão de metáfora, expressões relativas à Máxima de Relação.

Newton *et al.* (2010) consideram que as crianças com PEDL possuem dificuldades no raciocínio dedutivo. Newton (2007), nos seus estudos acerca do significado lógico, verificou que as crianças com PEDL revelam um fraco desempenho em tarefas de silogismo categórico

Katsos *et al.* (2011) realizaram um estudo com o objetivo de verificar as competências de crianças espanholas com PEDL, ao nível da interpretação semântica e pragmática de expressões quantificadas, formulando hipóteses relativas à: polaridade dos termos escalares (o quantificador negativo é mais complexo que o positivo); complexidade lógica dos termos escalares (“a maioria” é mais complexo do que “alguns”) e tipo de significado (o significado pragmático (subinformativo) é mais complexo do que o significado semântico (lógico) falso). Para tal, recorreram a dois grupos de controlo, especificamente, um grupo constituído por crianças com a mesma idade cronológica e um grupo constituído por crianças com a mesma idade linguística, de forma a compararem os resultados das crianças com PEDL.

Assim, se o significado lógico e o pragmático forem uma área forte das crianças com PEDL, espera-se que o desempenho seja semelhante ao grupo de controlo, referente à idade cronológica, e pelo menos melhor, em comparação com o grupo de

controle, referente à idade linguística. Por outro lado, se as interpretações lógicas e pragmáticas forem áreas fracas nas crianças com PEDL, espera-se que revelem um desempenho pior em comparação com as crianças com a mesma idade linguística. Contudo, se o desempenho das crianças com PEDL for semelhante ao desempenho das crianças com a mesma idade linguística, é porque o seu desempenho tem a ver com o nível de desenvolvimento linguístico, não constituindo nem uma área fraca nem uma área forte.

No que se refere aos resultados do referido estudo, no que concerne à polaridade, verifica-se melhor desempenho nos quantificadores positivos em comparação com os negativos, para além de se verificar uma diferença pouco significativa, entre os quantificadores positivos universais em comparação com os positivos existenciais. O grupo PEDL revela um desempenho pior, em comparação com o grupo de controlo referente à idade cronológica, na interpretação semântica de quantificadores, no que se refere à polaridade, sendo esta diferença significativa, e um desempenho semelhante em comparação com o grupo de controlo, referente à idade linguística; contudo, o grupo PEDL revela melhor desempenho nos universais positivos e o grupo de controlo referente à idade linguística, revela melhor desempenho nos existenciais positivos.

No que concerne à segunda hipótese, referente à complexidade dos quantificadores, verifica-se melhor desempenho na interpretação semântica, do quantificador “alguns” do que “a maioria.” As crianças com PEDL apresentam um pior desempenho no quantificador “alguns” em comparação com “a maioria” e, em comparação com o grupo de controlo da idade linguística, verifica-se que não existe nenhuma diferença significativa no desempenho, embora o grupo PEDL tenha revelado melhor desempenho na interpretação do quantificador “a maioria.

Por fim, no que se refere ao tipo de significado, as crianças com PEDL possuem um desempenho, significativamente, pior na interpretação pragmática do que na interpretação semântica, na condição falsa, em comparação com os dois grupos de controlo. Deve-se ressaltar que ambos os grupos de controlo, também, apresentam um desempenho pior na interpretação pragmática do que na lógica.

Conclui-se que as crianças com PEDL revelaram um melhor desempenho na interpretação do significado lógico (semântico) do que do pragmático. As hipóteses relativas à polaridade e à complexidade lógica dos termos escalares comprovaram-se,

pois o desempenho foi melhor nos enunciados positivos em comparação com os negativos, assim como nos enunciados constituídos por quantificadores com complexidade lógica menor (“alguns” em comparação com “a maioria”).

Verificou-se que as crianças com PEDL rejeitaram enunciados lógico-verdadeiros com “alguns” quando o termo escalar se refere à quantidade 2dois”. Tal facto poder-se-á relacionar com a não atribuição da quantidade dois a “alguns”. Este facto foi, igualmente relatado noutros estudos e para línguas diferentes, em crianças com cinco anos de idade.

Com o referido estudo, verificou-se que o desempenho das crianças com PEDL é ligeiramente inferior às crianças com a mesma idade cronológica e semelhante ao desempenho de crianças com o mesmo nível linguístico, obtendo melhor desempenho na interpretação semântica em comparação com a interpretação pragmática de IE’s.

### 1.7 Formulação das hipóteses

Nesta secção será exposta a informação relevante suporta a formulação de hipóteses para o presente estudo e posteriormente, serão apresentadas as referidas hipóteses.

Através das máximas conversacionais que Grice propõe como fulcrais para a interação entre dois interlocutores, sabe-se que a violação de pelo menos de uma destas compromete os atos comunicativos, no que se refere à informação transmitida.

Se a informação transmitida num ato comunicativo não é explícita não pode ser interpretada segundo o significado semântico, logo é necessário recorrer ao significado pragmático, derivando assim uma implicatura.

As situações comunicativas onde há maior suscetibilidade de ocorrência de implicaturas verificam-se quando os falantes optam por utilizar enunciados constituídos por quantificadores, uma vez que estes possuem propriedades ricas em inferência. Neste caso estamos perante uma implicatura escalar, pois os quantificadores podem constituir uma escala e os termos escalares conferem ao enunciado que os possuam diferentes tipos de valores de verdade, tendo em conta o tipo de significados (semântico ou pragmático) que são utilizados pelo ouvinte para interpretar o referido enunciado.

Sabe-se, igualmente, que a interpretação de quantificadores é influenciada pelo desenvolvimento linguístico, pelo que as interpretações de implicaturas escalares entre as crianças e os adultos divergem.

Quando uma criança possui perturbações no desenvolvimento da linguagem com estruturas linguísticas menos desenvolvidas do que outras tendo em conta o que seria esperado para a sua faixa etária e se a interpretação das IE requer desenvolvimento linguístico, como será o desempenho destas crianças na interpretação de IE?

Esta foi a questão crucial para o desenvolvimento deste estudo. Sabendo-se das características dos quantificadores, no que concerne à polaridade e à complexidade e a influência que os significados semântico e pragmático exercem num enunciado constituído por termos escalares levantou-se a questão de como seria o desempenho de crianças com défices ao nível linguístico, especificamente, com PEDL.

#### 1.7.1 Apresentação das Hipóteses

Após a exposição da informação recolhida resultante da literatura consultada, formulamos as seguintes hipóteses, para o presente estudo:

- Hipótese 1 (polaridade): Os quantificadores são mais facilmente interpretados em contextos de polaridade positiva do que em contextos de polaridade negativa.
- Hipótese 2 (complexidade): Os quantificadores universais são mais facilmente interpretados do que os existenciais, que, por sua vez, são mais facilmente interpretados do que os proporcionais
- Hipótese 3 (significado semântico (lógico) e pragmático): As crianças têm mais facilidade em interpretar enunciados quantificados segundo o significado lógico do que enunciados subinformativos.
- Hipótese 4 (desenvolvimento da linguagem): As crianças com PEDL revelam maior dificuldade na derivação de implicaturas em relação a crianças com a mesma idade cronológica e com a mesma idade linguística.

## Capítulo II – Metodologia

Nesta dissertação será utilizado o método experimental como forma de avaliar aspetos, semânticos e pragmáticos, de compreensão da linguagem da criança.

Como método recorreu-se a uma tarefa de juízo de valor de verdade. Segundo Gordon (1996), este método, ao longo dos últimos anos, tem-se revelado um dos mais adequados para avaliação das competências linguísticas nas crianças. Possui como vantagens a simplicidade das respostas dadas pelas crianças e a possibilidade de avaliar a capacidade de interpretação de estruturas linguísticas complexas. Este método está associado a possui dois tipos de tarefas, especificamente, tarefas com respostas do tipo “sim/não” (*bipolar response*) ou tarefas “recompensa/castigo” (*reward/punishment*), onde se recorre a um fantoche e se associa a recompensa à resposta correta e o castigo à resposta errada.

Desta forma, considera-se que este método é o mais adequado às características deste estudo, porque este pretende avaliar competências linguísticas em crianças, nomeadamente, compreensão de implicaturas escalares; a simplicidade das respostas apresenta-se a mais adequada à tipologia da amostra, dado que é constituída por crianças com défices linguísticos, algumas ao nível expressivo para além de permitir uma fácil e rápida recolha de dados e posterior, análise quantitativa.

Um outro aspeto que influencia a escolha deste método relaciona-se com o facto dos estudos relativos à compreensão de implicaturas escalares, consultados para a elaboração da primeira parte deste trabalho, terem referido este método por excelência.

No que se refere ao tipo de tarefas, recorreu-se ao tipo “sim/não”, substituindo as opções “sim” e “não”, respetivamente, pelos termos “verdadeiro” e “falso”, uma vez que os itens avaliados incluíam o vocábulo “não”, o que poderia influenciar as respostas da criança.

Este método foi utilizado por outros investigadores, como, por exemplo, Noveck (2003), Bott e Noveck (2004) e Guasti *et al.* (2005), nos seus estudos referentes à avaliação do processamento das implicaturas escalares.

### 2.1 Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 9 crianças com PEDL, 6 do género masculino (66,7%) e 3 do género feminino (33,3%). Os participantes possuem idades

compreendidas entre os 7 e os 10 anos, estando distribuídos da seguinte forma: 4 participantes com 7 anos de idade (44,4%); 3 participantes com 8 anos de idade (33,3%); 1 participante com 9 anos de idade (11,1%) e 1 participante com 10 anos de idade (11,1%). Os participantes possuem três subtipos de PEDL, especificamente, 3 crianças possuem défice fonológico-sintático (33,3%); 4 com défice léxico-sintático (44,4%) e 2 com semântico-pragmático (22,2%) (“cf. anexo I”).

Como critérios de inclusão, os participantes deveriam possuir idade compreendida entre os 4 e os 10 anos de idade; ser falantes monolíngues de Português Europeu; frequentar o ensino escolar público/privado; possuir um QI não-verbal normal – WISC/ Raven (até 1 desvio-padrão); possuir tempo de intervenção em Terapia da Fala até 2 anos e ter, pelo menos, duas das estruturas linguísticas abaixo do percentil 10 ( $P_{10}$ ), na cotação da Grelha de Avaliação da Linguagem - nível escolar (GOL-E). Optou-se por este teste linguístico, GOL-E, pois encontra-se aferido para a população portuguesa abrangendo todas as faixas etárias da amostra e encontra-se subdividido em estruturas linguísticas, que se adequa mais à tipologia da amostra, no que se refere à linguagem e seus défices.

O critério relativo à obtenção de pelo menos duas estruturas linguísticas abaixo do  $P_{10}$  relaciona-se com as especificidades da patologia da linguagem estudada, pois as estruturas linguísticas não revelam o mesmo nível de desenvolvimento, revelando-se maiores défices numas estruturas do que noutras, daí a designação dos diversos subtipos apresentados na subsecção 1.6.2 e a particularidade deste critério.

Como critérios de exclusão, os participantes não podem possuir qualquer deficiência auditiva e/ou mental; problemas neurológicos, disartria e dificuldades articulatórias acentuadas. Contudo, Castro e Gomes (2000) defendem que, para além das dificuldades ao nível gramatical, as crianças com PEDL podem possuir comprometimento ao nível da articulação, pelo que apenas são excluídas crianças com dificuldade articulatórias acentuadas, podendo ser incluídas crianças com dificuldades a este nível, caso sejam moderadas ou leves.

Castro e Gomes (2000) referem que, num estudo que envolve crianças com PEDL, deve-se possuir dois grupos de controlo, um constituído por crianças com a mesma idade cronológica do que as crianças com PEDL, mas que não possuam qualquer dificuldade linguística, e outro grupo, composto por crianças pertencentes a

uma faixa etária inferior, mas com desenvolvimento linguístico idêntico ao das crianças com PEDL.

Com base nesta referência, foram criados dois grupos de controlo, o grupo I, denominado de “idade cronológica - IC” e o grupo II, “idade linguística - IL”.

O grupo I é constituído por 9 crianças, 4 do género masculino (44,4%) e 5 do feminino (55,6%). Os participantes possuem idades entre os 7 e os 10 anos, estando distribuído da seguinte forma: 4 participantes com 7 anos de idade (44,4%); 3 participantes com 8 anos de idade (33,3%); 1 participante com 9 anos de idade (11,1%) e 1 participante com 10 anos de idade (11,1%) (“cf. anexo II”).

Por sua vez, o grupo II é formado por 9 crianças, sendo 5 do género masculino (55,6%) e 4 do género feminino (44,4%). Os participantes possuem idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos, estando distribuído da seguinte forma: 4 participantes com 6 anos de idade (44,4%), 1 participante com 7 anos (11,1%) e 4 participantes com 8 anos (44,4%) (“cf. anexo III”).

A inclusão nos grupos de controlo foi determinada de acordo com os seguintes critérios: as crianças devem ser falantes monolíngues de Português Europeu e não possuir perturbações cognitivas, motoras, sensoriais e/ou articatórias.

A amostra está associada a um participante de cada grupo de controlo, isto é, cada participante da amostra está associado a um participante com a mesma idade cronológica (grupo IC) e a um participante com a mesma idade linguística (grupo IL).

Para se determinar os dois tipos de idade, aplicou-se a GOL-E, onde para constituir o grupo IC tinha de obter percentil 90 e para constituir o grupo IL tinha de obter pelo menos duas estruturas linguísticas abaixo do percentil 10, como a amostra. Contudo, para se associar o grupo IL à amostra valoriza-se a pontuação bruta, pois o percentil é calculado em função da idade e no grupo de controlo espera-se que os participantes com o mesmo desenvolvimento linguístico possuam uma idade cronológica inferior.

## 2.2 Instrumentos

Para a elaboração deste estudo recorreu-se a dois instrumentos que serão descritos nesta secção.

O primeiro instrumento refere-se à de GOL-E (cf. anexo IV). Pretende avaliar a linguagem oral de crianças com idade entre os 6 e os 10 anos de idade e encontra-se subdividido em três partes, correspondentes às seguintes estruturas linguísticas: I - Semântica; II - Morfossintática e III - Fonologia. Por sua vez, as estruturas são constituídas por diferentes provas, formadas por dez itens, cada.

A estrutura semântica possui três provas, nomeadamente, “definição de palavras”, “nomeação de classes” e “opostos”; a estrutura morfossintática é constituída por quatro provas, “reconhecimento de frases agramaticais”, “coordenação e subordinação de frases”, ordenação de palavras na frase” e “derivação de palavras”; e, por fim, a estrutura fonológica é constituída por “discriminação de pares de palavras”, “discriminação de pseudo-palavras”, “identificação de palavras que rimam” e “segmentação silábica”.

O segundo instrumento utilizado, o Teste de Implicaturas Escalares (TIE), é uma adaptação da tarefa proposta por Katsos *et al.* (2011), através da qual se pretende avaliar a compreensão das implicaturas escalares geradas por alguns quantificadores, bem como das suas propriedades lógicas e pragmáticas, testando três condições.

Os quantificadores com polaridade positiva, nomeadamente “todos” (universal); “alguns” (existencial), “a maioria” (proporcional), e os quantificadores com polaridade negativa “nenhum” (universal); “alguns não” (existencial) e a “maioria não” (proporcional) possuem três itens cada que testam a condição (1), na qual o enunciado é logicamente verdadeiro e outros três itens que testam a (2), onde o enunciado é logicamente falso. Assim, cada um dos quantificadores testados está associado a seis itens que permitem avaliar propriedades lógicas, isto é, a interpretação semântica.

À exceção dos quantificadores universais, todos estão associados a seis itens que permitem avaliar propriedades pragmáticas, segundo a condição (3), onde o enunciado é logicamente verdadeiro, mas inadequado do ponto de vista informativo, isto é, é um enunciado subinformativo.

Como é possível verificar os quantificadores que constituem os itens que avaliam a interpretação semântica possuem tanto polaridade positiva como negativa e abrangem os três níveis de complexidade, sendo os universais os menos complexos e os proporcionais os mais complexos, apresentando os existenciais uma complexidade intermédia.

Por outro lado, os quantificadores que constituem os itens subinformativos, os que avaliam a interpretação pragmática, possuem tanto polaridade positiva como negativa e apenas abrangem os que possuem complexidade intermédia e a maior complexidade.

No total, o TIE é constituído por setenta e dois itens dos quais doze são itens de controlo (cf. anexo V). Os itens de controlo são doze itens, constituídos por quantificadores numerais, de *um* a *cinco*, sendo seis itens verdadeiros e os restantes falsos.

O teste possui duas versões, (cf. anexos VI e VII) que foram elaboradas de modo a que não houvesse enviesamento dos resultados. Pois se apenas fosse utilizada uma única versão, os itens iniciais poderiam ser comprometidos pela não familiarização da tarefa e os finais poderiam ser influenciados pelo cansaço, devido ao tempo de aplicação prevista, cerca de 30 minutos.

Cada versão, 1ª e 2ª, possui duas partes, sendo cada uma delas constituída por 42 itens, o que perfaz um total de 84. Os itens foram introduzidos de forma aleatória e respeitaram as seguintes condições: 9 itens lógicos- falsos; 9 itens lógico-verdadeiros, 12 itens subinformativos; 6 itens de controlo, verdadeiros e 6 itens de controlo, falsos. Assim, os primeiros 21 itens da primeira parte, da 1ª versão são os últimos 21 itens da primeira parte, da 2ª versão e os últimos 21 itens da primeira parte, da 1ª versão são os primeiros 21 itens, da primeira parte da 2ª versão. O mesmo procedimento ocorre para a segunda parte de cada versão.

Como se pode verificar todos os itens de controlo constituem ambas as partes, de cada versão. Assim, os itens de controlo são repetidos e testados duas vezes. Este facto ocorre devido à função de antecipação da ocorrência do efeito *yes bias*<sup>11</sup>, que estes itens possuem (Katsos et al.2011).

Cada versão possui uma apresentação em *power-point* onde se encontram imagens que fornecem situações de apoio aos itens testados. Assim, cada apresentação possui três partes diferentes, nomeadamente, na primeira parte surgem imagens isoladas dos objetos e dos atores que formaram as situações (figura 5) na segunda surgem quatro

---

<sup>11</sup> Tendência para uma determinada resposta nos casos em que não possui a certeza da mesma.

itens de exemplificação de algumas situações (figura 6) e por fim, surgem as imagens correspondentes ao teste propriamente dito (figura7).



Figura 5 - Exemplo de um objeto, na apresentação do *power-point*.



Figura 6 - Exemplo de 5 objetos e 5 atores, nos itens de treino.



Figura 7 - Exemplo de um item propriamente dito.

Deve-se frisar que todas as imagens (contextos) possuem o mesmo número de objetos e de atores, neste caso específico, cinco, não se registrando objetos ou atores extra, como se consta na figura 7 ondem existem 5 homens para 5 tratores, logo serão

apenas testadas interpretações simétricas do ponto de vista da quantidade de objetos e atores

### 2.3 Procedimentos

Inicialmente, procedeu-se a uma breve explicação do estudo e sus objetivos para além da recolha de dados referentes aos critérios de inclusão e exclusão da amostra, acima mencionados. Para tal, contactou-se algumas Terapeutas da Fala, via *e-mail* ou telefónica, que exercem atividades em clínicas privadas e instituições públicas, em Portugal Continental. Após estas analisarem as características dos seus utentes determinou-se quais os que reuniam as condições necessárias para integrarem os critérios de inclusão e exclusão.

Como a GOL-E é uma ferramenta de avaliação terapêutica algumas crianças possuíam já a aplicação da mesma. Contudo, caso a aplicação da grelha tivesse ocorrido no período de tempo que excedesse os 6 meses, solicitou-se uma nova aplicação, salvaguardando-se a possibilidade da intervenção terapêutica influenciar os comportamentos linguísticos dos utentes, fazendo com que o seu nível linguístico fosse mais elevado do que o registado na aplicação inicial.

Nesta primeira fase, solicitou-se às Terapeutas da Fala que contactassem os representantes legais das crianças em questão, lhe explicassem os objetivos deste estudo e lhe fornecessem o documento elaborado para o consentimento informado (cf. anexo VIII).

Das várias Terapeutas da Fala contactadas, apenas duas, que exercem funções em clínicas privadas, acompanhavam utentes que obedeciam aos critérios estipulados e obtinham consentimento informado dos representantes legais. No que se refere à obtenção do consentimento informado verificou-se alguma rejeição dos responsáveis legais em assinar o documento uma vez que este mencionava que a recolha dos dados seria realizada através de uma gravação áudio. Desta forma, as Terapeutas propuseram presença dos mesmos aquando da aplicação do TIE, facto que não consistiu novidade às crianças, pois o(s) seu(s) representante(s) assiste as sessões terapêuticas

Após esta fase inicial, solicitou-se que o teste fosse aplicado num contexto silencioso e familiar à criança, procedeu-se à explicação da organização estrutural do TIE e à forma como deveria ser aplicado, evidenciando-se a necessidade do recurso ao computador. Referiu-se que a apresentação em *power-point* constituía-se em três partes,

sendo na primeira parte necessária a nomeação de cada objeto e ator integrante nas imagens do teste propriamente dito; que esta era procedida por alguns itens de treino, para que a criança se ambienta-se ao tipo de tarefa pedida e que lhe fosse explicado que seriam ditas algumas frases verdadeiras e outras frases, cabendo à criança descobri-las, sendo necessária muita atenção.

Por fim, procedia-se à aplicação do teste propriamente dito, que por sua vez se encontrava dividido em duas partes, havendo a possibilidade de realizar um pequeno intervalo entre ambas, caso se verificasse cansaço por parte das crianças.

Deve destacar-se que a elaborada deste estudo também procedeu à aplicação do TIE à amostra, pelo que realizou um levantamento dos utentes que acompanhava e que obedeciam aos critérios de inclusão e exclusão propostos. Verificou a data de aplicação da GOL-E regendo-se pelo período de tempo acima determinado.

Após esta fase inicial, contactou os representantes legais e explicou os objetivos do estudo. Os representantes legais deslocaram-se ao estabelecimento onde as crianças beneficiavam de Terapia da Fala, a fim de assinarem o documento referente ao consentimento informado, procedendo-se à aplicação do TIE numa sala familiar à criança e onde se manteve o silêncio.

Concluída a recolha dos dados da amostra, elaborou-se uma tabela onde se registou as diversas faixas etárias onde da amostra e a pontuação final em cada estrutura linguística avaliada na GOL-E.

Para a constituição dos grupos de controlo, contactou-se, pessoalmente, os representantes legais de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade. Com o consentimento informado verbal dos representantes legais e a sua presença, procedeu-se à aplicação da GOL-E, numa das divisões das suas próprias casas. Concluída a aplicação e posterior, à análise dos dados, caso reunissem características para serem incluídas num dos grupos de controlo, procedia-se à aplicação do TIE, regendo-se pelos mesmos procedimentos realizados na recolha dos dados da amostra.

Dada a extensão de aplicabilidade dos dois instrumentos, GOL-E e TIE, realizou-se pelo menos um intervalo de, aproximadamente, 20 minutos, entre a aplicação de cada instrumento. Houve crianças que ainda beneficiaram de um intervalo

na aplicação do TIE aquando da passagem da primeira parte para a segunda, por um período de tempo menor.

No anexo (IX) encontram-se as tabelas elaboradas com as faixas etárias da amostra que tiveram como função selecionar os participante para o grupo de controlo referente à idade cronológica e no anexo (X), encontram-se os resultados da amostra obtidos na aplicação da GOL-E que possuíram como função selecionar os participantes para o grupo de controlo referente à idade linguística.

### Capítulo III – Análise e Discussão dos Resultados

O presente capítulo encontra-se organizado em 3 secções. A primeira secção apresenta a análise dos resultados face à média de respostas da amostra e dos dois grupos de controlo (análise intragrupos); a segunda secção refere-se à análise dos resultados face à média de respostas tendo em conta cada faixa etária e o desenvolvimento linguístico dos participantes da amostra (grupo PEDL) em relação aos grupos de controlo, IC e IL, respetivamente (análise intergrupos); e, por fim, a última secção refere-se à análise dos resultados face à média de respostas tendo em conta os diferentes subtipos de PEDL da amostra.

Os resultados serão analisados através das médias de resposta. Estabeleceu-se um intervalo de valores aquando da introdução dos dados no *SPSS*, tendo-se atribuído o valor “1” às respostas corretas e o valor “2” às incorretas. Convencionou-se que uma média com valores no intervalo entre [1] e [1,5] corresponde a uma média de respostas corretas, isto é, aos enunciados que os participantes aceitam; por sua vez, uma média cujos valores estiverem no intervalo numérico entre [1,51] e [2] corresponde a uma média de respostas incorretas, isto é, aos enunciados que os participantes rejeitam.

As hipóteses foram formuladas, prioritariamente para o grupo PEDL, contudo, como é necessário o comportamento dos outros grupos para poder fazer comparações, na discussão dos resultados, as hipóteses serão consideradas para os grupos de controlo.

#### 3.1 Resultados Intragrupos

Nesta secção, os resultados de cada grupo (especificamente, o grupo PEDL e os dois grupos de controlo) serão analisados separadamente, tendo como referência a média de respostas fornecidas pelos participantes.

Em cada grupo, primeiramente, será analisado o desempenho dos participantes na **interpretação semântica** (itens lógico-verdadeiros e falsos), seguindo-se a análise do desempenho na **interpretação pragmática (itens subinformativos)**. De seguida, será estabelecida a comparação do desempenho dos participantes entre as duas interpretações testadas, onde, previamente, se procedeu ao cálculo das médias dos itens lógico-verdadeiros e itens lógico-falsos, para facilitar a comparação entre as duas interpretações, finalizando-se com a análise do desempenho nos itens de controlo.

### 3.1.1 Grupo PEDL

A figura (8) representa a média de respostas fornecidas pelos participantes do grupo PEDL, no que se refere à interpretação semântica e pragmática, assim como à interpretação dos itens de controlo (cf. anexo XI).

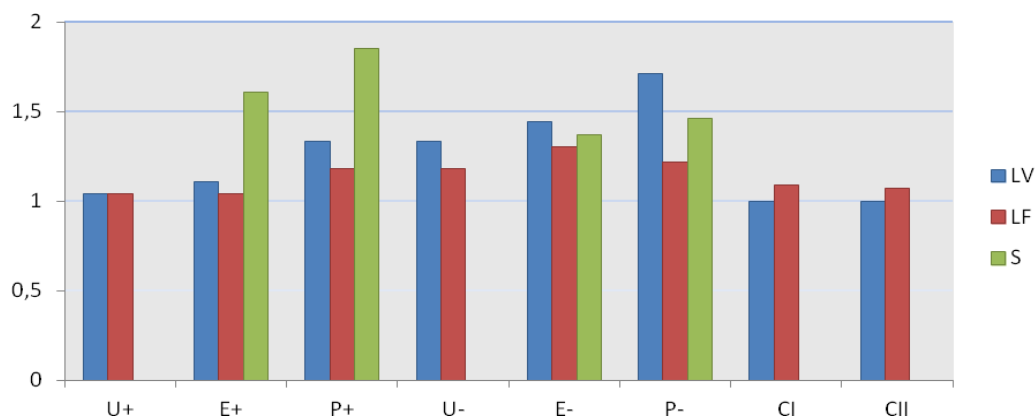


Figura 8 - Média de respostas, do grupo PEDL, referente à interpretação semântica e pragmática e aos itens de controlo.<sup>12</sup>

No que se refere ao desempenho na interpretação semântica, em contexto com polaridade positiva, na interpretação de “todos”, verifica-se que os participantes apresentam igual média de respostas na condição **verdadeira e falsa** ( $M^{13}=1,04$ ). Por seu lado, tanto na interpretação de “alguns”, como na do quantificador “a maioria”, verifica-se melhor desempenho na condição **falsa** ( $M=1,04$  para “alguns” e  $M=1,18$  para “a maioria”) do que na condição verdadeira ( $M=1,11$  para “alguns” e  $M=1,33$  para “a maioria”).

O mesmo se verifica na interpretação semântica, em contexto com polaridade negativa, na interpretação de “nenhum”, “alguns...não” e “a maioria...não”, onde os participantes revelam melhor desempenho na condição **falsa** ( $M=1,18$  para “nenhum”;  $M=1,3$  para “alguns...não” e  $M=1,22$  para “a maioria...não”) do que na condição verdadeira ( $M=1,33$  para “nenhum”;  $M=1,44$  para “alguns...não” e  $M=1,71$  para “a maioria...não”). Deve-se evidenciar que a diferença de desempenho parece ser pouco substancial, à exceção de “a maioria”, que apresenta valores de média correspondente a respostas incorretas, na condição verdadeira.

<sup>12</sup> (U+: “todos”; E+: “alguns”; P+: “a maioria”; U-: “nenhum”; E-: “alguns...não”; P-: “a maioria...não”; LV: itens interpretados segundo a lógica-verdadeira; LF: itens interpretados segundo a lógica-falsa, CI: itens de controlo da primeira parte; CII: itens de controlo da segunda parte).

<sup>13</sup> M= média

Em relação à interpretação semântica, em contextos com polaridade negativa, na interpretação de “nenhum”, observa-se um melhor desempenho na condição **falsa** (M=1,04) do que na condição verdadeira (M=1,15). Porém, quer a interpretação de “alguns...não” quer a interpretação de “a maioria...não”, apresentam melhores resultados na condição **verdadeira** (M=1,04 para “alguns...não” e M=1,22 para “a maioria...não”) do que na condição falsa (M=1,11 para “alguns...não” e M=1,26 para “a maioria...não”). Ressalva-se que estas diferenças de resultados parecem ser pouco significativas.

Regista-se um melhor desempenho na interpretação semântica dos quantificadores “alguns” e “nenhum” na condição falsa, em comparação com a condição verdadeira, embora a diferença não seja muito substancial. No que se refere ao quantificador “alguns”, a menor taxa de acerto verificada na condição verdadeira poder-se-á relacionar com o facto de as crianças associarem o quantificador a uma quantidade fixa, como propôs Katsos *et al.* (2011), no seu estudo com crianças com PEDL, e como foi relatado noutros estudos com crianças de cinco anos de idade com desenvolvimento típico (Katsos & Bishop, aceite para publicação; Katsos *et al.*, (2009)) que rejeitaram enunciados lógico-verdadeiros com “alguns” quando o termo escalar se referia à quantidade ‘dois’. Ao realizar-se uma análise qualitativa das respostas fornecidas pelo grupo PEDL que possam justificar este comportamento, verifica-se no nosso estudo que um dos participantes, quando rejeita os itens constituídos pelo referido quantificador, considera-os falsos porque se referem à quantidade “dois”, logo, poder-se-á colocar a hipóteses de estas crianças não associarem a quantidade ‘dois’ a “alguns”. Contudo, o número de participantes que justificaram a sua escolha é reduzido (apenas 1 em 9), pelo que não se poderá retirar muitas conclusões.

Em relação ao quantificador “nenhum”, um dos possíveis fatores para o melhor desempenho na condição lógica-falsa pode relacionar-se com a construção do TIE. A figura (9) representa um exemplo de um item que avalia a interpretação semântica do quantificador em questão: nesta imagem, os objetos (gatos), apesar de não estarem dentro dos atores (cestos), encontram-se na imagem. É possível que algumas crianças considerem que, para o item ser verdadeiro, não deveria aparecer nenhum objeto na imagem.

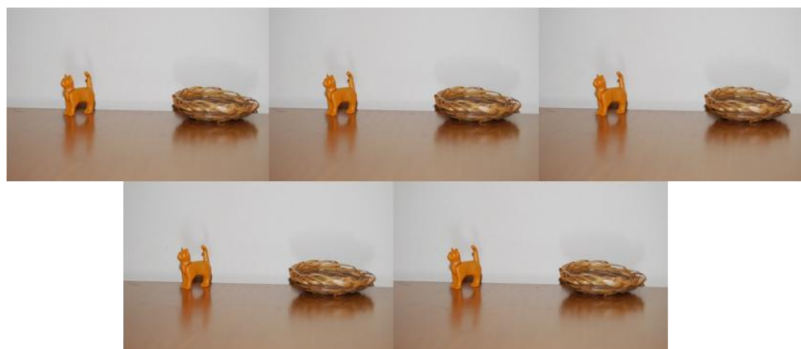


Figura 9 - Exemplo de um item que avalia a interpretação semântica do quantificador “nenhum”, na condição verdadeira.

Assim, na interpretação semântica, o grupo PEDL comporta-se de acordo com as predições, revelando (i) melhor desempenho nos quantificadores em contextos de polaridade positiva, embora a diferença em relação aos contextos com polaridade negativa não seja substancial; e (ii) um desempenho progressivamente pior à medida que a complexidade dos quantificadores aumenta.

No que se refere à **interpretação pragmática** de itens subinformativos, verifica-se que os participantes revelam melhor desempenho na interpretação do quantificador existencial “alguns...não” ( $M= 1,37$ ) e proporcional, “a maioria...não” ( $M=1,46$ ), em contextos com polaridade negativa, em comparação com a interpretação do quantificador existencial, “alguns” ( $M= 1,61$ ) e do proporcional, “a maioria” ( $M=1,85$ ), em contextos com polaridade positiva, contrariando o que seria esperado, uma vez que a negação é um processo linguístico mais complexo do que a afirmação (Horn, 1989; Just & Carpenter, 1971 in Katsos *et al.*, 2011). Também se verifica que o desempenho é sempre melhor com o quantificador existencial do que com o proporcional, nos dois tipos de contextos.

Assim, na interpretação pragmática, o grupo PEDL comporta-se de acordo com a predição (ii), revelando um desempenho progressivamente pior à medida que a complexidade dos quantificadores aumenta e comporta-se de forma contrária à predição (i), revelando melhor desempenho em contextos com polaridade negativa, sendo a diferença em relação aos contextos positivos substancial.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes nos dois tipos de interpretações estudadas, regista-se melhor desempenho na interpretação **semântica** em comparação com a interpretação pragmática de “alguns” ( $M=1,08$  para a interpretação semântica e  $M=1,61$  para a interpretação pragmática) e de “a maioria” ( $M= 1,26$  para a interpretação

semântica e  $M= 1,85$  para a interpretação pragmática). Contudo, em contextos negativos, verifica-se uma diferença pouco substancial entre as interpretação de “alguns...não” ( $M=1,37$  para ambas as interpretações) e de “a maioria...não” ( $M= 1,47$  para interpretação semântica e  $M= 1,46$  para a interpretação pragmática), estando, ambas, no entanto, muito perto da linha que separa as respostas corretas das incorretas.

Assim, o grupo PEDL, na comparação entre a interpretação semântica e pragmática, comporta-se de acordo com a predição (iii), revelando maior facilidade na interpretação de enunciados segundo o significado semântico do que de enunciados subinformativos, em contextos positivos. Por outro lado, em contextos negativos, o grupo PEDL revela idêntico nível de aceitação de enunciados segundo o significado semântico e de enunciados subinformativos.

Em relação ao desempenho na interpretação dos itens de controlo, verifica-se que os participantes revelam melhor desempenho nos itens verdadeiros, tanto na primeira como na segunda parte ( $M=1$ ), em comparação com o desempenho dos itens falsos ( $M=1,09$  na primeira parte e  $M=1,07$  na segunda). Contudo, esta diferença é pouco substancial.

Em síntese, os resultados do grupo PEDL confirmam as predições formuladas na subsecção (1.7.1) acima: as crianças deste grupo apresentam melhor desempenho na interpretação semântica do que na interpretação pragmática, em contextos com polaridade positiva, revelando dificuldade em derivar implicaturas. Observa-se que a polaridade e a complexidade dos quantificadores influenciam a interpretação dos mesmos. Em contextos com polaridade negativa.

### 3.1.2 Grupo IC

A figura (10) representa a média de respostas fornecidas pelos participantes do grupo IC, no que se refere à interpretação semântica e pragmática, assim como à interpretação dos itens de controlo (cf. anexo XII).

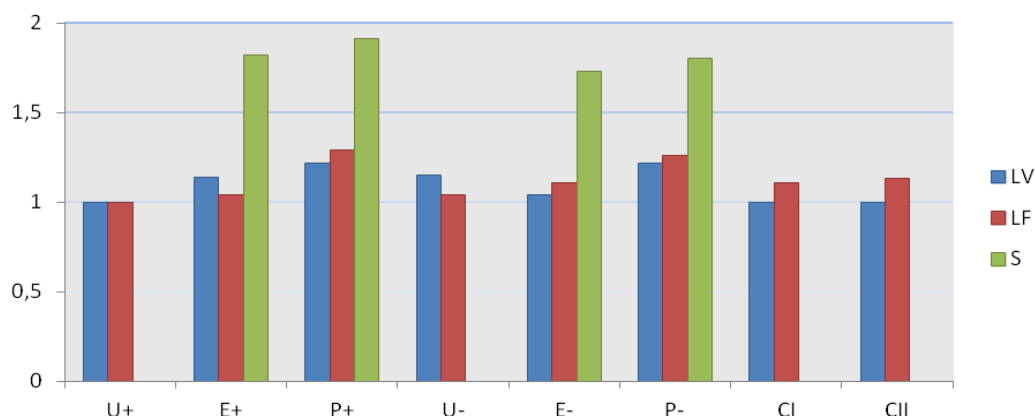


Figura 10 – Média de respostas, no grupo IC, referentes à interpretação semântica e pragmática e aos itens de controlo.

No que se refere ao desempenho dos participantes na interpretação semântica, em contextos com polaridade positiva, na interpretação de “todos”, verifica-se que os participantes apresentam o mesmo resultado na condição **verdadeira e falsa** ( $M=1$ ). Por seu lado, enquanto a interpretação de “alguns” exhibe melhores resultados na condição **falsa** ( $M=1,14$ ) do que na condição verdadeira ( $M=1,04$ ), na interpretação de “a maioria”, verifica-se a tendência inversa, com melhores resultados na **condição verdadeira** ( $M=1,22$ ) do que na condição falsa ( $M=1,29$ ).

Em relação à interpretação semântica, em contextos com polaridade negativa, na interpretação de “nenhum”, observa-se um melhor desempenho na condição **falsa** ( $M=1,04$ ) do que na condição verdadeira ( $M=1,15$ ). Porém, quer a interpretação de “alguns...não” quer a interpretação de “a maioria...não” apresentam melhores resultados na condição **verdadeira** ( $M=1,04$  para “alguns...não” e  $M=1,22$  para “a maioria...não”) do que na condição falsa ( $M=1,11$  para “alguns...não” e  $M=1,26$  para “a maioria...não”). Ressalva-se que estas diferenças de resultados parecem ser pouco significativas.

De acordo com as predições formuladas na subsecção (1.7.1), verifica-se, pois, que o grupo IC (i) revela melhor desempenho, por um lado, nos quantificadores em contextos com polaridade positiva, embora a diferença em relação aos contextos negativos não seja substancial e, por outro lado, (ii) revela um desempenho progressivamente pior à medida que a complexidade dos quantificadores aumenta, embora a diferença entre os quantificadores universais, existenciais e proporcionais seja pouco substancial.

No que se refere à **interpretação pragmática** de itens subinformativos, verifica-se que os participantes revelam melhor desempenho na interpretação do existencial, “alguns...não” (M=1,73) e do proporcional, “a maioria...não” (M=1,8), em contextos com polaridade negativa em comparação com a interpretação do existencial “alguns” (M=1,82) e do proporcional, “a maioria” (M=1,91), em contextos com polaridade positiva, contrariando o que seria esperado. Também se verifica que o desempenho é sempre melhor com o quantificador existencial do que com o proporcional, embora a diferença seja pouco substancial. Tal facto, que é idêntico ao que se observou no grupo PEDL, é inesperado, pois o desempenho nos quantificadores positivos deveria ser melhor.

Assim, na interpretação pragmática, o grupo IC comporta-se de acordo com a predição (ii), revelando um desempenho progressivamente pior à medida que a complexidade dos quantificadores aumenta, e comporta-se de forma contrária à predição (i), revelando melhor desempenho na interpretação de quantificadores em contextos negativos, sendo a diferença em relação aos quantificadores em contextos positivos pouco substancial.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes nos dois tipos de interpretações estudadas, regista-se melhor desempenho na interpretação **semântica** em comparação com a interpretação pragmática para todos os quantificadores: “alguns” (M=1,09 para a interpretação semântica e M=1,82 para a interpretação pragmática); “a maioria” (M= 1,26 para a interpretação semântica e M= 1,91 para a interpretação pragmática), “alguns...não” (M=1,07 para a interpretação semântica e M=1,73 para a interpretação pragmática) e “a maioria...não” (M= 1,24 para interpretação semântica e M= 1,8 para a interpretação pragmática). Deve-se evidenciar que a diferença entre o desempenho de enunciados segundo o significado semântico e enunciados subinformativos é substancial, uma vez que os participantes fornecem respostas corretas na interpretação semântica e respostas incorretas na interpretação de itens subinformativos.

Assim, o grupo IC, na comparação entre a interpretação semântica e pragmática, comporta-se de acordo com a predição (iii), revelando maior facilidade na interpretação de enunciados segundo o significado semântico do que na interpretação de enunciados subinformativos.

Em relação ao desempenho na interpretação nos itens de controlo, verifica-se que os participantes revelam melhor desempenho nos itens verdadeiros em ambas as

partes do teste (M=1), em comparação com os itens falsos (M=1,11 na primeira parte e M=1,13 na segunda).

Em síntese, os resultados do grupo IC confirmam as previsões formuladas na subsecção (1.7.1) acima: as crianças deste grupo apresentam melhor desempenho na interpretação semântica do que na interpretação pragmática, observando-se que a polaridade e a complexidade dos quantificadores influenciam a interpretação dos mesmos.

### 3.1.3 Grupo IL

A figura (11) representa a média de respostas fornecidas pelos participantes do grupo IL, no que se refere à interpretação semântica e pragmática, assim como à interpretação dos itens de controlo (cf. anexo XIII).

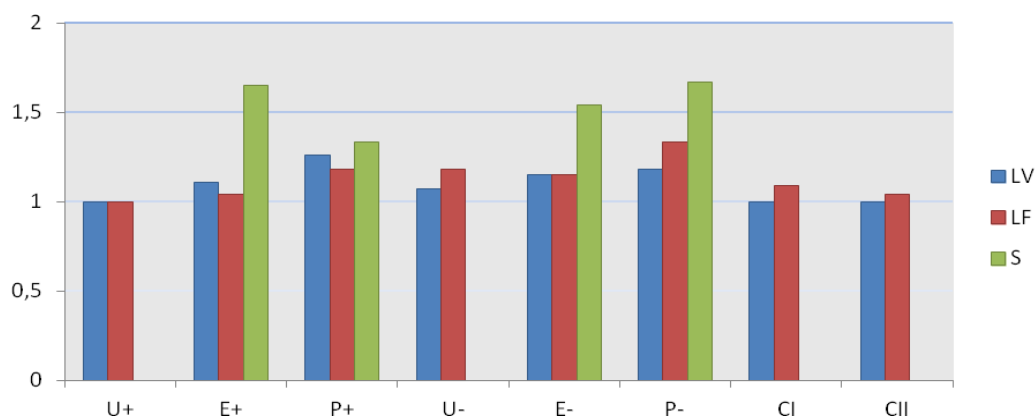


Figura 11 – Média de respostas, no grupo IL, referentes à interpretação semântica e pragmática e aos itens de controlo.

No que se refere ao desempenho dos participantes, na interpretação semântica, em contextos com polaridade positiva, na interpretação de “todos”, verifica-se que os resultados são idênticos nas condições **verdadeira e falsa** (M=1). Porém, na interpretação de “alguns”, observa-se melhor desempenho na condição **falsa** (M=1,04) do que na condição verdadeira (M=1,11), ao contrário de “a maioria”, que apresenta melhores resultados na condição **verdadeira** (M= 1,26) do que na falsa (M=1,18).

Em relação à interpretação de quantificadores em contextos com polaridade negativa, verifica-se que os participantes apresentam melhor desempenho na condição **verdadeira** do que na condição falsa tanto com “nenhum” (M=1,07 contra M=1,18) como com “a maioria...não” (M=1,18 contra M=1,33). Quanto a “alguns...não”, regista-se idêntico desempenho nas condições **verdadeira e falsa** (M=1,15).

Comparando o desempenho nas duas condições, os participantes do grupo IL apresentam os mesmos resultados na interpretação semântica dos quantificadores “todos” e “alguns...não” em ambas as condições, revelando consistência de resposta nestes dois quantificadores.

De acordo com as previsões formuladas na subsecção (1.7.1), verifica-se, pois, que o grupo IC (i) revela melhor desempenho, por um lado, em contextos com polaridade positiva, embora a diferença em relação aos contextos negativos seja substancial; e, por outro lado, (ii) revela um desempenho progressivamente pior à medida que a complexidade dos quantificadores aumenta, embora a diferença entre aos quantificadores universais, existenciais e proporcionais seja pouco substancial.

No que se refere à **interpretação pragmática**, verifica-se que este grupo apresenta melhor desempenho na interpretação de “a maioria” (M=1,33) em comparação com “alguns...não” (M=1,54), alguns” (M=1,65) e “a maioria...não” (M=1,67).

Assim, na interpretação pragmática, o grupo IL comporta-se de acordo com a previsão (i), revelando melhor desempenho na interpretação de quantificadores em contextos de polaridade positiva, sendo a diferença em relação aos contextos negativos pouco substancial. De acordo com a previsão (ii), observa-se um desempenho progressivamente pior à medida que a complexidade dos quantificadores aumenta, em contextos negativos, embora a diferença seja pouco substancial. No entanto, em contextos positivos, verifica-se que o grupo se comporta-se de forma contrária à previsão (ii), apresentando um desempenho pior à medida que a complexidade diminui, embora a diferença entre os três quantificadores seja pouco substancial.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes nos dois tipos de interpretações estudadas, regista-se melhor desempenho na interpretação **semântica** em comparação com a interpretação pragmática de todos os quantificadores: “alguns” (M=1,08 para a interpretação semântica e M=1,65 para a interpretação pragmática); “a maioria” (M= 1,22 para a interpretação semântica e M= 1,33 para a interpretação pragmática), “alguns...não” (M=1,15 para a interpretação semântica e M=1,54 para a interpretação pragmática) e “a maioria...não” (M= 1,26 para interpretação semântica e M= 1,67 para a interpretação pragmática). Deve-se evidenciar que a diferença entre o desempenho de enunciados segundo a semântica e de enunciados subinformativos é substancial, uma vez que os participantes registam uma média de respostas corretas para os enunciados

interpretados segundo o significado semântico, e uma média de respostas incorretas para todos os enunciados subinformativos, à exceção dos que contêm o quantificador “a maioria”.

Assim, o grupo IL, na comparação entre a interpretação semântica e pragmática, comporta-se de acordo com a predição (iii), revelando maior facilidade na interpretação de enunciados segundo o significado semântico do que de enunciado subinformativos.

Em relação ao desempenho na interpretação nos itens de controlo, verifica-se que os participantes revelam melhor desempenho nos itens verdadeiros ( $M=1$ ), em comparação com o desempenho nos itens falsos ( $M=1,09$  na primeira parte e  $M=1,04$  na segunda).

Em síntese, os resultados do grupo IL confirmam as predições formuladas na subsecção (1.7.1) acima: as crianças deste grupo apresentam melhor desempenho na interpretação semântica do que na interpretação pragmática, observando-se que a polaridade e a complexidade dos quantificadores influenciam a interpretação dos mesmos.

#### 3.1.4 Síntese da análise intragrupos

Nesta subsecção será realizada uma síntese dos resultados da análise intragrupos, tendo em conta as predições realizadas. Deve-se evidenciar que o facto de a amostra ser muito reduzida condiciona a análise dos comportamentos dos participantes e torna difícil retirar conclusões definitivas do estudo.

Assim, no que se refere à predição (i), tanto o grupo PEDL como os grupos de controlo revelam melhor desempenho na interpretação de quantificadores em contextos com polaridade positiva do que em contextos com polaridade negativa, na interpretação semântica, não sendo a diferença, contudo, substancial.

Relativamente à predição (iii), o grupo PEDL e o grupo IL quando se compara a média de respostas nos itens lógicos com a média de respostas nos itens subinformativos, observa-se diferenças entre as duas, sendo a média sempre melhor nos itens lógico, a única exceção é o grupo PEDL nos contextos negativos, onde não se observam diferenças.

Deve-se evidenciar que todos os grupos demonstram um comportamento inconsistente na interpretação de enunciados quantificados, segundo a interpretação

semântica, e que, apesar de revelarem melhor desempenho nesta interpretação em comparação com a interpretação pragmática, também revelam dificuldades na primeira interpretação. Assim, embora as crianças possam revelar uma tendência para interpretar segundo a lógica, como consideram Bott e Noveck (2004), e Huang e Snedeker (2009), ainda possuem défices neste domínio. O mesmo se verifica na interpretação de enunciados subinformativos.

Dada esta inconsistência torna-se difícil comparar o desempenho do grupo PEDL com os grupos de controlo, pelo que de seguida será realizada uma análise intergrupos.

### 3.2 Análise Intergrupos: Resultados em função da idade cronológica

De seguida serão apresentados os resultados das médias de respostas fornecidas em função da idade cronológica dos participantes que constituem o grupo PEDL e o grupo de controlo IC. Recorde-se que os dois grupos são constituídos por participantes com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos, havendo variação no número de participantes em cada faixa etária.

Em cada faixa etária, tendo em conta os grupos PEDL e IC, serão analisados os resultados, comparando a interpretação semântica e a pragmática, relacionando-os com a hipótese (iv) referente ao desenvolvimento linguístico. Para tal, procedeu-se, previamente, ao cálculo da média dos itens lógico-verdadeiro e itens lógico-falso, de modo a facilitar a comparar.

#### 3.2.1 Médias das respostas dadas na faixa etária de 7 anos

Os dois grupos em análise são constituídos por 4 participantes cada, pertencentes à faixa etária dos 7 anos.

As figuras (12) e (13) representam a média de respostas corretas fornecidas pelos participantes do grupo PEDL e IC (cf. anexo XVI), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

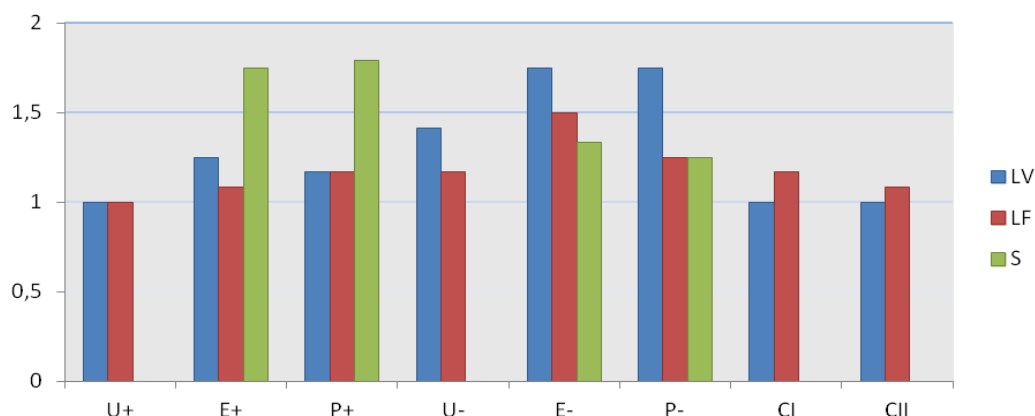


Figura 12 – Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 7 anos, referentes às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.

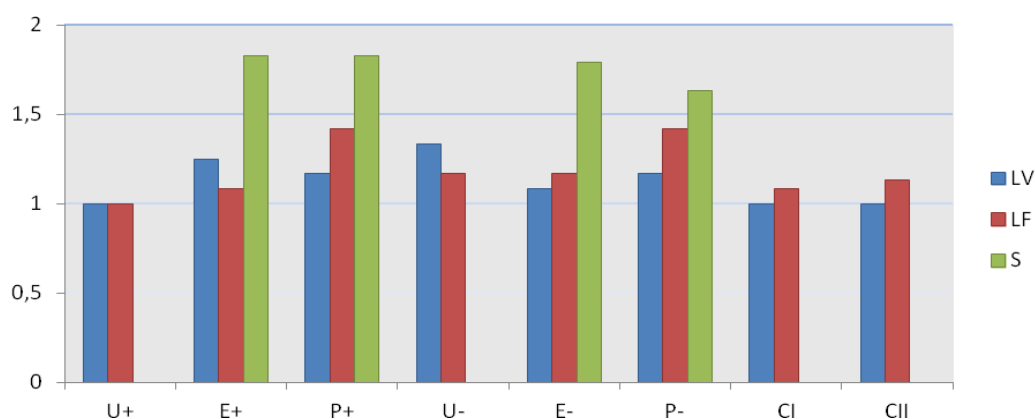


Figura 13 – Média de respostas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 7 anos no grupo IL, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes do grupo PEDL e grupo IC, na interpretação semântica, regista-se igual desempenho nos quantificadores “todos” ( $M=1$ ) e “alguns” ( $M=1,17$ ). Regista-se melhor desempenho do grupo PEDL em comparação com o grupo IC, na interpretação de “a maioria” ( $M=1,17$  contra  $M=1,30$ ), e melhor desempenho do grupo IC em comparação com o grupo PEDL, na interpretação de “nenhum” ( $M=1,25$  contra  $M=1,29$ ), “alguns...não” ( $M=1,13$  contra  $M=1,63$ ) e “a maioria...não” ( $M=1,30$  contra  $M=1,5$ ).

Assim, na interpretação semântica, verifica-se que o grupo PEDL revela pior desempenho em comparação com o grupo IC, em contextos com polaridade negativa. Por sua vez, o grupo PEDL revela melhor desempenho em “a maioria”, embora a diferença seja pouco substancial. Contudo, também se verifica que revelam igual desempenho nos quantificadores “todos” e “alguns”.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes, na interpretação pragmática, verifica-se que o grupo PEDL revela melhor desempenho em comparação com o grupo IC na interpretação de todos os quantificadores: “alguns” (M=1,75 contra M=1,83); “a maioria” (M=1,79 contra M=1,83); “alguns...não” (M=1,33 contra M=1,79) e “a maioria...não” (M=1,25 contra 1,63). A diferença de desempenho parece ser substancial, na interpretação em contextos negativos.

Assim, na interpretação pragmática, contraria-se a hipótese (iv). Embora ambos os grupos revelem dificuldade na interpretação de implicaturas escalares, as crianças com PEDL parecem demonstrar maior facilidade em derivar implicaturas em comparação com as crianças do grupo IC, para a faixa etária dos 7 anos de idade, em contextos com polaridade negativa. Assim, os nossos resultados para o grupo IC corroboram o estudo de Noveck (2001), que mostra que, nesta faixa etária, as crianças têm dificuldade em aceder ao significado pragmático de termos escalares, e contrariam a conclusão de Guasti *et al.* (2005) de que crianças de 7 anos de idade realizam interpretações de enunciados subinformativos – como referimos, no nosso estudo, a média de respostas neste tipo de interpretações, em ambos os grupos, centra-se no intervalo de valores correspondente a respostas incorretas.

### 3.2.2 Médias das respostas dadas na faixa etária de 8 anos

Os dois grupos em análise são constituídos por 3 participantes cada, pertencentes à faixa etária dos 8 anos.

As figuras (14) e (15) representam a média de respostas fornecidas pelos participantes do grupo PEDL e IC (cf. anexo XV), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

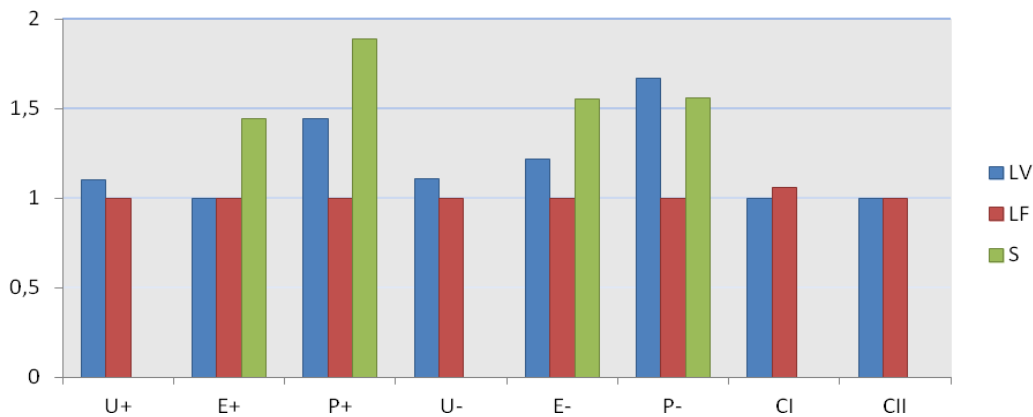


Figura 14 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 8 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controle.

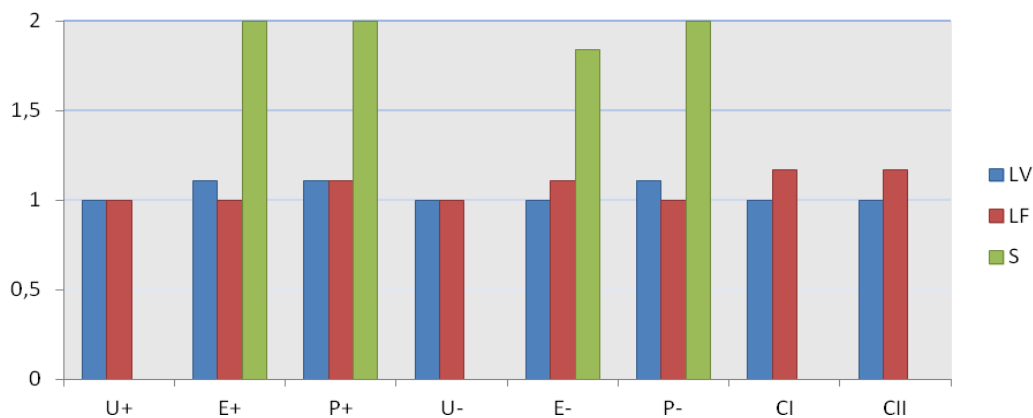


Figura 15 - Média de respostas corretas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 8 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controle.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes do grupo PEDL e grupo IC, na interpretação semântica, regista-se melhor desempenho do grupo PEDL em comparação com o grupo IC, na interpretação de “alguns” (M=1 contra M=1,22); “alguns...não” (M=1,11 contra M=1,22); “a maioria...não” (M=1,03 contra M=1,22) e melhor desempenho do grupo IC em comparação com o grupo PEDL, na interpretação de “todos” (M=1 contra M=1,05); “a maioria” (M=1,11 contra M=1,22) e “nenhum” (M=1 contra M=1,06). Deve-se ressaltar q ue estas diferenças parecem ser pouco substanciais, que todos os resultados obtidos correspondem a respostas corretas e que o grupo IC revela maior consistência de respostas.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes, na interpretação pragmática, verifica-se que o grupo PEDL revela melhor desempenho em comparação com o grupo IC na interpretação de “alguns” (M=1,44 contra M=2); “a maioria” (M=1,89 contra

M=2); “alguns...não” (M=1,55 contra M=1,84) e “a maioria...não” (M=1,56 contra M=2). A diferença de desempenho parece ser substancial, na interpretação de “alguns”, pois o grupo PEDL revela médias correspondente a respostas corretas, contudo muito próxima da linha de corte entre as respostas corretas e incorretas e o grupo IC revela médias correspondente a respostas incorretas. Deve-se ressaltar que na interpretação dos restantes quantificadores, ambos os grupos revelam uma média de respostas incorretas. Mais uma vez verifica-se que o grupo PEDL apresenta um padrão de respostas muito inconsistente.

Assim, os resultados para a faixa etária dos 8 anos contrariam, aparentemente, a hipótese (iv): as crianças com PEDL parecem revelar maior facilidade em derivar implicaturas em comparação com as crianças do grupo IC, embora ambos os grupos demonstrem dificuldades na derivação de implicaturas.

### 3.2.3 Médias das respostas na faixa etária de 9 anos

Os dois grupos em análise são constituídos por 1 participante cada, pertencente à faixa etária dos 9 anos.

As figuras (16) e (17) representam a média de respostas corretas fornecidas pelos participantes do grupo PEDL e do grupo IC (cf. anexo XVI), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

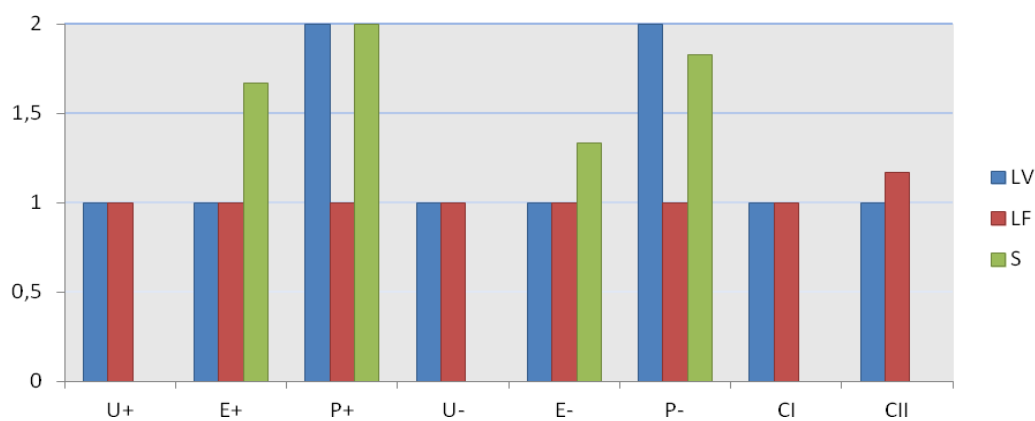


Figura 16 - Média de respostas corretas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 9 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.

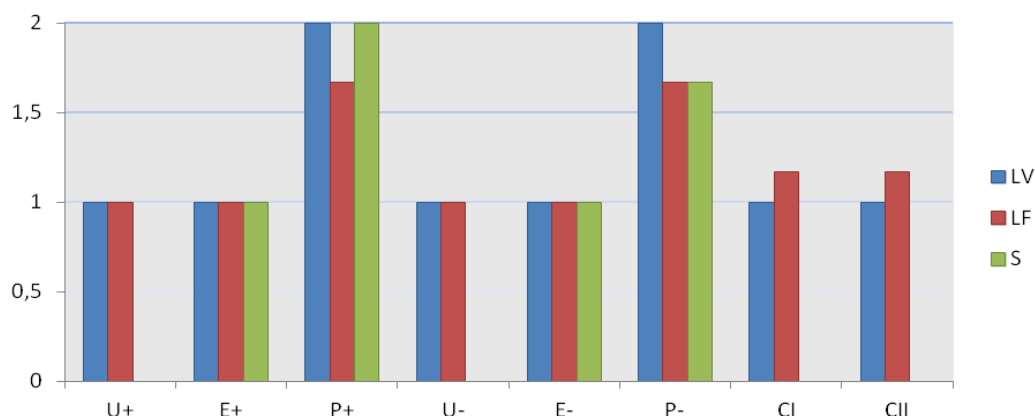


Figura 17 - Média de respostas corretas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 9 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.

Ao comparar-se o desempenho do participante do grupo PEDL e o do grupo IC, na interpretação semântica, regista-se igual desempenho de ambos na interpretação de “todos”, “alguns”, “nenhum” e “alguns...não” ( $M=1$ ), e melhor desempenho da criança PEDL em comparação com a criança do grupo IC, na interpretação de “a maioria” e “a maioria...não” ( $M=1,5$  contra  $M=1,84$ ). Deve-se ressaltar que a diferença parece ser substancial, na interpretação dos proporcionais.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes, na interpretação pragmática, verifica-se que a criança PEDL revela pior desempenho em comparação com a criança do grupo IC na interpretação de “alguns” ( $M=1,67$  contra  $M=1$ ), “alguns...não” ( $M=1,33$  contra  $M=1$ ) e “a maioria...não” ( $M=1,83$  contra  $M=1,67$ ). Na interpretação de “a maioria”, ambos os grupos revelam o mesmo desempenho ( $M=2$ ). A diferença de desempenho parece ser substancial, na interpretação dos existenciais, contudo na interpretação dos proporcionais a diferença não é substancial, porque ambos os grupos revelam uma média correspondente a respostas incorretas.

Assim, na faixa etária dos 9 anos, verifica-se a hipótese (iv): a criança com IC revela maior facilidade em derivar implicaturas em comparação com a criança do grupo PEDL, embora ambas apresentem dificuldades na derivação de implicaturas em contextos com o quantificador proporcional.

### 3.2.4 Médias das respostas na faixa etária de 10 anos

Os dois grupos em análise são constituídos por 1 participante cada, na faixa etária dos 10 anos.

As figuras (18) e (19) representam a média de respostas fornecidas pelos participantes do grupo PEDL e do grupo IC (cf. anexo XVII), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

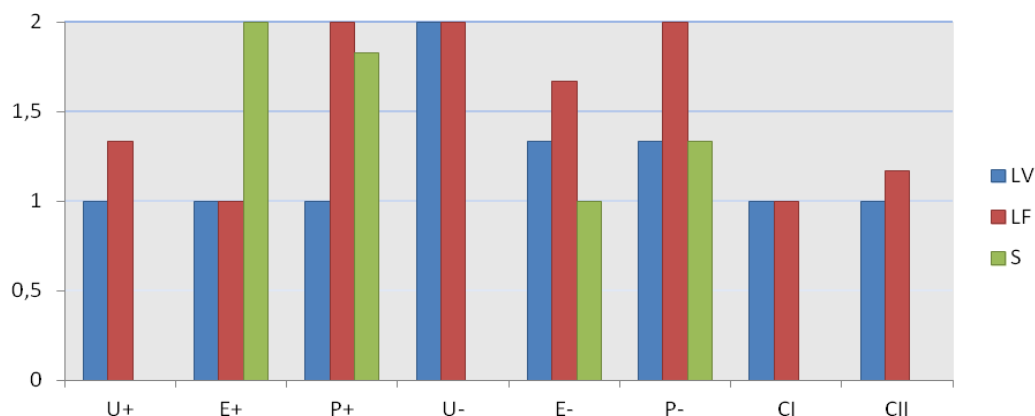


Figura 18 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 10 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.

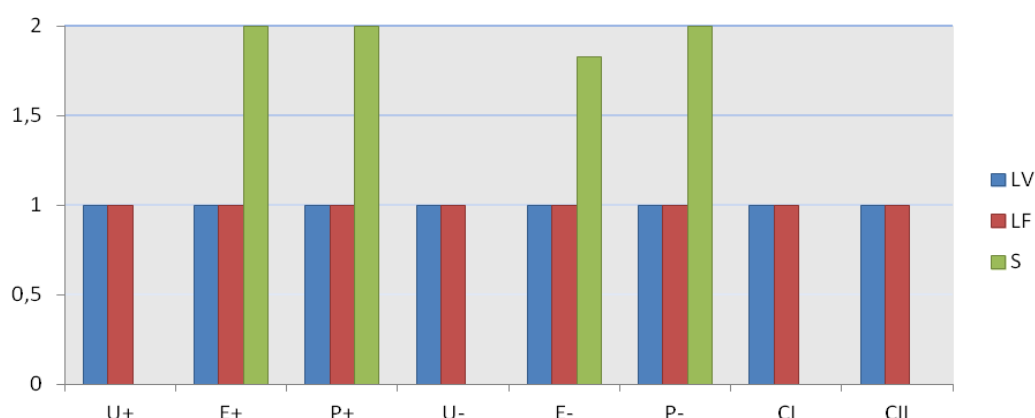


Figura 19 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 10 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes do grupo PEDL e do grupo IC, na interpretação semântica, regista-se igual desempenho de ambos os grupos na interpretação de “alguns” (M=1) e pior desempenho da criança PEDL em comparação com a do grupo IC, na interpretação de “todos” (M=1,17 contra M=1), “a maioria” (M=1,5 contra M=1); “nenhum” (M=2 contra M=1), “alguns...não” (M=1,5 contra M=1) e “a maioria...não” (M=1,67 contra M=1). Deve-se ressaltar que a diferença parece ser substancial apenas na interpretação de “nenhum” e “a maioria...não”.

Ao comparar-se o desempenho dos participantes, na interpretação pragmática, verifica-se que a criança PEDL revela melhor desempenho em comparação com a do grupo IC na interpretação de “a maioria” (M=1,83 contra M=2), “alguns...não” (M=1 contra M=1,83) e “a maioria...não” (M=1,33 contra M=2). Apenas na interpretação de “alguns” ambos os grupos revelam o mesmo desempenho (M=2). A diferença de desempenho parece ser substancial, na interpretação de quantificadores com contextos com polaridade negativa, pois o grupo PEDL revela uma média de respostas corretas, enquanto o grupo IC possui uma média de respostas incorretas.

Assim, na interpretação pragmática, contraria-se a hipótese (iv), pois a criança com PEDL revela maior facilidade em derivar implicaturas em comparação com a criança do grupo IC, para a faixa etária dos 10 anos de idade, contudo, também revela dificuldades na derivação de implicaturas, principalmente, em contextos com polaridade positiva. Mais uma vez, verifica-se que o grupo PEDL possui um padrão de respostas muito inconsistente e que na interpretação semântica, revela média de respostas correspondente a respostas incorretas, o que dificulta chegar a uma conclusão, para além de este grupo apenas possuir um participante.

### 3.2.5 Síntese da análise intergrupos, em função da idade cronológica

Nesta subsecção será realizada uma síntese dos resultados da análise intergrupos, tendo em conta a predição (iv) formulada na subsecção (1.7.1). Deve-se evidenciar que a amostra é muito reduzida e que se regista oscilação do número de participantes em cada faixa etária, o que condiciona a análise dos comportamentos dos participantes e torna difícil retirar conclusões seguras dos mesmos.

Na faixa etária dos 7 anos, ambos os grupos revelam evidência de dificuldades quer na interpretação semântica quer na interpretação pragmática; contudo, o grupo PEDL apresenta melhor desempenho (embora menos consistente) na interpretação pragmática, embora a diferença seja pouco substancial. O mesmo verifica-se na faixa etária dos 8 anos. No que respeita às condições lógicas no grupo IC dos 8 anos, que apresenta resultados consistentemente melhores do que os participantes do mesmo grupo, na faixa etária dos 7 anos.

Verifica-se na faixa etária dos 9 anos maior consistência de respostas de ambos os grupos, na interpretação semântica, à exceção da interpretação dos quantificadores “a maioria” e “a maioria...não”. Contudo, ambas apresentam dificuldades na derivação de

implicaturas em contextos com o quantificador proporcional. Não se deve generalizar conclusões para esta faixa etária, pois ambos os grupos são apenas constituídos por uma criança, contudo, deve-se referir que a criança do grupo PEDL possui défice fonológico-sintático.

Por fim, para a faixa etária dos 10 anos, ambas as crianças revelam dificuldade na derivação de implicaturas, embora os resultados da criança do grupo PEDL sejam menos consistentes do que os da criança do grupo IC. Quanto à interpretação semântica, a criança PEDL revela ainda dificuldades, de modo geral, ao contrário da criança do grupo IC, apresenta um desempenho alvo em todos os itens das condições lógicas.

Assim, podemos concluir que, no grupo IC, se verifica, por um lado, uma progressão no desenvolvimento da interpretação lógica, e, por outro lado, uma maior consistência no desempenho a nível da interpretação pragmática. Não se observa a mesma progressão no desenvolvimento semântico do grupo PEDL e, ao mesmo tempo, não se observam padrões consistentes nas respostas relativas aos itens subinformativos nas diferentes faixas etárias. Estes factos levantam a possibilidade que o desempenho aparentemente melhor do grupo PEDL, em comparação com o grupo IC, na interpretação pragmática, se poderá dever a padrões aleatórios de resposta do grupo PEDL. Referimos, porém, mais uma vez, a dificuldade em formular conclusões seguras a partir destes resultados, face ao número reduzido da amostra.

### 3.3 Resultados/discussão em função do desenvolvimento linguístico

Nesta secção, será realizada uma análise associando cada participante do grupo PEDL a um participante do grupo IL com o mesmo desenvolvimento linguístico. (cf. anexo X).

A análise será realizada em função da média de respostas fornecidas (cf. anexo XVIII), sendo considerado o mesmo intervalo de valores estipulado na análise dos resultados acima.

#### 3.3.1 Participante 1

As figuras (20) e (21) representam a média de respostas fornecidas pelo participante 1 do grupo PEDL (com 8 anos de idade e com défice semântico-pragmático) e pelo correspondente participante IL (com 8 anos de idade), no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

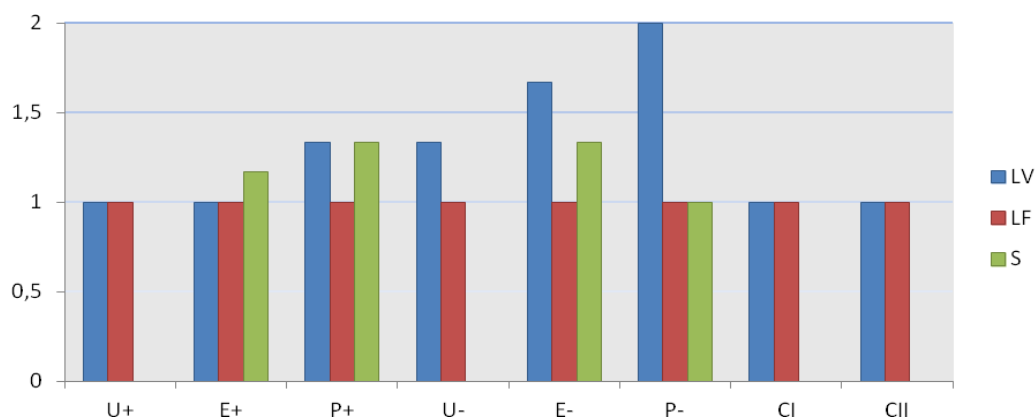


Figura 20 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 1, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

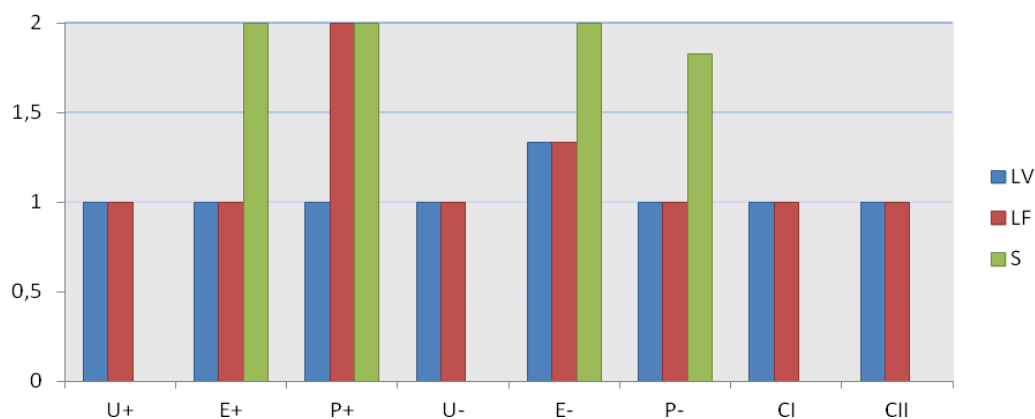


Figura 21 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 1, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Os participantes 1 de ambos os grupos revelam facilidade na interpretação de enunciados segundo a interpretação semântica, embora o participante IL revele um padrão de respostas mais consistente do que o participante PEDL e mostre dificuldades apenas com “a maioria”. No que se refere à interpretação pragmática, o participante do grupo IL revela média de respostas incorretas em todos os quantificadores, ao contrário da criança do grupo PEDL, que apresenta uma média de respostas corretas com todos eles.

Assim, na interpretação pragmática, contraria-se a hipótese (iv), pois o participante PEDL parece ter mais facilidade em derivar implicaturas, em comparação com o participante do grupo IL.

### 3.3.2 Participante 2

As figuras (22) e (23) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 2 do grupo PEDL (com 7 anos e com déficit léxico-sintático) e pelo participante correspondente do grupo IL (com 7 anos), no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

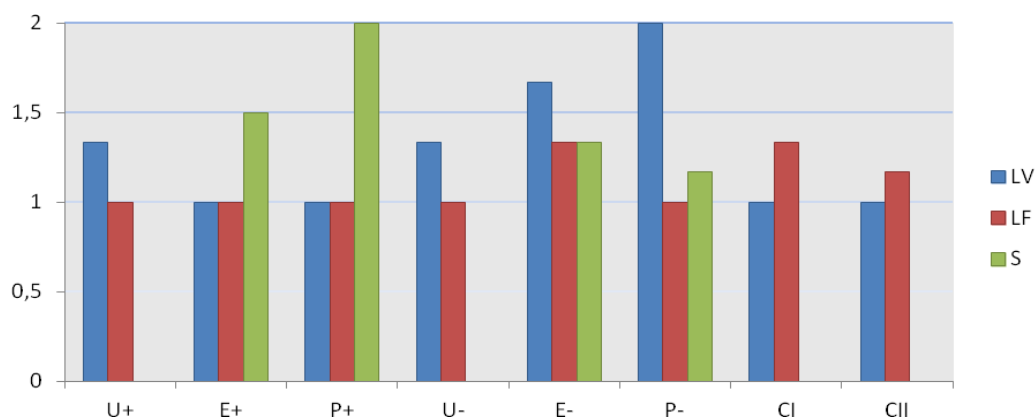


Figura 22 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 2, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

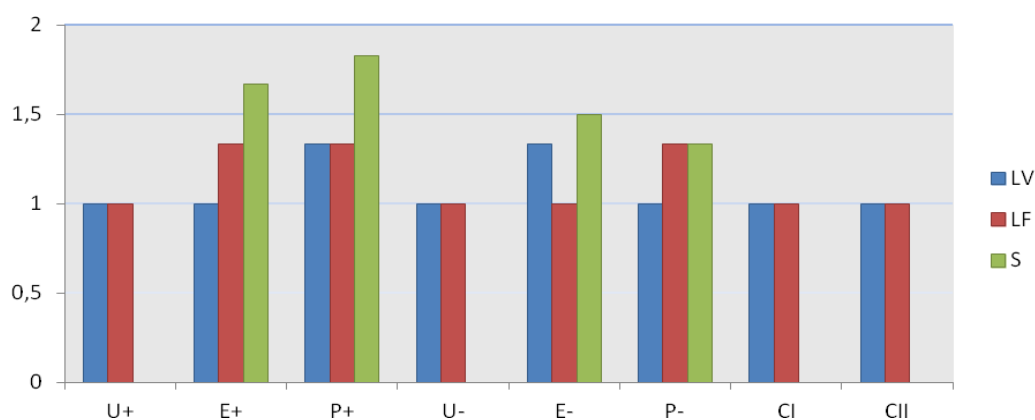


Figura 23 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 2, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

No que se refere à interpretação semântica, é evidente o desempenho do grupo IL ligeiramente melhor do que o do grupo PEDL. Em relação à interpretação pragmática, verifica-se que o participante do grupo PEDL revela melhor desempenho em comparação com o participante do grupo IL, registando-se, em ambos os participantes, maior dificuldade na interpretação de enunciados subinformativos com os quantificadores “alguns” e “a maioria”. Os resultados evidenciam que ambos os participantes possuem dificuldade na interpretação de enunciados subinformativos.

### 3.3.3 Participante 3

As figuras (24) e (25) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 3 do grupo PEDL (com 8 anos de idade e déficit semântico-pragmático) e pelo participante do grupo IL (com 8 anos), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

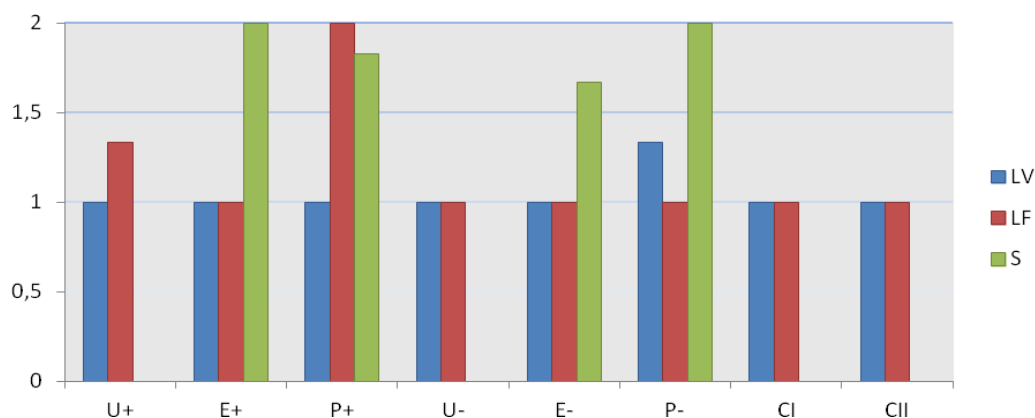


Figura 24 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 3, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

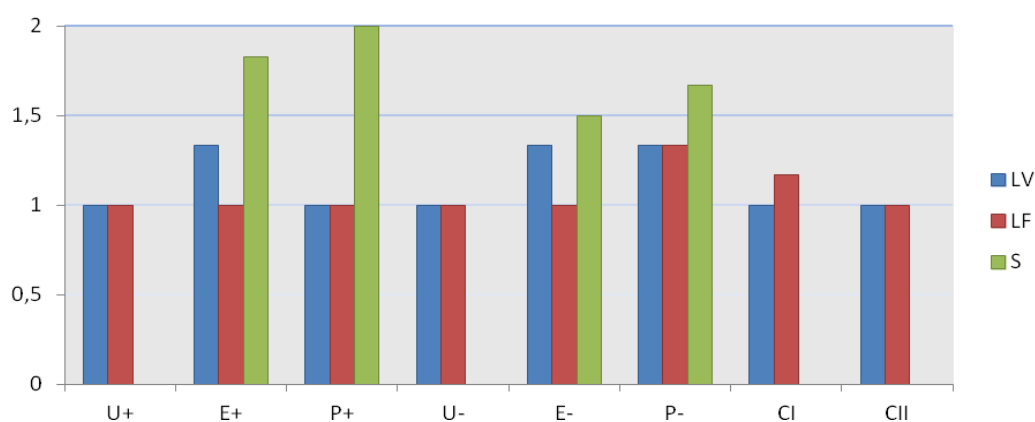


Figura 25 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 3, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

No que se refere à interpretação semântica, ambos os participantes revelam facilidade na interpretação de enunciados (com exceção do participante PEDL na interpretação do quantificador “a maioria”). Em relação à interpretação pragmática, verifica-se que o participante do grupo PEDL revela pior desempenho, embora não seja muito marcado, em comparação com o participante do grupo IL, registando-se, em ambos os participantes, respostas incorretas, à exceção do participante do grupo IL na interpretação de “alguns...não” ( $M=1,5$ ).

Assim, na interpretação pragmática, confirma-se a hipótese (iv), pois o participante PEDL revela maior dificuldade em derivar implicaturas em comparação com o participante do grupo IL, embora a diferença seja pouco substancial.

### 3.3.4 Participante 4

As figuras (26) e (27) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 4 do grupo PEDL (com 8 anos de idade e déficit léxico-sintático) e pelo participante do grupo IL (com 6 anos de idade), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

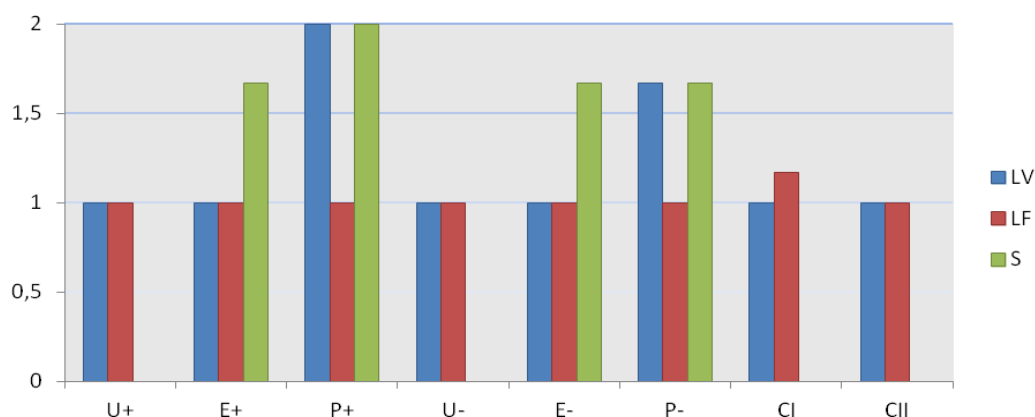


Figura 26 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 4, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

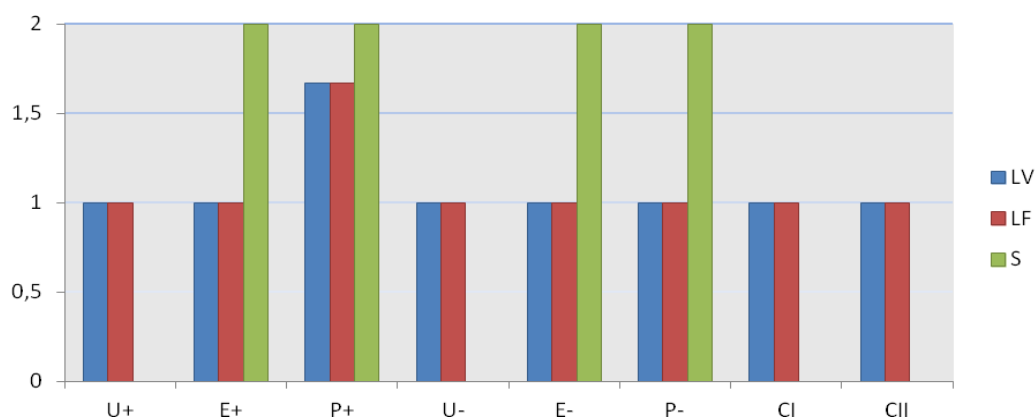


Figura 27 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 4, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Os participantes 4 de ambos os grupos revelam facilidade na interpretação semântica de enunciados; contudo, verifica-se que os participantes revelam maior dificuldade na interpretação de “a maioria” (M=1,5 para o participante do grupo PEDL e M=1,67 para o participante do grupo IL) e “a maioria...não” (M=1.34), no caso da

criança PEDL. Verifica-se que ambos os grupos possuem um padrão de respostas mais consistente. No que se refere à interpretação pragmática, verifica-se que ambos os participantes revelam dificuldade na interpretação de enunciados subinformativos, verificando-se que o participante do grupo PEDL rejeita mais enunciados subinformativos do que o do grupo IL.

### 3.3.5 Participante 5

As figuras (28) e (29) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 5 do grupo PEDL (com 10 anos de idade e déficit léxico-sintático) e pelo participante do grupo IL (com 8 anos de idade), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

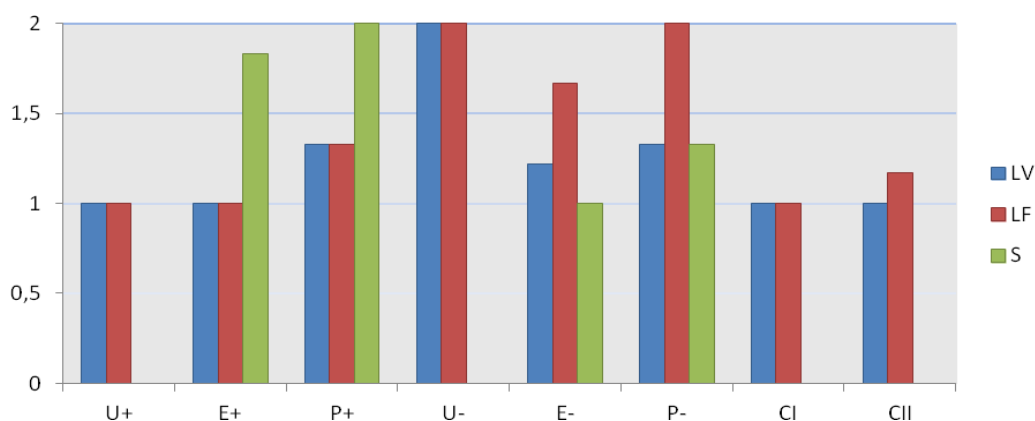


Figura 28 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 5, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

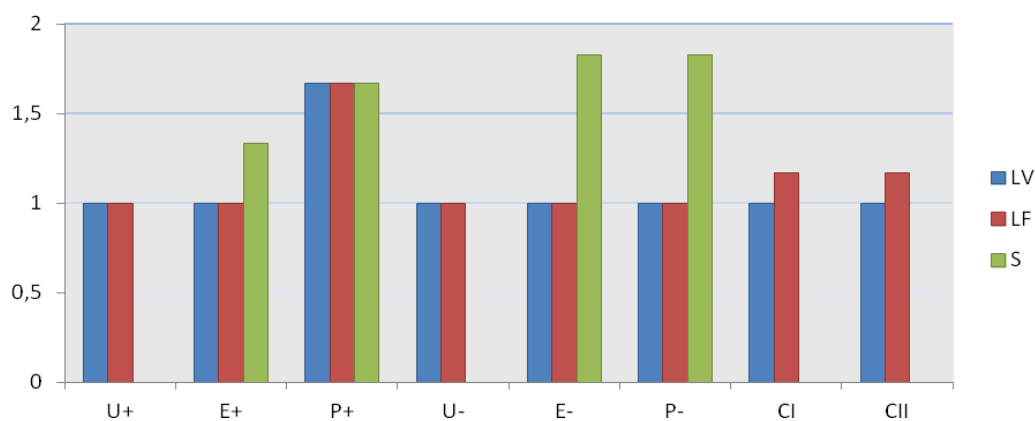


Figura 29 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 5, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Na interpretação semântica, o participante do grupo IL revela melhor desempenho em comparação com o participante do grupo PEDL; ressalva-se que o

participante do grupo PEDL apenas revela melhor desempenho na interpretação de “todos” (M=1) e “alguns” (M=1) e o participante do grupo IL revela dificuldade na interpretação de “a maioria” (M=1,67). Neste tipo de interpretação, o participante IL revela consistência nas respostas.

No que se refere à interpretação pragmática, o participante do grupo PEDL revela melhor desempenho na interpretação de “alguns...não” (M=1) e “a maioria...não” (M=1,33) e pior desempenho na interpretação de “alguns” (M=1,82) e “a maioria” (M=2). Por outro lado, o participante do grupo IL revela melhor desempenho em “alguns” (M=1,33) em comparação com a interpretação de quantificadores em contexto negativo (M=1,83).

Assim, verifica-se que ambos os grupos possuem dificuldade na interpretação de enunciados subinformativos.

### 3.3.6 Participante 6

As figuras (30) e (31) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 6 do grupo PEDL (com 7 anos de idade e déficit fonológico-sintático) e pelo participante do grupo IL (com 6 anos de idade), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

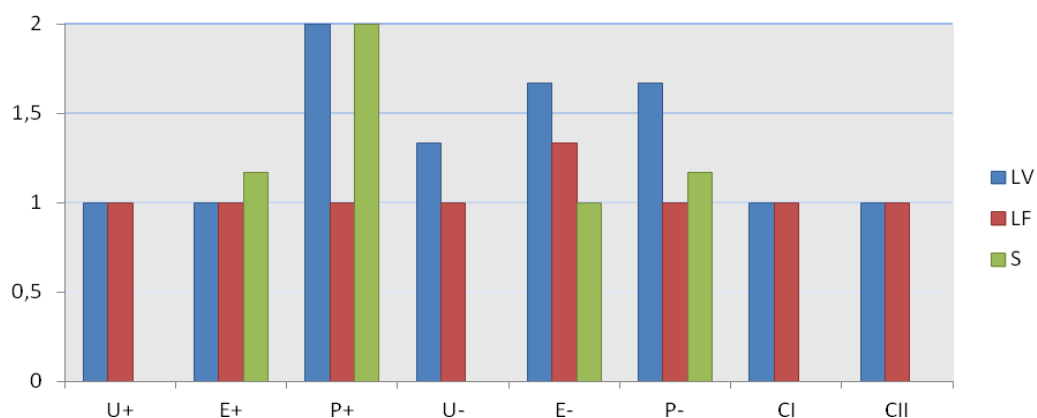


Figura 30 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 6, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

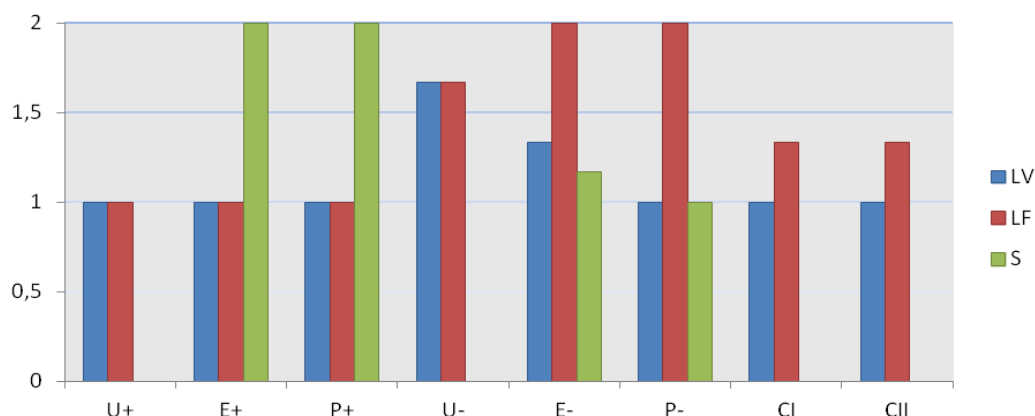


Figura 31 – Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 6, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Na interpretação semântica, o participante do grupo IL, exibe dificuldades na interpretação de “nenhum” e “alguns...não” ( $M=1,67$ ) e de “a maioria...não” ( $M=1,5$ ), valor que se encontra na linha de corte entre as respostas corretas e incorretas. Tal facto, poder-se-á relacionar com a idade da criança, 6 anos. Em relação à interpretação pragmática, o participante do grupo PEDL revela dificuldade na interpretação de “a maioria” ( $M=2$ ), apresentando melhor desempenho na interpretação dos restantes quantificadores; o participante do grupo IL revela pior desempenho na interpretação de quantificadores “alguns” e “a maioria” ( $M=2$ ).

### 3.3.7 Participante 7

As figuras (32) e (33) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 7 do grupo PEDL (com 7 anos de idade e com défice fonológico-sintático) e pelo participante do grupo IL (com 6 anos de idade), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

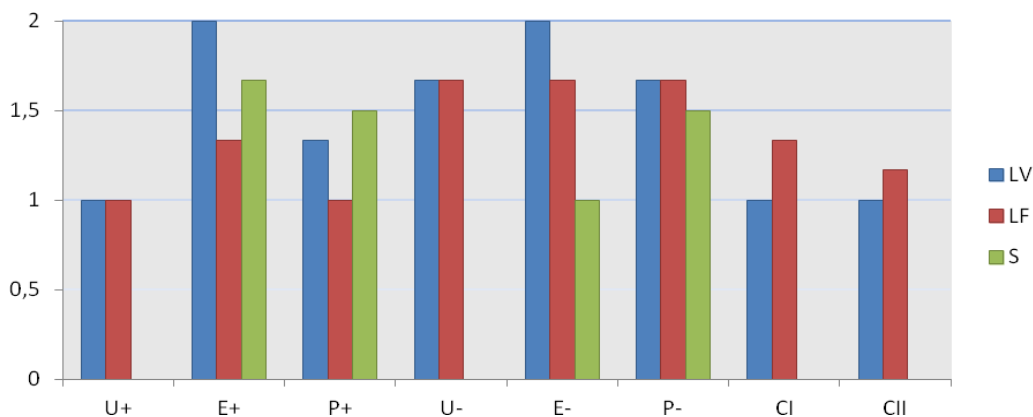


Figura 32 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 7, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

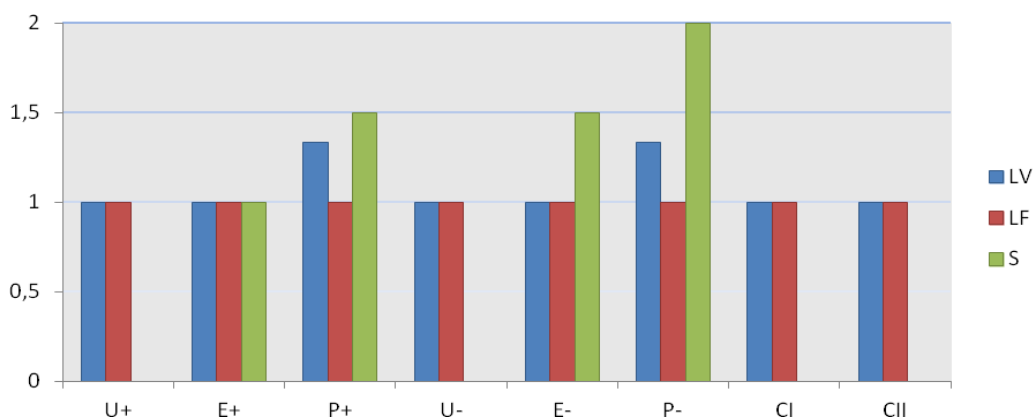


Figura 33 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 7, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

O participante do grupo PEDL, de modo geral, revela muitas dificuldades na interpretação semântica. Já o participante do grupo IL revela facilidade neste tipo de interpretação, independentemente da polaridade, mas influenciado pela complexidade dos quantificadores, principalmente, nos proporcionais.

Na interpretação pragmática, ambos os participantes interpretam corretamente enunciados subinformativos, à exceção de enunciados com “alguns” ( $M=1,67$ ), para o participante PEDL, e “a maioria... não” ( $M=2$ ), para o participante IL.

### 3.3.8 Participante 8

As figuras (34) e (35) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 8 do grupo PEDL (com 7 anos de idade e défice léxico-sintático) e pelo

participante do grupo IL (com 6 anos de idade), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

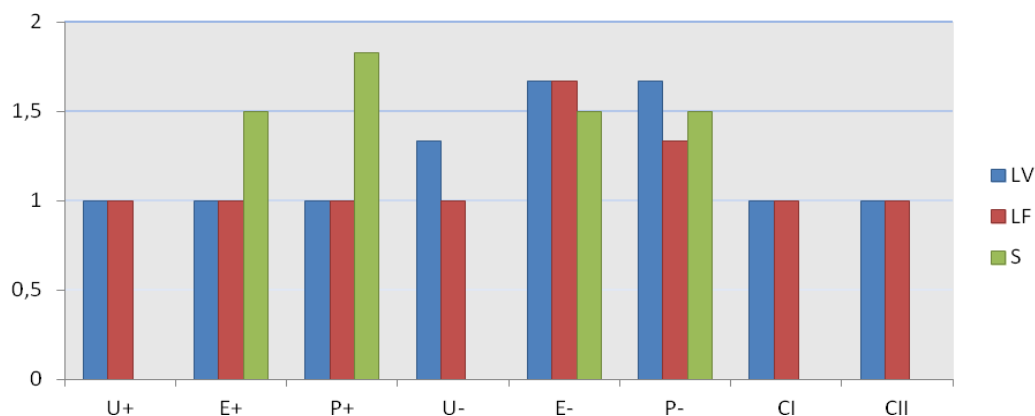


Figura 34 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 8, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

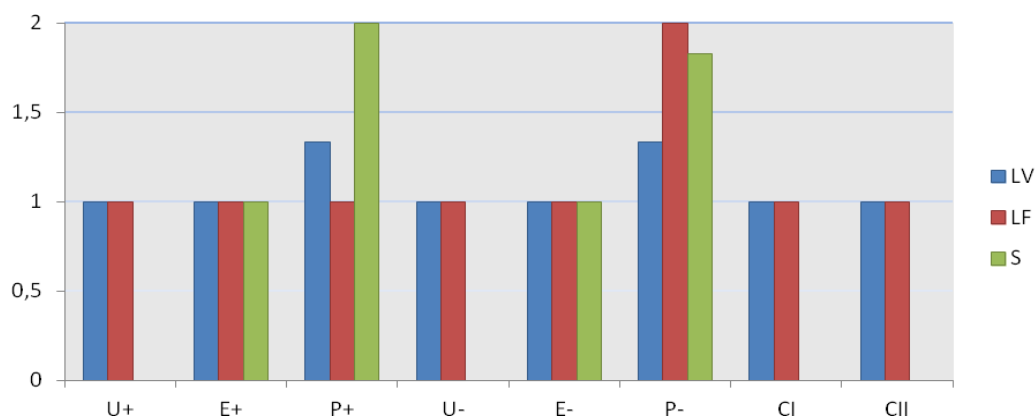


Figura 35 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 8, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Ambos os grupos revelam facilidade em interpretar enunciados segundo a semântica, contudo o grupo PEDL revela dificuldade na interpretação de quantificadores em contextos negativos, de forma geral e o grupo IL, revela dificuldade na interpretação do proporcional, em geral Regista-se uma maior consistência nas respostas do participante do grupo IL.

Na interpretação pragmática, o participante do grupo PEDL revela dificuldade neste tipo de interpretação, evidenciando maior dificuldade na interpretação de “a maioria” (M=1,83) e a média dos restantes quantificadores encontram-se na linha de corte entre as propostas corretas e as incorretas. O participante do grupo IL mostra maior dificuldade na interpretação dos proporcionais “a maioria” (M=2) e “a

maioria...não” (M=1,83); contudo, o participante IL rejeita enunciados subinformativos com existenciais, independentemente da polaridade do contexto. Assim, ambos os participantes revelam dificuldade na interpretação pragmática.

### 3.3.9 Participante 9

As figuras (36) e (37) representam a média de respostas corretas fornecidas pelo participante 9 do grupo PEDL (com 9 anos de idade e com déficit léxico-sintático) e pelo participante do grupo IL (com 8 anos de idade), respetivamente, no que se refere à interpretação semântica e pragmática.

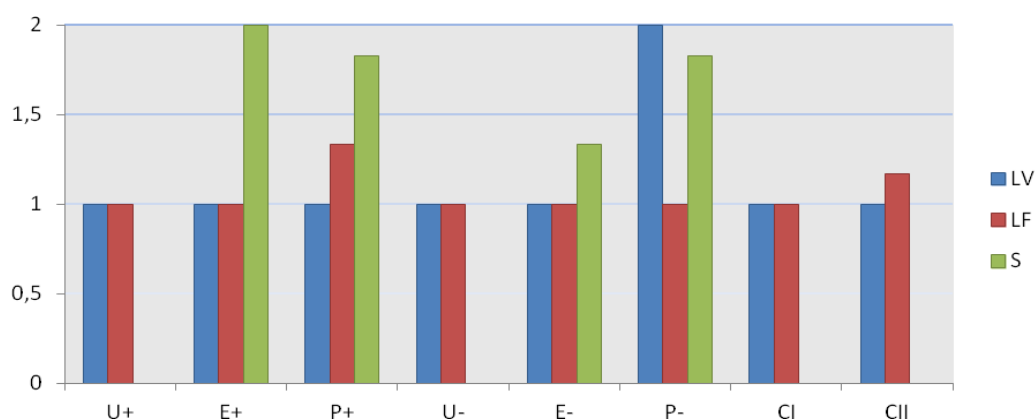


Figura 36 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 9, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

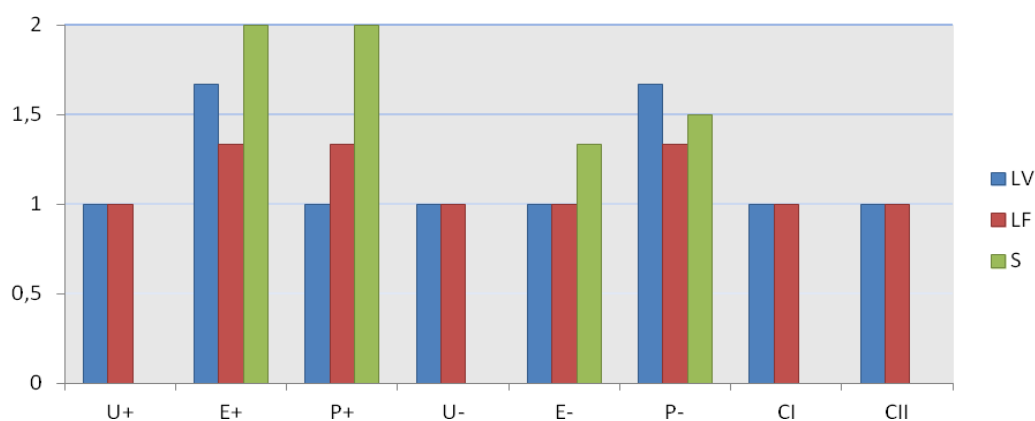


Figura 37 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 9, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo.

Ambos os participantes revelam facilidade na interpretação de enunciados, segundo o significado semântico, contudo o participante do grupo PEDL revela maior consistência de respostas (M=1), embora revele dificuldade com os proporcionais (“a

maioria” (M=1,17) e “a maioria...não” (M=1,5)). O participante do grupo IL, parece ter algumas dificuldades na interpretação de “alguns” (M=1,5), “a maioria” (M=1,17) e “a maioria...não” (M=1,5). Na interpretação pragmática, ambos os participantes revelam dificuldade na interpretação de enunciados subinformativos, à exceção de “alguns...não” (M=1,33) para o participante PEDL e de “alguns...não” (M=1,3) e “a maioria...não” (M=1,5) para o participante IL.

Assim, verifica-se que poucos são os participantes que revelam um padrão de respostas consistentes. É notória, também, a variação individual que se observa ao comparar os diferentes participantes em ambos os grupos.

Por outro lado, embora ambos os grupos revelem dificuldade em interpretar enunciados subinformativos, o grupo PEDL tende a apresentar um desempenho ligeiramente melhor do que o grupo IL, neste tipo de interpretação. Este melhor desempenho poderá talvez ser atribuído aos padrões de resposta aleatórios que se observam neste grupo, que não revela consistência nas respostas nem ao nível semântico nem ao nível pragmático. Mais uma vez, ressalva-se o número reduzido da amostra.

#### 3.4 Médias das respostas dadas em função dos subtipos de PEDL

Uma vez que o grupo PEDL possui um padrão de desempenho inconsistente, considerou-se pertinente a análise do grupo PEDL, tendo em conta os diferentes subtipos dos participantes.

Assim, a análise será realizada tendo em conta a média de respostas fornecidas pela amostra (cf. anexo XIX), tendo como referência o intervalo de valores considerado nas análises anteriores.

##### 3.4.1 Subtipo fonológico-sintático

Dos três participantes com subtipo fonológico-sintático, 2 possuem 7 anos de idade e 1 participante possui 9 anos. A média de respostas dos três participantes encontra-se representada na figura (38).

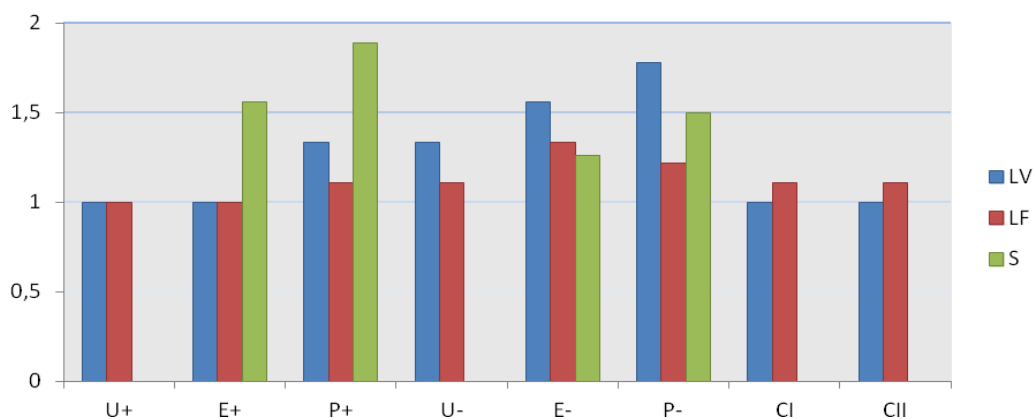


Figura 38 - Média de respostas dos participantes com subtipo fonológico-sintático.

Na interpretação semântica, verifica-se melhor desempenho nos quantificadores que surgem em contextos com polaridade positiva, em comparação com contextos negativos, assim como uma melhoria do desempenho à medida que a complexidade aumenta. Deve-se evidenciar que estas diferenças são pouco substanciais.

Na interpretação pragmática, regista-se inconsistência de respostas, logo o desempenho de “alguns...não” (M=1,26) e “a maioria...não” (M=1,5), parece melhor em comparação com “alguns” (M=1,56) e “a maioria” (M=1,89).

### 3.4.2 Subtipo léxico-sintático

Dos 4 participantes com subtipo léxico-sintático, 2 possuem 7 anos de idade, 1 participante possui 8 anos e, por fim, 1 participante possui 10 anos. A média de respostas dos participantes encontra-se representada na figura (39).

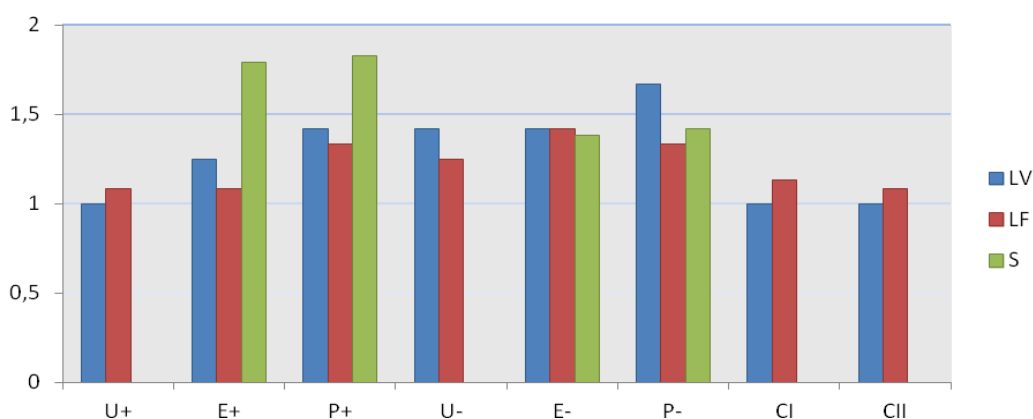


Figura 39 - Média de respostas dos participantes com subtipo léxico-sintático.

Na interpretação semântica, verifica-se melhor desempenho nos quantificadores que surgem em contextos com polaridade positiva em comparação com contextos negativos, assim como melhor desempenho à medida que a complexidade aumenta. Deve-se evidenciar que estas diferenças são pouco substanciais.

Na interpretação pragmática, regista-se algumas inconsistências, contudo o desempenho de “alguns...não” (M=1,38) e “a maioria...não” (M=1,42), parece melhor em comparação com “alguns” (M=1,79) e “a maioria” (M=1,83).

### 3.4.3 Subtipo semântico-pragmático

Dos 2 participantes com subtipo semântico-pragmático, ambos possuem 8 anos de idade. A média de respostas dos participantes encontra-se representada na figura (40).

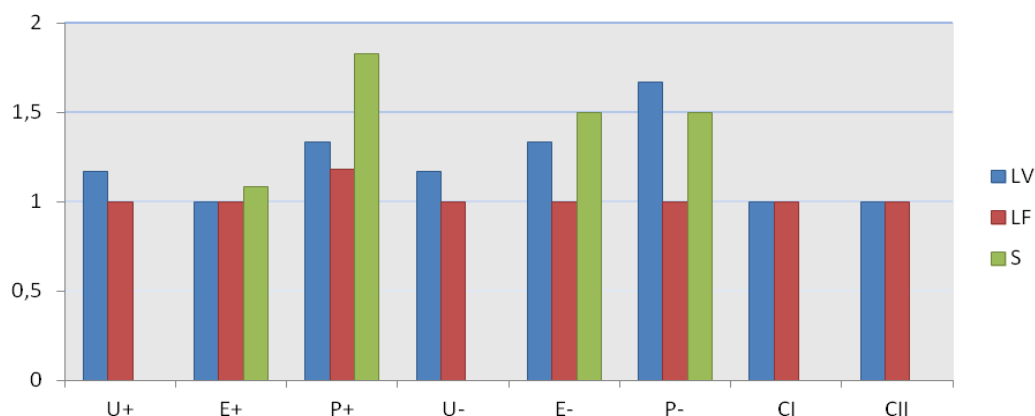


Figura 40 - Média de respostas dos participantes com subtipo semântico-pragmático.

Na interpretação semântica, verifica-se igual desempenho de “todos” e “nenhum” (M=1,09) e melhor desempenho de “alguns” (M=1) em comparação com “alguns...não” (M=1,17), assim como de “a maioria” (M=1,26) em comparação com “a maioria...não” (M=1,34), embora a diferença de desempenho seja pouco substancial.

Na interpretação pragmática, regista-se alguma inconsistência nas respostas, com melhor desempenho de “alguns” (M=1,08), seguindo-se de “alguns...não” e “a maioria...não” (M=1,5), e pior desempenho de “a maioria” (M=1,83).

De modo geral, os resultados obtidos nos três subtipos PEDL considerados revelam um fraco domínio quer a nível da interpretação semântica quer da pragmática, com resultados pouco definidos nos dois domínios interpretativos. Esta indefinição dos resultados poderá dever-se a um conhecimento semântico ainda indeterminado e a um

fraco desenvolvimento das competências pragmáticas da amostra investigada. Porém, como referimos anteriormente, o tamanho reduzido da amostra condiciona as conclusões que se possam retirar destes resultados.

### 3.5 Discussão geral

De forma a sistematizar os resultados, estes serão relacionados com as hipóteses formuladas para este estudo, tendo em conta aspetos da fundamentação teórica.

Deve referir-se que, nos itens de controlo, todos os grupos de análise apresentam um comportamento homogéneo na interpretação dos itens verdadeiros e falsos (com variações muito pouco significativas). Este facto mostra que as crianças não tendem para uma determinada resposta quando não têm a certeza da resposta correta.

Quanto à hipótese (1), referente à polaridade, verifica-se que o grupo PEDL, assim como os grupos de controlo, revelam melhor desempenho na interpretação semântica de contextos positivos em comparação com os contextos negativos, embora a diferença seja pouco substancial. Estes resultados corroboram as propostas de Horn (1989) e Just e Carpenter (1971) citados por Katsos *et al.*, (2011), que consideram que uma expressão quantificada será mais complexa se apresentar quantificadores com polaridade negativa, uma vez que a negação é um processo linguístico mais complexo, (cf. também Bott e Noveck, 2004; Breheny *et al.*, 2006).

No que se refere à hipótese (2), referente à complexidade dos quantificadores, verifica-se que o grupo PEDL assim como os grupos de controlo, revelam um melhor desempenho o desempenho melhora, na interpretação semântica, à medida que a complexidade aumenta, embora a diferença seja pouco substancial, o que comprova as afirmações de Chierchia e McConnell-Ginet (1990) e Katsos *et al.* (2010), que consideram que os universais e os existenciais são mais fáceis de interpretar do que os proporcionais, uma vez que os primeiros só requerem uma etapa de análise na interpretação, enquanto o último requer duas etapas de análise. Esta ligeira diferença no desempenho nos dois tipos de quantificadores também é descrita por Katsos *et al.* (2011).

Na hipótese (3), referente à interpretação semântica e à interpretação pragmática, os participantes revelam dificuldade quer ao nível semântico quer ao nível pragmático, o que pode relacionar-se com a possibilidade, defendida por Noveck (2001) e Guasti *et al.* (2005), de que as crianças só desenvolvem a capacidade de realizar interpretações

segundo a pragmática quando as interpretações semânticas já estão estabelecidas. Assim, não é surpreendente que, se, no nosso estudo, as crianças revelam dificuldade na interpretação semântica, apresentem também dificuldade na interpretação pragmática.

Por fim, no que se refere à hipótese (4) referente ao desenvolvimento da linguagem, primeiramente, deve-se evidenciar, que o grupo PEDL revela inconsistência no desempenho relativo à interpretação pragmática e que tal facto condiciona a comparação com os grupos de controlo. Contudo, nos resultados da análise intragrupos, verifica-se que, de modo geral, o grupo PEDL revela atraso em comparação com as crianças com a mesma idade cronológica e um atraso específico, nomeadamente, semântico e pragmático, em comparação com as crianças com a mesma idade linguística.

Assim, verifica-se que as crianças com PEDL revelam dificuldade na compreensão da semântica e da pragmática, em relação a crianças com a mesma idade cronológica e com a mesma idade linguística. Também, verifica-se, que estas dificuldades parecem ocorrer de forma igual, nos três subtipos de PEDL testados, pois não se registam diferenças substanciais no desempenho das crianças com défice semântico- pragmático em comparação com as crianças com défice fonológico-sintático e léxico-sintático.

## Capítulo VI – Conclusão

Este estudo teve como objetivos verificar se as crianças com PEDL, apresentam assimetrias quanto aos diferentes tipos de propriedades, semânticas e pragmáticas, dos enunciados quantificados, e se essas assimetrias estão relacionadas com o tipo de polaridade e o nível de complexidade dos quantificadores. Pretendeu-se, igualmente, verificar se as crianças com PEDL diferem na interpretação de enunciados com quantificadores em relação a crianças com a mesma idade cronológica e com a mesma idade linguística.

Como método recorreu-se a uma tarefa de juízo de valor de verdade, adotada de Katsos *et al.* (2011) e adaptada para o português europeu. Esta tarefa é constituída por itens referentes a enunciados quantificados com “todos”, “nenhum”, “alguns”, “alguns... não”, “a maioria” e “a maioria...não” e contém três tipos de itens: enunciados que, segundo o significado lógico, representam duas condições, a verdadeira e a falsa, por um lado; e, por outro lado, enunciados que, segundo o significado pragmático, são logicamente verdadeiros mas subinformativos.

Com este estudo, concluiu-se que a polaridade dos contextos (hipótese i) e a complexidade dos quantificadores (hipótese ii) influenciam (embora de forma pouco significativa) a interpretação de enunciados, segundo o significado semântico. Por outro lado, embora se verifique melhor desempenho na interpretação semântica, nos grupos de controlo, parece haver evolução no grupo de idade cronológica, contudo o número reduzido de participantes nas faixas etárias mais avançadas, impede a generalização deste resultado. Assim, considera-se que todos os grupos em análise revelam dificuldades na interpretação de enunciados segundo o significado semântico e o significado pragmático (contrariando a hipótese iii). No que se refere à hipótese (iv) referente ao desenvolvimento da linguagem, evidencia-se que o grupo PEDL revela atrasos em comparação com o grupo IC e um atraso específico em relação ao grupo IL.

Futuramente, seria relevante realizar um estudo semelhante com uma amostra maior, constituída apenas por crianças com o subtipo de PEDL semântico-pragmático, dado que o objetivo do estudo se relaciona especificamente com as estruturas linguísticas semântica e pragmática.

## Referências Bibliográficas

Bishop, D. (2003). Autism and specific language impairment: categorical distinction or continuum? Informação apresentada em Novartis Foundation Symposium 25, em 2003. Autism: Neural Basis and Treatment Possibilities, Wiley, Chichester.

Bishop, D., Bright, P., Bishop, S.J. e Van Der Lely, H. (2000). Grammatical SLI: A distinct subtype of developmental language impairment? *Applied Psycholinguistics*, 21, 159-181. Cambridge University Press. Recuperado em 26 de maio, 2011, em <http://www.dldcn.org/bishopetal00.pdf>

Bott, L. e Noveck, I. (2004). Some utterances are underinformative: The onset and time course of scalar inferences. *Journal of Memory and Language* 51, 437 – 457. Recuperado em 22 de outubro, 2010, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleListURL&\\_method=list&\\_ArticleListID=1509654837&\\_sort=r&\\_st=13&\\_view=c&\\_acct=C000057389&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_userid=2459663&\\_md5=8706d6f7a981977337e452f9d9b6e295&\\_searchtype=a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleListURL&_method=list&_ArticleListID=1509654837&_sort=r&_st=13&_view=c&_acct=C000057389&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2459663&_md5=8706d6f7a981977337e452f9d9b6e295&_searchtype=a)

Breheny, R.; Katsos, N. e Williams, J. (2006). Are generalised scalar implicatures generated by default? An on-line investigation into the role of context in generating pragmatic inferences. *Cognition* 100, 434 – 463. Recuperado em 22 de outubro, 2010, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleURL&\\_udi=B6T24-4GXVGD26&\\_user=2459663&\\_coverDate=07/31/2006&\\_alid=1509642086&\\_rdoc=3&\\_fmt=high&\\_orig=search&\\_origin=search&\\_zone=rslt\\_list\\_item&\\_cdi=4908&\\_sort=r&\\_st=13&\\_docanchor=&\\_view=c&\\_ct=189&\\_acct=C000057389&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_userid=2459663&\\_md5=e1e77bde222a584bd532ee3377a6401f&\\_searchtype=a#secx2](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6T24-4GXVGD26&_user=2459663&_coverDate=07/31/2006&_alid=1509642086&_rdoc=3&_fmt=high&_orig=search&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_cdi=4908&_sort=r&_st=13&_docanchor=&_view=c&_ct=189&_acct=C000057389&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2459663&_md5=e1e77bde222a584bd532ee3377a6401f&_searchtype=a#secx2)

Brooks, J.P. e Braine, M. D.S. (1996). What do children know about the universal quantifiers *all* and *each*? *Cognition*, 60, 235–268. Recuperado em 16 de junho, 2011, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=MImage&\\_imagekey=B6T24-3W314PT-2](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MImage&_imagekey=B6T24-3W314PT-2)

[2&\\_cdi=4908&\\_user=2459663&\\_pii=0010027796007123&\\_origin=search&\\_coverDate=09%2F30%2F1996&\\_sk=999399996&\\_view=c&\\_wchp=dGLbVzz-zSkzV&\\_md5=88677237d7c41a52dada6abdc4cb10a&\\_ie=/sdarticle.pdf](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_imagekey=B6T85-3W2579F-2-2&_cdi=4908&_user=2459663&_pii=0010027796007123&_origin=search&_coverDate=09%2F30%2F1996&_sk=999399996&_view=c&_wchp=dGLbVzz-zSkzV&_md5=88677237d7c41a52dada6abdc4cb10a&_ie=/sdarticle.pdf)

Castro, S.L. e Gomes, I. (2000). Dificuldades da Linguagem Falada. In Castro, S.L. e Gomes, I. (Org.). *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

Castro-Rebolledo, R.; Giraldo-Prieto, M.; Hincapié-Henao, L.; Lopera, F. e Pineda, D.A. (2004). Trastorno específico del desarrollo del lenguaje: una aproximación teórica a su diagnóstico, etiología y manifestaciones clínicas. *Revista de Neurologia* 39 (12), 1173-1181. Colombia. Recuperado em 5 de junho, 2011, de <http://www.revneurologia.com/sec/download.php?id=2004337>

Chierchia, G. e McConnell-Ginet, S (1990) *Meaning and Grammar: An Introduction to Semantics*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Clarke, M. e Leonard, M. (1996). Lexical Comprehension and Grammatical Deficits in Children with Specific Language Impairment. *Journal Communication Sciences and Disorders* 29, 95-105. Recuperado a 25 de maio, 2011, em [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=MIimg&\\_imagekey=B6T85-3W2579F-2-2&\\_cdi=5077&\\_user=2459663&\\_pii=0021992494000360&\\_origin=mlkt&\\_zone=rslt\\_1ist\\_item&\\_coverDate=04%2F30%2F1996&\\_sk=999709997&\\_wchp=dGLbVtb-zSkWA&\\_md5=8289a132cf0ce8e44e01a69e8650c1c0&\\_ie=/sdarticle.pdf](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_imagekey=B6T85-3W2579F-2-2&_cdi=5077&_user=2459663&_pii=0021992494000360&_origin=mlkt&_zone=rslt_1ist_item&_coverDate=04%2F30%2F1996&_sk=999709997&_wchp=dGLbVtb-zSkWA&_md5=8289a132cf0ce8e44e01a69e8650c1c0&_ie=/sdarticle.pdf)

Gennari, S. P. e McDonald, M. (2006). Acquisition of Negation and Quantification: Insights From Adult Production and Comprehension. *Language Acquisition*, 13, 125 — 168. Recuperado a 17 de janeiro, 2010, de [http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327817la1302\\_5](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327817la1302_5)

Geurts, B. (2009). Nonce inferences or defaults?. In Geurts (Org.). *Quantity implicatures* (pp.82-102) Cambridge University Press.

Geurts, B. (2009). Scalar implicatures. In Geurts (Org.). *Quantity implicatures* (pp.49-64) Cambridge University Press.

Gouveia, C. A. M. (1996). Pragmática. In Hub Faria, I., Pedro, E., Duarte, I & Gouveia, C. A. M. (Org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Gordon, P. (1996). The truth-value judgment task. In McDaniel, D.; McKee, C. & Cairns, H.S. (Org.). *Methods for assessing children's syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 211-231.

Green, M. G. (1996). *Pragmatics and Natural Language Understanding*. 2ª edição. Mahwah, New Jersey. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Grice, H. P. (1975). Logic and Conversation. In P. Cole & J. Morgan (Eds.), *Syntax and Semantics* (Vol.3, pp. 41–58). New York: Academic.

Grodner, D.; Klein, N.; Carbary, K. e Tanenhaus, M. (2010). “Some,” and possibly all, scalar inferences are not delayed: Evidence for immediate pragmatic enrichment. *Cognition* 116, 42–55. Recuperado em 22 de outubro, 2010, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleURL&\\_udi=B6T244YVG87R1&\\_user=2459663&\\_coverDate=07/31/2010&\\_alid=1509642086&\\_rdoc=6&\\_fmt=high&\\_orig=search&\\_origin=search&\\_zone=rslt\\_list\\_item&\\_cdi=4908&\\_sort=r&\\_st=13&\\_docanchor=&\\_view=c&\\_ct=189&\\_acct=C000057389&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_userid=2459663&\\_md5=56d95ea4e0c0176d96fb42632d8fff3b&\\_searchtype=a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6T244YVG87R1&_user=2459663&_coverDate=07/31/2010&_alid=1509642086&_rdoc=6&_fmt=high&_orig=search&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_cdi=4908&_sort=r&_st=13&_docanchor=&_view=c&_ct=189&_acct=C000057389&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2459663&_md5=56d95ea4e0c0176d96fb42632d8fff3b&_searchtype=a)

Guasti, M.T.; Chierchia, G.; Crain, S.; Foppolo, F.; Gualmini, A. e Meroni, L. (2005). Why children and adults sometimes (but not always) compute implicatures. *Language and Cognitive Processes*, 20 (5), 667 – 696. Recuperado em 4 outubro de, 2010, de <http://www.let.uu.nl/~Andrea.Gualmini/personal/Papers/Guastietal.pdf>

Guasti, M.T. (2002). Aspects of the Acquisition of Quantification. In Guasti, M.T. (Org.). *Language Acquisition: The growth of grammar*. Cambridge Mass: MIT Press.

Hincapié-Henao, L.; Giraldo-Prieto, M., Lopera-Restrepo, F.; Pineda-Salazar, D. F.; Castro-Rebolledo, R.; Lopera-Vásquez, J.P.; Mendieta-Villamizar, N.S.; Jaramillo-Pérez, A. M., Arboleda-Ramirez, A.; Aguirre-Acevedo, D. C. e Lopera-Echeverri, E. (2008). Trastorno Específico del Desarrollo del Lenguaje en una población infantil colombiana. *Univ. Psychol.*, 7 (2), 557-569. Recuperado em 5 de junho, 2011, em <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&sqi=2&ved=0CCMQFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.javeriana.edu.co%2Findex.php%2FrevPsycho%2Farticle%2Fdownload%2F324%2F256&ei=2VuT73qKcaW8QPInah2&usg=AFQjCNEgUyEQwKv0uG0sNQmZHZJqEaWwUYA>

Huang, Y.T. e Snedeker, J. (2009). Online interpretation of scalar quantifiers: Insight into the semantics–pragmatics interface. *Cognitive Psychology* 58, 376-415. Recuperado em 24 de outubro, 2010, em [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleURL&\\_udi=B6WCR4TTNCH61&\\_user=2459663&\\_coverDate=05%2F31%2F2009&\\_rdoc=1&\\_fmt=high&\\_orig=gateway&\\_origin=gateway&\\_sort=d&\\_docanchor=&\\_view=c&\\_searchStrId=1701166119&\\_rerunOrigin=scholar.google&\\_acct=C000057389&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_userid=2459663&\\_md5=d09c4a106244a72e673f3fbb0e915bd3&\\_searchtype=a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6WCR4TTNCH61&_user=2459663&_coverDate=05%2F31%2F2009&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=gateway&_origin=gateway&_sort=d&_docanchor=&_view=c&_searchStrId=1701166119&_rerunOrigin=scholar.google&_acct=C000057389&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2459663&_md5=d09c4a106244a72e673f3fbb0e915bd3&_searchtype=a)

Hurewitz, F.; Papafragou, A., Gleitman, L. e Gelman, R. (2006). Asymmetric in the acquisition of number and quantifiers. *Language Learning and Development*, 2(2), 77–96. Recuperado em 22 de outubro, 2010, de <http://papafragou.psych.udel.edu/papers/asymmetries.pdf>

Joanisse, M. F. e Seidenberg, M.S. (1998). Specific language Impairment: deficit in grammar or processing? *Cognitive Sciences*, 2 (7), 240-246. Recuperado em 9 de março, 2011, em [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=MIImg&\\_imagekey=B6VH9-3TK66B9-6-1&\\_cdi=6061&\\_user=2459663&\\_pii=S1364661398011863&\\_origin=article&\\_coverDate=07/01/1998&\\_sk=999979992&\\_view=c&\\_wchp=dGLbVzb-zSkzS&\\_md5=1e8fd92ca162d32cff86cc125325be73&\\_ie=/sdarticle.pdf](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_imagekey=B6VH9-3TK66B9-6-1&_cdi=6061&_user=2459663&_pii=S1364661398011863&_origin=article&_coverDate=07/01/1998&_sk=999979992&_view=c&_wchp=dGLbVzb-zSkzS&_md5=1e8fd92ca162d32cff86cc125325be73&_ie=/sdarticle.pdf)

Katsos, N.; Roqueta, C. A.; Clemente Estevan, R. A.; Cummins, C. (2011). Are children with Specific Language Impairment competent with the pragmatics and logic of quantification? *Cognition* 119, 43-57. Recuperado em 9 de março, 2011, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleURL&\\_udi=B6T2451Y3WSM2&\\_user=10&\\_coverDate=04%2F30%2F2011&\\_rdoc=1&\\_fmt=high&\\_orig=gateway&\\_origin=gateway&\\_sort=d&\\_docanchor=&\\_view=c&\\_searchStrId=1701159049&\\_rerunOrigin=scholar.google&\\_acct=C000050221&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_userid=10&\\_md5=885879e251a534ece065252ed52e33dd&\\_searchtype=a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6T2451Y3WSM2&_user=10&_coverDate=04%2F30%2F2011&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=gateway&_origin=gateway&_sort=d&_docanchor=&_view=c&_searchStrId=1701159049&_rerunOrigin=scholar.google&_acct=C000050221&_version=1&_urlVersion=0&_userid=10&_md5=885879e251a534ece065252ed52e33dd&_searchtype=a)

Koch, K.; Schulz, P. e Katsos, N. (2010). Do children compute some or most scalar implicatures? Evidence from German. Poster apresentado na conferência Let the Children Speak. Learning of Critical Language Skills across 28 Languages, 22-24 Jan. 2010, Londres.

Leonard, C. (1998). *Children with Specific Language Impairment*. Massachusetts: Bradford.

Lidz, J. e Musolino, J. (2002). Children's command of quantification. *Cognition*, 84, 113-154. Recuperado em 16 de outubro, 2011, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=MIImg&\\_imagekey=B6T24-4VKVC0P11T&\\_cdi=4908&\\_user=2459663&\\_pii=S0010027708002898&\\_origin=search](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_imagekey=B6T24-4VKVC0P11T&_cdi=4908&_user=2459663&_pii=S0010027708002898&_origin=search)

[ch&\\_zone=rslt\\_list\\_item&\\_coverDate=04%2F30%2F2009&\\_sk=998889998&\\_wchp=dGLbVIW-zSkWW&\\_md5=3f91de68df62db74b455de6cac779a5d&\\_ie=/sdarticle.pdf](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ShoppingCartURL&_method=add&_eid=1s2.0S0024384110002482&_originContentFamily=serial&_origin=article&_acct=C000228598&_version=1&_userid=10&_ts=1332676750&_md5=dd11851735999579397c5a08ef12620a)

Mastropavlou, M. e Tsimpli, I.M. (2011). Complementizers and subordination in typical language acquisition and SLI. *Lingua*, 121, 442–462. Recuperado a 10 de junho, 2011, em

[http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ShoppingCartURL&\\_method=add&\\_eid=1s2.0S0024384110002482&\\_originContentFamily=serial&\\_origin=article&\\_acct=C000228598&\\_version=1&\\_userid=10&\\_ts=1332676750&\\_md5=dd11851735999579397c5a08ef12620a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ShoppingCartURL&_method=add&_eid=1s2.0S0024384110002482&_originContentFamily=serial&_origin=article&_acct=C000228598&_version=1&_userid=10&_ts=1332676750&_md5=dd11851735999579397c5a08ef12620a)

Mateus, Maria Helena et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Editorial Caminho.

Meibauer, J. (2006). Implicature. In Brown, E. K., Asher, R.E., Simpson, J.M.Y. (Org.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Editor-in-Chief: Keith Brown, Elsevier.

Musolino, J.; Crain, S. e Thornton, R. (2000). Navigating negative quantificational space. *Linguistics*, 38, 1-32. Recuperado em 26 de maio, 2011, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=MIImg&\\_imagekey=B6T24-4VKVC0P-1-1T&\\_cdi=4908&\\_user=2459663&\\_pii=S0010027708002898&\\_origin=search&\\_zone=rslt\\_list\\_item&\\_coverDate=04%2F30%2F2009&\\_sk=998889998&\\_wchp=dGLbVIW-zSkWW&\\_md5=3f91de68df62db74b455de6cac779a5d&\\_ie=/sdarticle.pdf](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_imagekey=B6T24-4VKVC0P-1-1T&_cdi=4908&_user=2459663&_pii=S0010027708002898&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_coverDate=04%2F30%2F2009&_sk=998889998&_wchp=dGLbVIW-zSkWW&_md5=3f91de68df62db74b455de6cac779a5d&_ie=/sdarticle.pdf)

Narbona, J. e Chevrie-Muller, vC. (2003) *El Lenguaje del niño: Desarrollo normal, evaluación y trastornos*. Barcelona. Editora MASSON.

Nieuwland, M.; Ditman, T. e Kuperberg, G. (2010). On the incrementality of pragmatic processing: An ERP investigation of informativeness and pragmatic abilities. *Journal of Memory and Language* 63, 324–346. Recuperado em 22 de outubro, 2010, de

[http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=MIimg&\\_imagekey=B6WK450J3D3J2F&\\_cdi=6896&\\_user=2459663&\\_pii=S0749596X10000549&\\_origin=search&\\_zone=rslt\\_list\\_item&\\_coverDate=10/31/2010&\\_sk=999369996&\\_wchp=dGLbVzzzSkWA&\\_md5=9a9d5e290ced2f3d879125811bb4fe14&\\_ie=/sdarticle.pdf](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_imagekey=B6WK450J3D3J2F&_cdi=6896&_user=2459663&_pii=S0749596X10000549&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_coverDate=10/31/2010&_sk=999369996&_wchp=dGLbVzzzSkWA&_md5=9a9d5e290ced2f3d879125811bb4fe14&_ie=/sdarticle.pdf)

Noveck, J. (2001). When children are more logical than adults: Experimental investigations of scalar implicature. *Cognitive* 78(2), 165-188. Recuperado em 22 de outubro, 2010, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleURL&\\_udi=B6T2441V35693&\\_user=2459663&\\_coverDate=02%2F28%2F2001&\\_rdoc=1&\\_fmt=high&\\_orig=gateway&\\_origin=gateway&\\_sort=d&\\_docanchor=&\\_view=c&\\_searchStrId=1701173433&\\_rerunOrigin=google&\\_acct=C000057389&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_useid=2459663&\\_md5=934fa93d9fccdc01346e0a6cc9f54f73&\\_searchtype=a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6T2441V35693&_user=2459663&_coverDate=02%2F28%2F2001&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=gateway&_origin=gateway&_sort=d&_docanchor=&_view=c&_searchStrId=1701173433&_rerunOrigin=google&_acct=C000057389&_version=1&_urlVersion=0&_useid=2459663&_md5=934fa93d9fccdc01346e0a6cc9f54f73&_searchtype=a)

Papafragou, A. e Musolino, J. (2003). Scalar Implicatures: experiments at the semantics-pragmatics interface. *Cognition*, 86, 253–282. Recuperado em 4 de outubro, 2010, de [http://www.sciencedirect.com/science?\\_ob=ArticleListURL&\\_method=list&\\_ArticleListID=1509642086&\\_sort=r&\\_st=13&\\_view=c&\\_acct=C000057389&\\_version=1&\\_urlVersion=0&\\_userid=2459663&\\_md5=1784b350815173df0fbcbaaf04d5c2a6&\\_searchtype=a](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleListURL&_method=list&_ArticleListID=1509642086&_sort=r&_st=13&_view=c&_acct=C000057389&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2459663&_md5=1784b350815173df0fbcbaaf04d5c2a6&_searchtype=a)

Sua Kay, E., Santos, M.E.; Ferreira, A.I.; Duarte, G.M., e Calado, A. M. (2003). *Grelha de Avaliação da Linguagem - nível escolar*. Escola Superior de Saúde de Alcoitão.

Verhoeven, L. e Van Balkom, H. (2004). *Classification of developmental Language Disorders: theoretical, Issues and Clinical Implications*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Yatsushiro, K. (2008). Quantifier Acquisition: Presuppositions of “every”. *Grønn, Atle* (ed.): *Proceedings of SuB12*, Oslo: ILOS. Recuperado a 26 de junho, 2011, de [http://www.hf.uio.no/ilos/forskning/aktuelt/arrangementer/konferanser-seminarer/2007/SuB12/proceedings/yatsushiro\\_663-677.pdf](http://www.hf.uio.no/ilos/forskning/aktuelt/arrangementer/konferanser-seminarer/2007/SuB12/proceedings/yatsushiro_663-677.pdf)

## Índice de Figuras

Figura 1 - Classificação dos quantificadores em função da estrutura lógica e polaridade. ....	13
Figura 2 - As duas possíveis interpretações dos quantificadores na mesma escala, de acordo com o tipo de contexto (Huang e Snedeker, 2009:378). ....	23
Figura 3 – Dois estádios no desenvolvimento da compreensão do quantificador “todos” (Yatsushiro, 2008:664).....	28
Figura 4 – Síntese dos subtipos de PEDL propostos por Rapin e Allen (1983) (in Joanisse & Seidenberg, 1998; Narbona & Chevrie-Muller, 2003, Leonard, 1998) .....	33
Figura 5 - Exemplo de um objeto, na apresentação do <i>power-point</i> . ....	43
Figura 6 - Exemplo de 5 objetos e 5 atores, nos itens de treino. ....	43
Figura 7 - Exemplo de um item propriamente dito.....	43
Figura 8 - Média de respostas, do grupo PEDL, referente à interpretação semântica e pragmática e aos itens de controlo. ....	48
Figura 9 - Exemplo de um item que avalia a interpretação semântica do quantificador “nenhum”, na condição verdadeira. ....	50
Figura 10 – Média de respostas, no grupo IC, referentes à interpretação semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	52
Figura 11 – Média de respostas, no grupo IL, referentes à interpretação semântica e pragmática e aos itens de controlo. ....	54
Figura 12 – Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 7 anos, referentes às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo. ....	58
Figura 13 – Média de respostas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 7 anos no grupo IL, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	58
Figura 14 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 8 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	60
Figura 15 - Média de respostas corretas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 8 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	60
Figura 16 - Média de respostas corretas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 9 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	61
Figura 17 - Média de respostas corretas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 9 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	62

Figura 18 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, na faixa etária dos 10 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	63
Figura 19 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IC, na faixa etária dos 10 anos, referente às interpretações semântica e pragmática e aos itens de controlo.....	63
Figura 20 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 1, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	66
Figura 21 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 1, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	66
Figura 22 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 2, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	67
Figura 23 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 2, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	67
Figura 24 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 3, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	68
Figura 25 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 3, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	68
Figura 26 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 4, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	69
Figura 27 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 4, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	69
Figura 28 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 5, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	70
Figura 29 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 5, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	70
Figura 30 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 6, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	71
Figura 31 – Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 6, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	72
Figura 32 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 7, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	73
Figura 33 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 7, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	73
Figura 34 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 8, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	74

Figura 35 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 8, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	74
Figura 36 - Média de respostas fornecidas pelo grupo PEDL, participante 9, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	75
Figura 37 - Média de respostas fornecidas pelo grupo IL, participante 9, referente às interpretações semântica e pragmática e itens de controlo. ....	75
Figura 38 - Média de respostas dos participantes com subtipo fonológico-sintático. ....	77
Figura 39 - Média de respostas dos participantes com subtipo léxico-sintático. ....	77
Figura 40 - Média de respostas dos participantes com subtipo semântico-pragmático. .	78

## **ANEXOS**

Anexo I – Frequência e Percentagem do grupo PEDL, em função do género, escolaridade, idade e subtipo dos participantes

Anexo II- Frequência e Percentagem do grupo IC, em função do género, escolaridade e idade dos participantes

Anexo III- Frequência e Percentagem do grupo IL, em função do género, escolaridade e idade dos participantes

Anexo IV – Folha de registo da GOL-E

Anexo V – Constituição dos itens do TIE

Anexo VI – Folha de registo do TIE, 1º versão

Anexo VII – Folha de registo do TIE, 2º versão

Anexo VIII – Consentimento Informado

Anexo IX – Tabela com os dados referentes à faixa etária dos grupos PEDL e IC

Anexo X – Tabela com os dados referentes à pontuação obtida na GOL-E dos grupos PEDL e IL

Anexo XI – Média de respostas do grupo PEDL

Anexo XII – Média de respostas do grupo de controlo, IC

Anexo XIII – Média de respostas do grupo de controlo, IL

Anexo XIV – Média de respostas dadas pelos participantes com 7 anos de idade

Anexo XV – Média de respostas dadas pelos participantes com 8 anos de idade

Anexo XVI – Média de respostas dadas pelos participantes com 9 anos de idade

Anexo XVII – Média de respostas dadas pelos participantes com 10 anos de idade

Anexo XVIII – Média de respostas dos grupos PEDL e IL

Anexo XIX – Média das respostas do grupo PEDL em função dos subtipos de PEDL.

